

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de batismo da Plataforma de Petróleo FPSO Sevam-Piranema do Campo de Piranema

Aracaju-SE, 04 de setembro de 2007

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe,

Senhora Turid Rodrigues Eusébio, embaixadora da Noruega no Brasil,
Senhor Nelson Rubner, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Senhor Arne Smedal, presidente da Sevan Marine,

Senhor Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Senhor Pedro Brito, secretário especial de Portos,

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Belivaldo Chagas, vice-governador de Sergipe,

Deputado Ulices Andrade, presidente da Assembléia Legislativa do estado de Sergipe,

Desembargador José Artêmio Barreto, presidente do Tribunal de Justiça do estado de Sergipe,

Companheiros deputados que têm contribuído de forma decisiva para que essas coisas que tanto nós anunciamos sejam aprovadas no Congresso Nacional, Jackson Barreto, Eduardo Amorim e Albano Franco,

Meu querido companheiro Edvaldo Nogueira Filho, prefeito de Aracaju,

Meu caro companheiro Ivan Leite, prefeito de Estância,

Minha querida companheira Maria das Graças Foster, presidente da BR Distribuidora,

Meu companheiro Estrela, meu caro Paulo Roberto, todos companheiros diretores da Petrobras,

Meu querido companheiro José Eduardo Dutra – eu quero saber qual é a notícia que o Déda quer que eu dê, depois eu vou pedir para ele.

Meus caros companheiros da diretoria da Petrobras,
Funcionários da unidade da Petrobras em Sergipe e Alagoas,
Companheiros estudantes da Petrobras – se podemos chamar assim,
Membros da delegação da Noruega,
Companheiros e companheiras,

Membros e atletas da nossa Seleção de Handebol. Eu acho que é importante dar a notícia para vocês: em 1961, quando eu estava no Senai, eu jogava handebol. Não consegui chegar à Seleção Brasileira. Acho que a minha bursite é do tempo que eu jogava handebol. Mas, de qualquer forma, fico feliz pela posição que o Brasil ostenta hoje no handebol. Fiquei impressionado com a leveza da nossa seleção, eu não sabia que estava tão rápido o jogo de handebol.

Mas, companheiros e companheiras, secretários de Estado, prefeitos das cidades do interior, deputados estaduais, vereadores, companheiros e companheiras de Sergipe,

Dois avisos importantes, Déda, quando você for citar os números preste bem atenção, porque você perdeu, aqui, 600 milhões de reais. Não são 3 bilhões que a gente vai investir até 2010, na Petrobras, são 1 bilhão, 842 milhões de dólares, o que dá, na verdade, 3 bilhões e 600 milhões de reais investidos aqui.

Segundo, a Petrobras veio investir aqui, não foi por causa do Estrela, por causa da Graça, do Paulo Roberto, do José Sérgio, não, foi porque eu disse para eles que a profundidade de petróleo aqui, a profundidade das águas para a gente achar petróleo é tão rasa que se eles não fazem o investimento eu iria mergulhar e trazer petróleo no pote. Do mesmo jeito que eu ia buscar água no açude, lá em Garanhuns, eu iria pegar dois potes, mergulhar e trazer cheios de petróleo, para eles perceberem que tinha petróleo aqui dentro.

A terceira coisa que eu considero importante, Marcelo Déda, é que hoje é um dia daqueles em que a gente se levanta, trabalha o dia inteiro e, quando voltar para casa e deita, a gente chega à conclusão de que valeu a pena e vale a pena ser governante, seja municipal, estadual ou presidente da República.

Nós fomos de manhã inaugurar um terminal do Porto de Suape, lá em Pernambuco. Depois fomos começar a terraplanagem da Refinaria Abreu e Lima, também lá em Pernambuco, e agora estamos aqui. Eu confesso a você

que jamais imaginei ver uma plataforma redonda como esta, bonita, e ainda disseram que não afunda, então, vai ser às mil maravilhas. E saber que isso é resultado de uma parceria tecnológica entre os conhecimentos da nossa Petrobras e os conhecimentos tecnológicos da Noruega. Depois, eu saio daqui e vou a Petrolina inaugurar um Senai, junto com o presidente da CNI e o governador de Pernambuco. Essas coisas todas que estão acontecendo no nosso País, no fundo, no fundo, são o resultado de um plantio que nós agora estamos colhendo. Nós plantamos, parecia que em 2005 e 2006 ia dar um vendaval que queria destruir toda a nossa plantação, nós tivemos o cuidado necessário de fazer a cobertura na nossa lavoura e hoje estamos colhendo a solidez que todos nós construímos neste País.

Eu tenho 61 anos, poderia dizer que tenho 62, porque no dia 27 de outubro – com o presente que eu sei que você vai me dar – eu vou completar 62 anos de idade. Desses 62 anos de idade, praticamente mais da metade deles eu passei na rua fazendo passeata, assembléia, carregando bandeira contra A, contra B, contra C, reivindicando aumento de salário, reivindicando melhoria para as coisas do Brasil, e eu tenho consciência do momento que nós estamos vivendo. Eu não quero ser ufanista, não quero dizer que nós já fizemos tudo que tinha que ser feito no Brasil, porque nós pegamos um estoque de coisas atrasadas e mal feitas no Brasil, de séculos. Afinal de contas, a gente não consegue consertar 500 anos em 500 dias, muito menos em cinco anos ou em oito anos, é um processo, em que nós estamos aprendendo. É um processo de um país que assumiu a responsabilidade de se transformar numa grande economia, de ser um país que possa estar entre as grandes economias mundiais, de ser um país que possa estar entre as grandes nações com alto grau de conhecimento em tecnologia, de ser um país em que a sua juventude passa a ter um padrão educacional melhor e de ser um país que tomou consciência de que, fazendo as coisas certas, a tendência natural é a gente colher as coisas certas. E nós hoje, Déda, estamos colhendo tudo o que nós plantamos nos primeiros quatro anos de mandato. E vamos colher muito mais, sabendo que ainda vai ter vendaval, vai ter tempestades, vai ter uma série de coisas que nós temos que enfrentar. O que é importante para um governante é que, em nenhum momento, ele pode entrar em desespero. É como um chefe de casa: um filho pode ficar nervoso, um filho pode brigar por

10 reais, outro pode brigar por 15 reais, outro pode querer brigar para a mãe deixá-lo usar o carro. Ou seja, quem tem muitos filhos, como eu que tenho cinco, é uma confusão generalizada. E o pai nunca pode perder o equilíbrio. E eu acho que é isso que nós estamos fazendo, nós temos certeza do que nós queremos para o Brasil, temos consciência de onde nós podemos chegar, temos consciência das coisas que nós temos que fazer para o Brasil e estamos fazendo.

Eu estou vivendo um dos momentos mais extraordinários da minha vida como ser humano, talvez porque eu não tenha que disputar eleição em 2010, então, é uma carga extraordinária que saiu das minhas costas. Mas estou vivendo um momento em que eu sei exatamente o que é possível fazer, sei exatamente quais as dificuldades que a gente tem que enfrentar, sei exatamente como enfrentá-las e sei que nós vamos obter sucesso na nossa trajetória. Quis Deus que eu ganhasse o segundo mandato, e que nesse segundo mandato eu pudesse ter a companhia de uma extraordinária gama de governadores, na sua grande maioria jovens como você, como Eduardo Campos, como o Jaques Wagner, como o Eduardo Braga, como tantos companheiros espalhados pelo País, que não fazem da política um momento de ódio, fazem da política um momento de participação, de discussão. E eu ainda tenho o privilégio de ter uma série de companheiros governadores que se acham no direito de pedir tudo o que eles acham que têm direito, como se eu pudesse dar tudo o que eles querem.

Mais uma coisa importante é que estamos construindo – e talvez a sociedade leve um tempo para perceber – uma nova dinâmica na democracia brasileira. Eu falo isso, Déda, e você conhece, mesmo com governadores do PSDB, a relação com o José Serra, a relação com o Aécio, a relação com o Cássio Lima, da Paraíba, a relação com o Téo Vilela, de Alagoas, a relação com a Yeda Crusius, no estado do Rio Grande do Sul, não tem por que não ser uma relação civilizada, não tem por que não fazermos parcerias, afinal de contas, todos nós temos a responsabilidade no estado, na cidade ou na União, de fazer a coisa dar certo. Foi para isso que nós fomos eleitos.

Eu me lembro que quando tomei posse, em 2003, eu lia muito a idéia de que: “não tem governo para a Petrobras, a Petrobras é dona do seu nariz, teve presidente que disse que era uma caixa preta, que ninguém podia discutir”. Eu

nunca tive problemas com a Petrobras. Aliás, a Petrobras tem feito coisas extraordinárias, em que nós discutimos no governo, junto com a Petrobras, aprovamos no Conselho da Petrobras e as coisas funcionam.

Eu vou contar dois casos para vocês. Quando eu levei o José Eduardo Dutra para ser presidente da Petrobras, a minha orelha está até meio caída de tanta gente dizer: “tu vai levar o José Eduardo Dutra, ele não é do ramo, ele não está lá, não sei das quantas, o mercado não vai gostar, o mercado não sei das quantas”. Levei o José Eduardo Dutra e a Petrobras só cresceu. Aí eu decidi levar o José Sérgio Gabrielli para a Diretoria de Finanças da Petrobras. A mesma conversa fiada: “o mercado não vai gostar, não é possível, o mercado vai reagir, porque tem ações na Bolsa de Nova Iorque. Você vai levar? Ele não é conhecido, porque tem não sei das quantas e tal”. Levei. Um ano depois ele foi escolhido o melhor diretor financeiro das empresas de petróleo de todo o mundo. A Petrobras deixou de ser uma caixa preta para ser uma empresa brasileira, para ser uma empresa com compromisso com este País. E não poderia ser diferente. A Petrobras tem a sua autonomia porque é uma empresa que tem acionistas, mas a Petrobras nunca pode perder de vista que ela tem no governo o seu acionista majoritário e, portanto, as decisões estratégicas serão discutidas sempre no governo, para que a gente assuma a glória e o fracasso juntos. Como eu prevejo mais glória do que fracasso, nós poderemos trabalhar juntos sem nenhuma preocupação.

Eu acho que a Petrobras está vivendo um momento importante da sua vida. A Petrobras teve um tempo em que tinha uma certa inibição de se transformar numa empresa mais multinacional, de ocupar mais espaços no oceano, de ocupar espaços em outros continentes, era mais uma coisa tacanha, mas parece que a Petrobras aprendeu a falar inglês, francês e espanhol, e hoje está tendo – até por uma visão estratégica – de ocupar espaços extraordinários no mundo, porque o petróleo está cada vez mais rareando, cada vez o preço está maior, cada vez a Petrobras pode ganhar mais dinheiro e, para isso, a Petrobras tem a sabedoria de investir em tecnologia com o seu centro de pesquisa, apostando nessa juventude extraordinária para aprender uma profissão e se transformar em grandes técnicos da Petrobras.

Isso tudo nós estamos fazendo. Agora, chegar aqui em Sergipe e descobrir que Sergipe tem um petróleo melhor do que o que nós ainda não

descobrimos em Pernambuco, Eduardo, é muito desaforo. O óleo daqui é óleo guardado em tonel de carvalho. Se comparássemos com uísque, é uísque de 23, 25, 30 anos, enquanto nós estamos bebendo um de meio ano.

Bem, vamos a alguns números aqui que são importantes. Esse Campo de Piranema vai produzir... a produção de petróleo, em Sergipe, vai pular de 44 mil barris/dia para 64 mil barris/dia. Isso vai fazer – veja que importância, Marcelo – o estado de Sergipe vai saltar do sexto para o quarto produtor nacional de petróleo. Preste atenção, Marcelo Déda, os investimentos no desenvolvimento do projeto, que iniciará a produção até o final do ano, chegaram a 2,4 bilhões de reais, sendo 310 milhões do PAC. A Petrobras prevê investimentos da ordem de 3 bilhões e 600 milhões de reais entre 2007 e 2010. É bom destacar que na plataforma petrolífera SSP-300 será produzido o melhor óleo de águas profundas do Brasil. É um óleo do tipo leve, que o Brasil ainda precisa importar para produzir derivados como a gasolina, óleo diesel e gás de cozinha. Esse óleo é misturado no nosso gás pesado, é isso? Parabéns, vocês estão dando uma contribuição enorme para melhorar a qualidade do petróleo da Petrobrás. Esse alto padrão de qualidade só é encontrado em alguns locais do mundo, como o Golfo Pérsico, Garanhuns. Garanhuns não tem porque a Petrobras não foi pesquisar ainda, mas o que dia em que for, lá será, não em águas profundas, mas num açude qualquer de lá, a plataforma vai ser pequena, e nós vamos encontrar petróleo.

Você sabe, Déda, que quase todo o petróleo brasileiro é um petróleo pesado, é um petróleo muito pesado. E é ainda mais leve do que o petróleo da Venezuela, que é mais pesado ainda. Então, significa que Sergipe está numa situação altamente privilegiada com esse petróleo, com essa bebida de carro de boa qualidade que vocês estão oferecendo. Esse é um projeto estratégico para a Petrobras, pois vai aumentar a produção brasileira de óleo leve, que é um dos objetivos da empresa. Também será o primeiro pólo de produção de petróleo em águas profundas do Nordeste. Essa é uma coisa importante, porque o povo do Nordeste sempre se ressentia que tinha poucas pesquisas para fazer prospecção em águas profundas no Nordeste. Não é possível que na Bacia de Campos ou na Bacia de Santos, num pedacinho assim, tenha muito petróleo, e nessa imensidão de água que tem no Nordeste não tenha petróleo. Se aqui na terra, se aqui em cima da água, durante 300 anos os

nordestinos foram esquecidos, e por isso ficou uma região mais pobre, embaixo da água os políticos não meteram a mão ainda, então tem que ter petróleo, não é possível. A não ser que, antes de Cabral chegar aqui, alguém tenha vindo e levado o nosso petróleo embora. Nós somos tão azarados, que é capaz de ter acontecido isso mesmo.

Agora, outra coisa que eu achei interessante, eu não cansei de olhar para a imagem que apareceu na televisão, daqui eu estou vendo a imagem: é uma plataforma flutuante, é motivo de orgulho. Eu quero parabenizar os nossos companheiros e amigos da Noruega pela contribuição tecnológica deste projeto extraordinário. O inédito formato cilíndrico oferece estabilidade muito alta, suportando condições adversas do mar. Isso já foi testado? Além disso, por se tratar de casco duplo, no caso de abalroamento por navio, por exemplo, não há risco de vazamento de óleo. Tudo isso, teoria, vamos ver na prática.

A plataforma de Piranema vai ajudar a validar o desenvolvimento do Mono-BR. O que é Mono-BR? Ah, vocês escutaram? Bem, como eu não entendi, eu não vou conseguir transmitir. A plataforma do tipo monocoluna, projetada pelo Centro de Pesquisa da Petrobras para projetos de águas profundas no Brasil. A operação no Campo de Piranema será realizada a uma profundidade média de mil e 100 metros, não se desperdiçará energia e nem haverá emissão de dejetos no ambiente. Todo óleo extraído pode ser escoado para navios-tanque, por meio de método inovador que elimina a possibilidade de vazamentos e riscos de dano ao meio ambiente. Essa tecnologia desenvolvida pela Petrobras é referência mundial na exploração de petróleo em águas profundas. Há cerca de 20 anos, a perspectiva era de que a produção em Sergipe seria decrescente. Hoje, as previsões apontam para um crescimento significativo da produção nos próximos anos.

Além de Piranema, a Petrobras pretende iniciar as operações de mais três plataformas de petróleo este ano: cidade de Vitória, em Golfinho, a P-34 em Jubarte e uma outra, não sei onde, no Campo de Siri, na Bacia de Campos. As quatro plataformas vão produzir, juntas, 510 mil barris de petróleo. Até 2011 haverá mais de 60 grandes projetos a serem instalados pela Petrobras no Brasil. A produção de petróleo nacional vai alcançar a marca de 2 milhões de barris/dia até o final de 2007. A Petrobras tem um dos maiores planos de crescimento.

Aí é o seguinte: a Petrobras tem um compromisso com o governo, com o País de, nos próximos quatro anos, investir o equivalente a 228 bilhões de reais numa série de atividades ligadas à energia, para que a gente possa tentar resolver, definitivamente, o problema do gás, para que a gente possa tentar desenvolver o problema dos gasodutos, do álcoolduto. Até álcoolduto nós vamos fazer, Marcelo Déda. Não é para carregar cachaça, não, é álcool combustível, é etanol.

Isso faz parte de um projeto chamado PAC, que tem como investimentos 504 bilhões de reais até 2010. É a consagração de um momento histórico que vive o Brasil, para que a gente possa aprofundar, ainda mais, a possibilidade de o Brasil se transformar numa grande nação. Eu, particularmente, estou convencido de que o Brasil será, nessa primeira metade do século XXI, uma potência econômica mundial. Estou convencido disso e estou convencido de que nós seremos uma potência energética, porque ninguém terá condições de competir com o Brasil na produção de combustíveis alternativos, sobretudo na área dos biocombustíveis.

A Refinaria que nós hoje fomos dar início, Marcelo Déda, já vai refinar o HBio também. Vocês sabem o que é HBio? É você pegar o óleo gomado – o óleo gomado é o óleo cru, o óleo bruto da soja, da mamona – mistura-se junto com o óleo diesel, vai para a refinaria e sai um óleo com uma qualidade excepcional, quase sem enxofre. Quanto vai ter de enxofre? Zero, não. Vamos pegar aí uns 50, está bom. Hoje tem 500, se cair para 50 já é padrão de americano importar o nosso. O Brasil, realmente, tem uma chance extraordinária.

Mas não é apenas isso, Déda, porque tudo isso é conseqüência de uma outra coisa que eu vou lhe dizer agora. Nós estamos lançando um programa chamado Territórios da Cidadania e aqui, no estado de Sergipe, 17 municípios de Sergipe foram incluídos no programa Territórios da Cidadania, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. São eles: Canindé de São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Poço Redondo, Porto da Folha, Carira, Frei Paulo, Macambira, Nossa Senhora Aparecida, Pedra Mole, Pinhão, Poço Verde, Ribeirópolis, São Miguel do Aleixo, Simão Dias e Tobias Barreto. O programa Territórios da Cidadania vai estimular atividades produtivas nos municípios, com acesso a crédito, regularização fundiária,

assistência técnica, apoio à comercialização de produtos e, também, do programa de biodiesel. Haverá também a implementação, nesses municípios, de farmácias populares, cisternas no semi-árido, saneamento básico, educação básica, alfabetização, inclusive de adultos. Esse é um programa com que nós pretendemos, até 2010, atender grande parte das regiões mais empobrecidas do País com um conjunto de políticas capaz de fazer com que essas cidades possam dar um salto de qualidade na produção e na comercialização, tendo como resultado a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Eu estava vendo aquele jovem, lá em cima, os jovens aprendizes da Petrobras – é assim que a gente fala, José Sérgio Gabrielli? – e quando eu digo que acredito, por isso eu sou otimista, Marcelo Déda, eu faço questão de dizer aqui para os jovens, que a primeira escola técnica no Brasil foi feita em 1909 pelo presidente – eu esqueci agora – Nilo Peçanha. Eu falei tanto o nome que esqueci. Em 1909 ele inaugurou na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, a primeira escola técnica brasileira. De 1909 a 2003 foram construídas 140 escolas técnicas, profissionais.

Pois bem, em 8 anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas neste País. O Brasil vai sair de 140 para 314 escolas técnicas. E aqui em Sergipe vai ter cinco, além de que vamos ter 10 universidades novas e 48 extensões universitárias espalhadas por este País, porque agora que a economia brasileira começou a crescer, nós estamos com problema de algumas funções em falta no mercado. Por exemplo, engenharia, nós estamos com problema de engenheiros em várias atividades econômicas, porque durante muito tempo o Brasil não crescia, as empresas não investiam e, portanto, as pessoas se formavam engenheiros e iam fazer outras coisas. Nós agora precisamos, quase num trabalho de guerra, recuperar a capacidade de investimento do Brasil no ensino universitário.

A coisa que mais me motiva é que nós vamos chegar em 2008, Déda, com quase 1 milhão de jovens fazendo ProUni, que é o programa de bolsa mais extraordinário já criado neste País, em que a gente consegue pegar jovens da periferia e fazer convênios com a universidade privada. A gente faz uma isenção e transforma o equivalente à isenção em bolsa. Nós vamos colocar 1 milhão de jovens na universidade, a grande maioria saída da periferia deste País.

Bem, tudo isso é porque nós estamos vivendo esse momento de tranquilidade, esse momento em que a economia está crescendo, esse momento em que as exportações estão crescendo, esse momento em que os juros estão caindo, esse momento em que os créditos estão subindo. Albano Franco, você que foi presidente da CNI, sabe que nós, pouco tempo atrás, só tínhamos 300 bilhões de crédito. Hoje nós já estamos com 800 bilhões de crédito, significa que quando você tem crédito, você tem dinheiro na mão do povo, e esse dinheiro na mão do povo vai gerar alguma coisa.

Eu acho que com todo esse processo de tranquilidade que estamos vivendo na economia, com todo esse processo de tranquilidade que estamos vivendo na política, de vez em quando tem um barulho aqui, um barulho ali, mas política é assim, a gente não pode se assustar também. É preciso ter a tranquilidade para saber o seguinte, Marcelo Déda: você foi eleito governador, eu sei que é uma novidade, porque o estado tem uma tradição política mais conservadora, eleger você já é um ato extraordinário do povo deste estado.

Então, agora – eu posso tratar você, pela sua idade, quase como compadre ou filho – agora, Déda, você só tem que ter uma preocupação. Não se preocupe com as brigas, com as críticas dos adversários, e nunca espere que adversário o elogie, se elogiar não acredite. O que você tem que fazer é o seguinte: você tem que construir a aliança necessária, precisa construir a maioria mas, sobretudo, você tem que se lembrar do compromisso que você tem com esse povo aqui. Este é um estado pequeno, é um estado que tem condições de ter um crescimento muito bom, é um estado que não tem os problemas que tem nas grandes regiões metropolitanas, com milhões de pessoas morando apinhadas; é um estado que tem condições de subir com uma certa leveza, a mesma leveza que tem o óleo que a Petrobras está tirando aqui.

No fundo, o que o Déda aqui tanto falou, que eu tenho uma notícia boa para dar, eu não posso dar a notícia. Vocês sabem que o companheiro José Eduardo, eu vou levá-lo outra vez para o governo. Ele era presidente da Petrobras e saiu porque quis, não combinou com o povo, portanto, foi uma pena que ele não tivesse sido eleito senador, porque o José Eduardo, durante 8 anos, foi um dos melhores senadores que este País já teve. Eu, como um técnico de futebol, não posso dizer qual é a posição em que as pessoas vão

jogar antes do jogo. Então, eu vou reaproveitá-lo, vou conversar com ele na próxima quinta-feira e vamos acertar, porque eu acho que o José Eduardo é um companheiro que pode contribuir muito com o governo, com a Petrobras e com qualquer outra atividade que ele puder exercer.

No mais, companheiro Marcelo Déda, companheiro Eduardo Campos, os dois governadores, eu queria dizer para vocês que eu sou um homem convencido de que o Nordeste não pode esperar. O Nordeste, durante muitas décadas, ficou segregado, ou seja, os homens que governavam este País olhavam para o Nordeste com um certo desdém, achando que nós tínhamos que nos conformar em ser pobres, afinal de contas, nós íamos para o Sul do País só para ser pedreiros, para ser lavadores de carro, frentistas de posto de gasolina. Eu ficava nervoso quando as pessoas falavam: “Está vendo aquele prédio? Um nordestino fez. Está vendo aquela rua? Foi um nordestino quem fez”. Como se nós só fôssemos isso. Eu botei na cabeça que nordestino não nasceu para ser pedreiro. Também pedreiro, mas engenheiro, médico, cientista. É preciso que a gente se valorize um pouco, senão as pessoas já olham para a gente como se a gente fosse de segunda categoria, meu filho. E nós sabemos que andar de cabeça erguida é uma conquista. E nós aprendemos a nos respeitar.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte, meus companheiros: eu não tenho nada contra nenhum estado. Todos, para mim, serão tratados em igualdade de condições, do Rio Grande do Sul a Roraima. Do Oiapoque ao Chuí, todos serão tratados com o maior respeito. Não quero saber de que partido são, não quero saber para que time torcem, não quero saber qual é a religião. Agora, eu digo sempre o seguinte: há um carinho preferencial para fazer com que os pobres sejam menos pobres, para ajudar os mais excluídos, para trazer mais universidades para o Nordeste e Norte brasileiro, para formar mais doutores no Norte e no Nordeste. Porque é essa política que vai permitir que a gente seja um pouco mais igual. Vejam aquele companheiro da Petrobras, que estava falando ao microfone. Até parecia um candidato a alguma coisa, falador, bom. Ele é o chefe daqui da Petrobras? Ele é de onde? Ele é daqui mesmo? Você percebe que é um companheiro que já se entrosou com as necessidades do Nordeste brasileiro.

Então, o que nós precisamos é isso. Esse é o meu papel, vou cumpri-lo

à risca e vocês, Marcelo Déda e Eduardo, saibam o seguinte: na hora em que tiver que fazer uma festa, não precisam me convidar, porque a Marisa não me deixa participar. Agora, na hora em que tiver uma desgraceira, saibam que vocês têm um companheiro, em Brasília, para estar do lado de vocês, para ajudar a consertar o Brasil que, durante tantos anos, poderia ter sido consertado e não foi.

À embaixadora da Noruega, quero dizer que na próxima semana estarei chegando à Finlândia, à Noruega, à Dinamarca, à Suécia, e espero que lá a gente possa tomar uma *Acquavita*, que, parece-me, é a bebida preferencial da Noruega. Se não for, tomarei a que tiver lá mesmo, porque vai estar muito frio. Eu quero dizer ao governo da Noruega, da importância dessa parceria que as empresas norueguesas estão fazendo com a nossa Petrobras.

Um grande abraço a vocês e até a próxima vez.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Escola Técnica do Senai em Petrolina**

Petrolina-PE, 04 de setembro de 2007

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Deputados federais Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria-CNI; Edson Duarte, Fernando Coelho Filho, Fernando Ferro e Gonzaga Patriota,

Senhor Odacy Amorim de Souza, prefeito de Petrolina,

Meus amigos prefeitos das cidades do interior de Pernambuco e da Bahia,

Companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário estadual de Desenvolvimento e Tecnologia,

Deputados estaduais,

Deputadas,

Vereadores e vereadoras,

Meu caro Jorge Corte Real, presidente da Federação das Indústrias do estado de Pernambuco,

Professor José Manoel de Aguiar Martins, diretor nacional do Senai,

Professor Carlos Maranhão, diretor regional do Senai de Pernambuco,

Professor Flávio Guimarães, diretor da Escola Técnica do Senai em Petrolina,

Michel Ferreira da Silva, representante dos alunos da Escola Técnica do Senai em Petrolina,

Meus queridos alunos e alunas do Senai Petrolina,

Meus queridos companheiros professores e professoras, que fazem parte do corpo docente,

Meu querido representante do Sindicato dos Vaqueiros aqui, da cidade de Petrolina e região,

Meus companheiros e companheiras,

O dia seria mais feliz se, ao terminar este ato aqui, o Armando Monteiro nos convidasse para ir ao Bodódromo ali, comer um bode assado. Não vai ser possível, porque nós estamos com a agenda atrasada e eu preciso chegar em Brasília hoje.

Mas o dia hoje foi gratificante, e não poderia terminar melhor do que está terminando. Hoje nós fomos a Recife inaugurar um terminal do Porto de Suape, começar a terraplanagem da refinaria que ninguém mais acreditava que ela viesse aqui para Pernambuco. Depois fomos a Sergipe inaugurar a primeira plataforma, que eu vou dizer, a primeira plataforma redonda, centrífuga, em Sergipe, a primeira do mundo que começou hoje a ser inaugurada pela Petrobras. E, depois de sair de Recife e ir a Aracaju, estamos voltando a Petrolina. Portanto, num único dia, duas vezes ao estado de Pernambuco, e eu duvido que não seja a primeira vez que um presidente vem, no mesmo dia, duas vezes a Pernambuco.

Mas eu queria, Michel, que você viesse aqui perto, porque eu, se tivesse bom senso, utilizaria o discurso do Michel, agradeceria a vocês e iria embora. Por quê? Porque na verdade, Michel, eu me formei no Senai em 1963, e a minha sensação do Senai foi exatamente a sensação descrita por você aqui, nos cinco minutos em que você falou. O Senai, eu não canso de repetir isso, foi a mudança que eu tive para deixar de ser um trabalhador de salário mínimo. O Senai foi o lugar que abriu a minha cabeça para me formar e ser um trabalhador qualificado, portanto, ser um trabalhador que ganhava um pouco mais que o salário mínimo. E a sensação que eu tinha no Senai era que, como eu era muito pobre e morava numa vila muito pobre, quem conhece São Paulo, eu morava na Vila Carioca, onde era a Vemag, aquela indústria automobilística perto da divisa de São Paulo com São Caetano, e eu não tinha muito perspectiva, como certamente não tem perspectiva uma grande parte da juventude brasileira hoje. E foi através desse curso que eu tive as oportunidades que eu acho que vocês vão ter se levarem a sério a educação de vocês.

Quando a gente tem 14 ou 15 anos, e eu posso falar agora porque já passei pelos 14 e vocês ainda não passaram pelos 60, portanto, eu tenho possibilidade de dizer para vocês isso. Quando a gente tem 14, 15, 16, 17 anos

de idade, o mundo é uma coisa tão sonhadora que a gente, muitas vezes, não percebe as oportunidades que se apresentam para nós e nós, muitas vezes, ficamos deixando para o ano que vem. É como fazer regime. Todo mundo diz que vai começar a fazer regime na segunda-feira. “Ah, hoje é sábado e domingo, eu não vou parar, mas amanhã eu começo”. Aí, não começa. Na outra semana: “Ah, hoje eu não vou parar, é sábado e domingo, mas na segunda eu começo”. Também estudar é assim. Quando as pessoas são jovens, se não têm um pai e uma mãe que os force a estudar, e falam: “Ah, o ano que vem eu vou fazer, o mês que vem eu vou fazer, o semestre que vem eu vou fazer”. E não percebem que o tempo vai passando. E se jogam fora as oportunidades que tiveram, o que vai acontecer? Daqui a pouco arrumam uma namorada, casam, aí têm filho e tudo fica mais difícil, porque além de não ter uma profissão, vão ter que cuidar da mulher, depois vem um filho, depois vem dois, e tudo fica mais difícil.

Eu estou dizendo isso porque eu tive a oportunidade de fazer uma visita aí dentro da escola com os companheiros que estão aqui. Eu vi a quantidade de meninas e meninos e sei que pessoas de 16 anos, 17 anos, 18 anos... eu queria dizer para vocês: não joguem fora essa oportunidade. Deus não dá muitas oportunidades se a gente não aproveita a primeira que ele está nos dando. E essa oportunidade, posso dizer para vocês de cátedra: essa oportunidade é de ouro e vocês não podem abandonar. Isso não significa que vocês, necessariamente, tenham que exercer, a vida inteira, a profissão que vocês aprenderam aqui. Mas essa profissão que vocês aprenderam aqui é que vai permitir que vocês possam arrumar emprego em Petrolina, se não tiver em Petrolina, em Recife, se não tiver em Recife, em Porto Alegre, se não tiver em Porto Alegre, em Salvador, se não tiver em Salvador, em São Paulo, ou em qualquer lugar. Por quê? Porque vocês viraram profissionais e profissional tem muito mais chance de trabalhar do que um cidadão ou uma cidadã que não tem profissão.

Segunda coisa que eu considero importante. Quando o trabalhador tem carteira profissional assinada, Michel, é fácil, mesmo em tempo de dificuldades, é fácil para ele arrumar um emprego. Às vezes ele anda em dez fábricas, mas ele vai fazendo ficha. Na hora em que tem uma vaga, a empresa manda uma carta convidando o trabalhador que tem uma profissão. Mas se a pessoa não

tem uma profissão, uma menina de 17, 18 anos que não tem profissão, ela pode passar dez semanas procurando emprego e deixando currículo. Ninguém vai chamá-la, porque ela não tem profissão. E, para a mulher, a independência econômica causada por uma profissão é quase uma coisa necessária para que ela não fique dependente. A mulher que fica independente é muito mais mulher, é muito mais política. Se as meninas se convencem de que elas não têm que estudar “ah, vou casar com o Michel, eu não preciso estudar, ele vai me sustentar”. Mas se o Michel depois não vira “boa bisca” e não vira um bom marido, e ela está dependente, é obrigada a agüentar desaforo dentro de casa, é obrigada a ouvir o que não quer. Agora, se ele ficar desempregado, ela não vai ter como ajudar no orçamento familiar. Então, para a mulher, se formar é quase a conquista da independência de um país, ou seja, é ela morar com um homem porque ela gosta e não por obrigação, não por dependência.

Uma outra coisa importante, Michel, é que você não pode se contentar com o curso que você fez. Eu estou te dizendo isso agora porque eu me contentei com o curso que eu fiz. Eu tinha quase 18 anos quando me formei, minha mãe e duas irmãs moravam comigo, a gente pagava aluguel, tive que arrumar um emprego à noite porque ganhava 25% a mais, e eu ainda fazia duas horas extras por noite, todos os dias, Armando, duas horas extras que era para poder pagar o aluguel e cuidar da minha mãe e das duas irmãs. Então, eu não estudei mais, parei. Aí, arrumei emprego numa fábrica grande, passei logo a ganhar mais que dez salários mínimos porque, naquele tempo, torneiro mecânico era uma profissão importante, torneiro, frisador, mandrilador. Eu passei a ganhar um salário razoável e eu sempre fui um trabalhador que fazia, no mínimo, 40 horas extras por mês, porque eu dizia “os meus vícios eu quero sustentar com as horas extras para não mexer no meu salário”. Eu parei de estudar, mas eu queria te dar um conselho: não pare, não. Não pare, porque você chegou até aqui, o mundo se abriu para você. Você pode trabalhar, pode ganhar um salário, um salário melhor, pode pagar um curso melhor, pode se formar doutor e pode atender a uma demanda que o Brasil está precisando hoje.

Qual foi o problema do Brasil? De 1980 até pouco tempo atrás, a economia não crescia, a economia não crescendo, as empresas não investiam; as empresas não investindo, não geravam empregos; você, não tendo

emprego, ia criando um exército de jovens desempregados no País. Quando vocês olharem na televisão as imagens mostrando jovens de 24, 25 anos presos, aqueles jovens são filhos do resultado de políticas econômicas equivocadas neste País, que não geraram emprego para milhões de jovens, que não deram oportunidade.

Agora nós encontramos uma nova situação: o País começa a crescer, o mercado interno cresce como há muito tempo não crescia. Quando há uma demanda grande, as empresas, primeiro, começam a pedir hora extra, depois as empresas fazem um segundo turno, depois as empresas fazem um terceiro turno. E se a coisa continua crescendo, o que vai acontecer? A empresa vai construir um pavilhão a mais, a empresa vai contratar trabalhador a mais, vai gerar mais emprego, vai gerar mais consumo e a economia vai crescendo durante muitos anos. Nós estamos criando as condições para que a economia brasileira tenha um crescimento sustentável.

Qual é o problema que nós temos? Nós temos hoje, já, um problema de falta de mão-de-obra qualificada, porque durante 26 anos a economia não cresceu, não houve uma reciclagem na formação profissional. Hoje, com o PAC, nós já estamos percebendo que está faltando engenheiro na área da construção civil, porque se passou mais de 20 anos com a indústria da construção civil sem crescer e agora, que tudo começou a dar certo, nós precisamos correr atrás para formar profissionais.

Então, Michel, o que está acontecendo aqui com você, com essas meninas e com esses meninos que estão estudando aqui, é como se fosse uma espécie de milagre da natureza. Vocês tiveram uma oportunidade, pelo amor de Deus, não a larguem, porque um jovem de 20 anos não tem o direito de dizer que está com dificuldade. Quando a pessoa está com 60, como eu, 62, qualquer dificuldade a gente já pensa que está na hora da morte, mas vocês estão no começo da vida. Cada vez que baixar o astral de vocês, levantem a cabeça. Levantem a cabeça porque vocês têm pela frente mais de 2/3 da vida que vocês vão viver, portanto, vocês precisam construir este País melhor do que nós construímos.

E, depois, se vocês estudarem no Senai, vocês têm a chance até de virar presidente da República, como eu virei. Eu não preciso dizer para vocês que presidente da República é um cargo pretendido por muita gente, mas como

só tem uma vaga, as pessoas do Senai têm mais chance. É porque antigamente era só gente da universidade, era advogado, era professor, aí nós agora resolvemos que com o Senai vai-se chegar lá. E, depois de mim, quem sabe, pode vir o Michel, que ainda não está com a idade, Michel, mas você vai se preparar.

Então, Armando, eu queria terminar dizendo a você que é gratificante terminar o dia numa escola do Senai, porque a minha vida, por mais que eu pense, eu sei que eu devo o que sou a um simples curso de torneiro mecânico, porque abriu minha cabeça. Eu sei o que é ganhar um salário mínimo e, depois, passar a ganhar 10. Viu, Michel? Por conta da profissão no Senai, eu fui o primeiro, de uma família de oito, a ter um carro, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, e fui o primeiro a ganhar mais que 10 salários mínimos.

Então, eu queria terminar dizendo para a juventude que está fazendo o curso aqui, e eu sei que a escola vai comportar quase 6 mil alunos: peguem essa oportunidade com unhas e dentes. Quando vocês acharem que o professor está chato, quando vocês acharem que a professora está chata, vocês têm que se lembrar que quem sabe os chatos sejam nós, que não compreendemos que eles têm que ser duros com a gente, para a gente poder aprender as coisas.

Então eu queria, Armando, dar os parabéns. Eu sei que o investimento aqui é grande e nós estamos apostando em levar a educação para o interior do País, porque se a gente não leva, Armando, o que vai acontecer? Se as oportunidades de trabalho e de estudo são apenas na capital, vai todo mundo para a capital, vai todo mundo procurar emprego na capital e todo mundo querer estudar na capital. Como a capital não oferece oportunidade para todo mundo, o que acontece? Primeiro vem um barraco, depois dois barracos, três barracos, quatro barracos, mil barracos, dois mil barracos. Daqui a pouco a gente vê que a região metropolitana está entupida de gente, morando apinhados, uns em cima dos outros, sem água potável, sem asfalto, sem esgoto, sem condições humanas e sem emprego. Se a gente leva as escolas para o interior e leva também, atrás das escolas, as oportunidades de trabalho para o interior, o que vai acontecer? A gente vai distribuir o crescimento do estado, o crescimento do País e, daqui a pouco, a gente vai perceber que não

é preciso ter favelas em Recife, não é preciso ter favelas em São Paulo, não é preciso ter favelas em Manaus. Por quê? Porque as oportunidades foram levadas para todas as cidades e para todas as regiões.

Por isso, Armando, meus parabéns. Somente uma instituição que tem o privilégio de ter uma escola como a do Senai e saber a importância do Senai para a formação profissional, para a indústria brasileira e para o nosso País é que poderia creditar numa cidade do interior de Pernambuco uma escola desta envergadura. Para alguns, Armando, pode não ser nada, para mim uma escola desta equivale a uma universidade em qualquer outro lugar deste País.

Muito obrigado, parabéns e boa sorte aos alunos.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início das obras da Refinaria General José Ignácio Abreu e Lima

Ipojuca-PE, 04 de setembro de 2007

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco e sua esposa Renata Campos,

Meu querido companheiro Nelson José Hubner, ministro de Minas e Energia,

Meu querido companheiro Sérgio Machado, carioca que fez uma opção pelo Rio de Janeiro, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Pedro Brito, ministro-chefe da Secretaria Especial de Portos,

Meu caro João Lyra Neto, vice-governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Guilherme Uchoa, presidente da Assembléia Legislativa de Pernambuco,

Meus companheiros deputados federais Armando Monteiro Neto, presidente da CNI, Carlos Wilson, Eduardo da Fonte, Fernando Coelho Filho, Fernando Ferro, Inocêncio Oliveira, Maurício Rands e Pedro Eugênio,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, prefeito de Recife,

Meu caro companheiro José Sérgio Gabrielli de Azevedo, presidente da Petrobras,

Meu caro Pedro Serafim de Sousa, prefeito de Ipojuca,

Meu caro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco e presidente do Complexo Industrial Portuário de Suape,

Minha querida companheira Maria da Graça Foster Lima, presidente da BR Distribuidora,

Meu companheiro Roberto Smith, presidente do Banco do Nordeste,

Quero cumprimentar aqui a senhora Suzete Abreu e Lima, nossa companheira descendente da família Abreu e Lima,

Meu caro José Zenóbio Teixeira de Vasconcelos, diretor-geral da Adene,

Meu caro José Lorenzon, presidente do Sindicato dos Petroleiros,
Companheiros diretores da Petrobras,
Quero cumprimentar todos vocês pela dedicação em defesa desse patrimônio nacional, que é a Petrobras,
Quero cumprimentar os empresários aqui presentes, os trabalhadores,
E cumprimentar os nossos queridos irmãos e irmãs brasileiros do estado de Pernambuco.

Primeiro, eu acho importante a gente conhecer um pouco da história desta Refinaria. Certamente tem muita gente que até outro dia não acreditava que fosse verdadeiro, que iria sair a refinaria. Certamente muitos de vocês imaginavam que era mais uma promessa, que era mais uma daquelas coisas que o candidato a governador, o candidato a presidente e os deputados falavam em época de eleição. Eu sei que tem muita gente que já estava descrente de que fosse possível sair esta Refinaria, como eu sei que muitas vezes o povo fica descrente quando vê na televisão o anúncio de uma quantidade enorme de dinheiro para uma determinada obra, e essa obra não acontece. E, às vezes, é muito difícil as obras acontecerem.

No Brasil nós criamos uma quantidade de regulamentações para proteger o Estado brasileiro contra a degradação ambiental, contra o superfaturamento, contra a corrupção, de tal magnitude, que com esses instrumentos legais todos colocados em prática, às vezes uma obra demora dois ou três anos para começar, por conta da quantidade de processos que têm que ser feitos para legalizar o conjunto da obra.

Eu quero parabenizar o governador Eduardo Campos, quero parabenizar o presidente da Petrobras e a diretoria da Petrobras, porque essa obra, é uma área muito grande, um manejo de terra enorme, portanto, vai ter impacto ambiental.

Nós tivemos que trabalhar de forma muito técnica, com muita sensibilidade política, para que pudéssemos chegar ao dia de hoje. Primeiro, teve uma conversa minha com alguns governadores de estado, ainda em 2003. O José Sérgio sabe que nós tínhamos o Rio de Janeiro, achava-se que a refinaria deveria ser no Rio de Janeiro, porque o petróleo era prospectado lá. Depois, tínhamos o Espírito Santo, que queria a refinaria lá porque achava que

a Bacia de Campos adentrava no estado do Espírito Santo, portanto, achavam que tinham o direito da refinaria lá. Depois, tínhamos o estado do Ceará, que tinha direito de ter a refinaria porque era um estado que estava mais ou menos no meio do Nordeste brasileiro. Depois, tínhamos o Maranhão, que achava que deveria também ter a refinaria lá, e também a nossa querida companheira Wilma, do Rio Grande do Norte, achava que a refinaria deveria ser lá.

Bem, eu tinha que tratar todos os governadores em igualdade de condições. Eu não poderia privilegiar um governador em detrimento de outro. Agora, todo mundo que ia conversar comigo falava que tinha um parceiro para construir a refinaria. O Ceará tinha, o Brito conhece, o Príncipe da Arábia Saudita, com quem eu tive o prazer de jantar, junto com o senador Tasso Jereissati. O Rio de Janeiro, o estado do Maranhão e o nosso Espírito Santo tinham como parceiros uma empresa chamada Marubeni, acho que era uma empresa japonesa, e todo mundo dizia que ela ia fazer a refinaria. Chegou um momento em que eu disse o seguinte: eu tenho uma família de 27 filhos, que são os 27 governadores, todos querem comer um pedaço de um bife chamado refinaria, e eu não posso dar para todo mundo. Aquele que arrumar um parceiro para trazer esse bife para cá, vai ter a refinaria. E aí começaram as coincidências. O presidente Chávez queria vir em Abreu e Lima para inaugurar o busto de Abreu e Lima e aí, então, eu pedi para o governador Jarbas Vasconcelos que conversasse com o presidente Chávez. Depois, ele também foi à Venezuela, e comecei a ter encontros quase mensais e telefonemas semanais com o Chávez, discutindo a possibilidade de a PDVSA se associar à Petrobras para fazer esse projeto. E o presidente Chávez me disse que aceitaria fazer a parceria. Ele só tinha uma exigência: era colocar o nome na refinaria, numa homenagem a um general brasileiro que teve o pai morto na sua presença, o Padre Roma, que foi aos Estados Unidos e lá se inscreveu no Exército Bolivariano para lutar pela libertação da América Latina. Ele voltou para o Brasil, escreveu o primeiro livro sobre socialismo, aqui neste País, e é pouco conhecido pelo povo brasileiro. Mas ele é um herói na Venezuela, é um herói na América Latina, e espero que agora ele passe a ser mais conhecido no Brasil e que as pessoas passem a ter a história dele contada, porque não é todo dia e em todo século que a gente consegue ganhar uma personalidade mundial.

E aí começamos. Viemos num ato no ano passado, no começo do ano, para lançar a pedra fundamental. E quando a gente lança a pedra fundamental as pessoas não acreditam muito, porque às vezes o tempo come a pedra, a terra cobre e ninguém a vê. Nós estamos aqui agora, sete meses da posse do companheiro Eduardo Campos, sete meses da posse do meu mandato, e viemos aqui começar o serviço de terraplanagem, que é o primeiro serviço. Depois da terraplanagem vêm as estacas, depois das estacas vem o cimento, o concreto, o aço, e vai ser construída uma das mais modernas refinarias da nossa querida Petrobras.

Uma coisa que as pessoas precisam compreender é que para tomar a decisão de ser em Pernambuco eu tive uma aula sobre a complexidade de escolher um local para fazer uma refinaria, que foi o argumento, José Sérgio, que utilizei para convencer a governadora Garotinho a parar de colocar bottom no peito das pessoas reivindicando a refinaria para o Rio de Janeiro. A refinaria necessariamente não tem que ser onde tem o petróleo, ela tem que ser onde tem o consumo do petróleo, senão você constrói uma refinaria num lugar que tem petróleo, mas que não tem consumo. E o Rio de Janeiro já tem refinaria, São Paulo já tem refinaria, Minas já tem refinaria, o Rio Grande do Sul já tem refinaria, Minas Gerais já tem, portanto, não precisavam de uma outra refinaria. Se a gente construísse uma refinaria no Rio de Janeiro ou no Espírito Santo, depois você tinha que trazer para cá o óleo diesel, o óleo combustível, a nafta, a gasolina e tantos outros derivados do petróleo. Então, fica mais barato trazer apenas o óleo bruto, aqui você vai refiná-lo e vender os derivados a um mercado consumidor do Nordeste, que agora fica bem distribuído.

A última foi na Bahia. Depois da Bahia, nós vamos ter outra somente no estado do Amazonas. Então, era preciso criar uma refinaria no meio, no coração do Nordeste. E não porque eu nasci aqui, mas porque Deus fez Pernambuco no coração do Nordeste. A refinaria veio para Pernambuco, senão o José Sérgio ia querer levar a segunda para a Bahia.

Eu quero dizer para vocês, meu querido governador, deputados, empresários, trabalhadores, e faço questão de repetir isso em todos os lugares onde eu vou. Eu estou vivendo um momento muito especial na minha vida como presidente da República. Eu não sei em quantos momentos da história do País o Brasil teve um presidente que pudesse viver o momento de

tranqüilidade que eu estou vivendo. Não porque tudo já esteja feito, pelo contrário, nós temos uma verdadeira “Muralha da China” para construir e estamos começando a construir essa muralha.

E nós só demoramos um pouco mais porque durante os últimos 30 anos os governantes pensaram em tudo, menos neste País, menos no crescimento deste País, menos em transformar este País numa nação respeitada internacionalmente, numa nação que tivesse em conta que não haverá nação se o povo não estiver em primeiro lugar, se o povo não tiver oportunidades, se o povo não estiver participando.

Há 30 anos não se fazia uma refinaria no nosso País, mas não é apenas isso, meu caro José Sérgio Gabrielli, meu caro Eduardo Campos. Há mais de 20 anos não se constrói um alto forno no nosso País, há muitos anos este País não conhece um crescimento sustentável, e há muitos anos este País não conhece uma política de consumo, que hoje coloca o Brasil em condições como as da China porque, pela primeira vez, estamos construindo de forma sólida o chamado mercado de massas. Não é o mercado externo que está puxando o crescimento da economia brasileira, é o mercado interno que está puxando o crescimento da brasileira. E está puxando por quê? Está puxando porque tem política de transferência de renda, está puxando porque apenas nesses sete meses nós criamos 1 milhão e 200 mil empregos com carteira profissional assinada; está puxando porque resolvemos adotar a política de que não era possível a economia crescer se não tivéssemos crédito, e nós saímos de 300 bilhões de crédito para 800 bilhões de crédito neste País, nesse pouco tempo em que governamos o Brasil.

Aqui está o presidente do Banco do Nordeste. E o presidente do Banco do Nordeste, no primeiro ano em que assumiu o banco, só tinha investido 262 milhões de reais em crédito. Hoje, o Banco investe mais de 6 bilhões de reais em crédito. É dinheiro que vai para o pequeno, é dinheiro que vai para o médio, é dinheiro que vai para o grande. E esse dinheiro, com a exigência dos projetos corretos, vai dinamizando a economia, vai gerando empregos e vai permitindo que as empresas brasileiras voltem a acreditar outra vez no Brasil.

Eu repito: ainda falta muito para a gente fazer do Brasil uma nação economicamente forte. E falta muito porque durante muito tempo as pessoas preferiram não acreditar no Brasil, as pessoas preferiram ficar olhando o

crescimento dos Estados Unidos, as pessoas preferiram ficar olhando o crescimento da Europa, as pessoas preferiram ficar olhando o crescimento da China ao invés de discutirem internamente o que teríamos que fazer para o Brasil dar o seu salto de qualidade.

Vocês não pensem que é fácil decidir fazer uma refinaria no Nordeste, vocês não pensem que é fácil decidir fazer uma siderúrgica no Nordeste, vocês não pensem que é fácil decidir fazer a Transnordestina ligando o porto de Suape ao porto de Pecém, passando por Eliseu Martins. Há muita gente trabalhando contra porque há muita gente que acha que o Nordeste não faz parte do Brasil, há muita gente que acha que o Nordeste nasceu para emprestar pedreiros ou lavadores de carro para regiões mais ricas deste País. Toda vez que vamos discutir um projeto, as pessoas dizem: “Presidente, é preciso ver se tem viabilidade econômica, se não tiver viabilidade econômica, não dá para fazer”. Às vezes, numa região desenvolvida, a gente discute viabilidade econômica, mas numa região que não é desenvolvida, nós precisamos saber que é aquele empreendimento que vai dar viabilidade econômica para aquela região, para aquelas cidades, para aquele estado e para aquela região toda.

Eu estou convencido de que o Brasil só será socialmente justo quando ele for mais equânime, quando as regiões do Brasil tiverem mais ou menos as mesmas oportunidades, e você, companheiro José Sérgio, que como eu também é nordestino, se quiser olhar a diferença de tratamento que essa região teve para outras partes do Brasil, não olhe salário, não olhe transferência de renda, não olhe renda *per capita*, olhe o número de doutores que são formados nas regiões e olhe o esquecimento em que ficou a universidade aqui nesta região. Está aqui o nosso ministro de Ciência e Tecnologia, aliás, o Eduardo Campos também já passou por lá, não é possível uma região se desenvolver se você não investe.

Eu perguntava agora para o Inocêncio Oliveira qual foi o efeito da Universidade de Serra Talhada, e posso perguntar para o Eduardo Campos qual é o efeito da incipiente Universidade de Garanhuns. Atrás de uma universidade vem o conhecimento, vem o crescimento hoteleiro, vem a primeira empresa, vem ciência e tecnologia. E vindo o conhecimento, vem o desenvolvimento, porque ninguém investe, nem por conta da pobreza e nem

por conta do atraso, porque se investir no atraso fosse solução, o Nordeste seria a região que receberia mais investimento dos governos federais.

Eu tenho o prazer, Eduardo, e o orgulho de andar de cabeça erguida neste País, e dizer que os companheiros do PT são tratados, do ponto de vista do governo federal, igual a um governador do PFL ou do PSDB. O dinheiro do PAC que veio para Pernambuco, foi para São Paulo. O dinheiro do PAC que foi para a Bahia, foi para Minas Gerais, o dinheiro do PAC que veio para Pernambuco, foi para Alagoas e foi para a Paraíba, foi para o Rio Grande do Sul, todos governadores de oposição. Mas um presidente da República não pode pensar pequeno e não pode ser mesquinho, afinal de contas, ser presidente da República não é estabelecer uma relação de amigo ou fazer do Palácio do Planalto um grupo de amigos. Não, ser Presidente da República é, antes de olhar a cor do partido do governador, olhar as necessidades do povo daquela região, do povo daquele país e tratá-lo com respeito.

Eu tenho certeza de que vou viver esses próximos cinco ou seis anos para ver, tenho certeza não, eu quero pedir a Deus que me dê essa possibilidade, para ver o que vai resultar de empregos com a construção de uma refinaria, o que virá atrás de uma refinaria. Atrás de uma refinaria vem outras indústrias, vem o conhecimento tecnológico, vem empresas de ponta investir em produtos com valor agregado para aumentar a arrecadação. O José Sérgio Gabrielli é muito vivo, na exposição da Petrobras aqui, não sei se vocês viram, ele só falou: “vamos pagar 2 bilhões de impostos.” Mas não falou quanto vão ganhar. Dá a impressão de que eles vão ter prejuízo, viu, Armando? Dá a impressão de que eles vão ter prejuízo. O que ele não fala é que enquanto o governo federal só pode colocar 60 bilhões no PAC, eles podem colocar 228 bilhões de reais no PAC.

Então, companheiros e companheiras, eu estou feliz porque quando eu deixar o governo, em 2010, eu quero que o próximo presidente da República pegue um país mais organizado, pegue um país sem precisar discutir as mazelas que há 30 anos se discute neste País.

Eu estou lembrado que, começando a minha vida sindical, eu tinha só 23 anos de idade, a gente discutia todo santo dia nas assembléias a inflação, o dragão, a desgraça, a inflação, o dragão, ou seja, foram anos em que políticos e mais políticos foram eleitos governadores, senadores e deputados criticando

a inflação. Nós acabamos com a inflação. Hoje, ninguém fala mais em inflação. Passei 20 anos da minha vida gritando: “Fora FMI.” Agora eu estou num ato aqui e não vejo nenhuma faixa “fora FMI”, porque ele não está mais aqui e não voltará mais aqui, se Deus quiser, porque nós viramos donos da nossa economia.

Vocês estão vendo uma crise anunciada nos Estados Unidos. Pois bem, em outros tempos o ministro da Fazenda já teria ido e voltado 30 vezes a Washington, já teriam vindo 30 delegações do FMI ao Brasil. Nós não precisamos ir aos Estados Unidos e eles não precisam vir aqui, porque o Brasil hoje tem 161 bilhões de dólares em reservas. Não queremos dizer que já estamos livres, porque não sabemos o tamanho da crise, não queremos saber o que vai acontecer, mas precisamos ficar alertas porque o Brasil ainda exige cuidados. Nós não podemos, porque chegamos numa situação de equilíbrio, achar que está tudo resolvido e começar a gastança. Não, nós vamos continuar agindo como sempre agimos, o Brasil não vai gastar aquilo que não pode gastar, o Brasil vai fazer aquilo que um trabalhador sério faz na sua casa. Tem trabalhador que num dia de dezembro recebe 13º salário, férias adiantadas, e torra tudo no Natal. Quando chega em janeiro tem que pagar Imposto de Renda, IPVA, IPTU, aí ele está nu, não tem dinheiro para nada e fica quebrado o ano inteiro. É exatamente nesses momentos de bonança que a gente precisa de equilíbrio, não gastar e não jogar dinheiro fora, gastando apenas aquilo que é possível gastar. É por isso que eu posso dizer para vocês: nós entramos num ciclo de crescimento sustentável. E é um ciclo em que eu prevejo 10 ou mais anos de crescimento, se todos nós tivermos juízo, porque muitas vezes a oposição pensa que é apenas da minha responsabilidade cuidar do País. A responsabilidade é de todos, é minha como presidente, mas é de cada deputado, de cada vereador, de cada prefeito, de cada governador, de cada homem, de cada mulher, de cada jornalista, ou seja, a responsabilidade é de todos, porque se der certo todo mundo ganha, se der errado todo mundo perde.

E hoje eu venho aqui, como eu quero vir na Transnordestina. A Transnordestina, não pensem que ela não vai sair. Ela vai sair, é uma questão de honra. Nós fizemos um esforço por dois anos e meio, nós trabalhamos para construir a engenharia econômica da Transnordestina. Aí depois começa a

desapropriação, depois começa o meio ambiente, depois começa “não sei o quê”, o tempo vai passando e as coisas não acontecem. Então vai acontecer, Eduardo, prepare-se porque vai acontecer, se não acontecer, eu peço a sua ajuda, do Cid e do Wellington, e nós vamos fazer porque eu acho que chegou o momento de a gente aproveitar todas as oportunidades.

Quero dizer para vocês, então, que este complexo que estamos construindo aqui, não é a redenção de Pernambuco. Mas pode ficar certo, Eduardo, que é o começo de uma nova história do estado de Pernambuco. Este estado tem muita história, nem sei se a molecada aprende direito a história deste estado, que é considerado o estado mais guerreiro deste País. Este estado aqui tentou fazer a independência cinco anos antes da independência do Brasil. Em 1817 já tinha gente morrendo aqui pela independência. Em 1824, foi feita a Confederação do Equador, por isso o Padre Roma foi preso e foi para a Bahia, onde foi morto pelo representante da Coroa portuguesa. Este estado, muitas vezes, eu lembro quando Arraes era governador, não vinha dinheiro para cá porque o Arraes era de oposição.

Agora, meus companheiros, não apenas porque eu sou pernambucano, não apenas por isso, mas também por isso, é preciso a gente recuperar as possibilidades de Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, de Alagoas, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Piauí, do Maranhão no Nordeste, e também olhar a questão da região Norte do País.

Foram aprovadas agora as EPEs no Congresso Nacional. Vocês sabiam que tem gente que é contra as EPEs? São contra porque vai prejudicar “não sei o quê”, vai prejudicar “não sei onde”. Agora eu quero saber o seguinte: como é que a gente vai levar o desenvolvimento para o Amapá? Como é que a gente vai levar o desenvolvimento para Roraima? Como é que a gente vai levar o desenvolvimento para o Acre? Como é que a gente vai levar o desenvolvimento para o Mato Grosso? Como é que a gente vai trazer o desenvolvimento aqui para o Nordeste? Se a gente não criar mecanismos novos para incentivar, sem a guerra fiscal tradicional, os investimentos aqui?

Meu caro Eduardo, eu digo sempre o seguinte: quando terminar o nosso mandato em 2010, você ainda tem muito futuro político, mas eu já estou na fase descendente da minha vida política. Uma coisa que vai ser importante a gente atentar, eu tenho dito isso que é para marcar a cabeça da juventude.

Aliás, amanhã nós vamos lançar um Programa da Juventude, amanhã nós vamos tentar criar um programa especial para atender 4,5 milhões de jovens neste País, entre 17 e 24 anos. Vamos tentar ter uma política especial para despertar nessa molecada a esperança e o orgulho de ser brasileiro.

Mas, meu caro Eduardo, quando a gente terminar o mandato juntos, você vai perceber uma coisa: de 1909, quando Nilo Peçanha criou a primeira escola técnica no Brasil, até 2003, em 97 anos, foram construídas 140 escolas técnicas. Em oito anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas neste País. Vamos terminar o mandato com 10 universidades novas e 48 extensões universitárias, porque eu e todos vocês precisamos nos convencer de que ou nós investimos agora na educação – por isso aprovamos o Fundeb e eu quero agradecer ao Congresso Nacional, por isso estamos lá com um monte de leis para votar do Programa de Desenvolvimento da Educação – ou nós investimos agora para recuperar o tempo perdido, em que não se investiu em educação neste País, ou o Brasil também perderá o século XXI, como perdeu o século XX. E eu acho que nós não temos o direito de perder nenhum dia a mais. Nós precisamos tirar proveito.

Aqui no Brasil, José Sérgio, nós tínhamos um problema. Ontem eu discuti profundamente com o Sérgio Resende. Aqui no Brasil nós tivemos uns anos, umas três décadas, ou melhor, todo o século passado, em que os nossos pesquisadores da universidade não gostavam de fazer parceria com as empresas, dando a impressão de que o pesquisador ou o cientista vivia apenas para escrever teses e colocar na gaveta. E nós, se quisermos fazer a revolução, o cidadão que foi para a universidade, que aprendeu e adquiriu conhecimento, precisa transformar esse conhecimento em ganhos para a sociedade, em produtos industriais, em produtos de saúde, senão a gente não vai a lugar nenhum. A gente não sabe por que a China chegou onde chegou. É ir à China para ver a quantidade de parcerias dos cientistas com as empresas. E as próprias empresas depois vão financiando as universidades, vão colocando dinheiro para melhorar as universidades, para equipar melhor as universidades, para pagar mais salário. Aqui as pessoas acham: “bom, eu virei acadêmico, então não preciso mais produzir nada, fazer nada, só vou escrever as minhas teses e acabou.” Nós estamos mudando isso, graças a Deus, e estamos mudando porque também os cientistas brasileiros estão mudando,

estão percebendo que o Brasil precisa deles, estão percebendo que o conhecimento que eles adquiriram não pode ficar guardado para eles, é preciso ser socializado entre toda a sociedade brasileira

Meu caro Eduardo Campos, eu quero terminar aqui dizendo a você, dizendo ao prefeito João Paulo, dizendo aos membros da Petrobras: a Petrobras, não pensem que ela anunciou 228 bilhões e que vai ficar pelo anúncio, porque vira e mexe eu chamo o José Sérgio lá na minha mesa. Antigamente diziam que a Petrobras não prestava contas a ninguém, agora eu solto a Dilma Rousseff em cima dele, porque nós queremos transformar cada real desses 228 bilhões em obras concretas, porque a Petrobras vai crescer mais, o povo vai poder comprar mais gasolina, mais óleo diesel.

Você sabe, Eduardo, que quando eu entrei, em 2003, eu fui procurado pela indústria automobilística dizendo: “estamos em vermelho.” Passei 30 anos da minha vida ouvindo a indústria automobilística dizer: “estamos em vermelho, estamos tendo prejuízo, estamos não sei das quantas.” Você já percebeu como estão vendendo? Tem gente esperando três meses para comprar um carro, tem gente esperando seis meses para comprar um caminhão. E estão exportando como nunca. Eu fiquei sabendo, até, que talvez venha uma indústria automobilística para cá. Aí é tudo que o pernambucano poderia querer, uma refinaria e uma indústria automobilística. Aí é demais.

Então eu penso, companheiros, que nós chegamos a esse momento por compreensão de vocês, por compreensão de cada empresário, por compreensão de cada trabalhador mais humilde, por compreensão de muitos políticos. Muitas vezes, na política, o jogador que deixa o campo para entrar o outro, ele não quer que o outro marque o gol, ele quer que o outro perca. Então, as pessoas ficam torcendo para a desgraça ser maior. Se as pessoas pensassem positivo... A mim não pega, porque eu creio em Deus. Não adianta nego tentar rogar praga, que não pega. E também porque eu tenho a minha crença definida, todo dia eu converso com Ele para pegar energia positiva. Portanto, quem quiser perder tempo em torcer contra, vai quebrar a cara. É melhor torcer a favor, porque no segundo mandato eu aprendi o que fazer. Hoje eu sei muito mais do que eu sabia.

Os governadores eleitos agora são quase todos jovens, e todos com muita vontade política, todos com muita experiência. E eu acho que nunca teve

um presidente da República que tenha a relação de amizade que eu tenho com a maioria dos governadores brasileiros. Portanto, nós temos tudo para fazer as coisas darem certo. Tudo. Ninguém, nem o mais ferrenho opositor, eu quero deixar fora da mesa. O cidadão pode me esculhambar, é uma questão pessoal dele, quem vai se vingar dele é o povo, não sou eu. Mas eu o estarei convidando para ajudar a construir o projeto que este País precisa. É só olhar nas favelas de Recife, é só olhar pelo sertão nordestino que a gente vai ver que não há espaço, não há tempo num mandato de quatro anos para a gente ficar brigando por picuinha, brigando por eleição municipal, brigando por vereador. Eu acho que tem o tempo de briga, mas tem o tempo de governança. E fique certo, Eduardo, de que esse é o nosso tempo de governança. Se depender de mim, você passará para a história como o mais importante e melhor governador que o estado de Pernambuco já teve.

Muito obrigado, e boa sorte ao povo de Pernambuco.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura e encaminhamento de propostas ao Congresso Nacional

Palácio do Planalto, 05 de setembro de 2007

Meu caro companheiro Carlos Lupi, ministro do Trabalho e Emprego,
Meu caro companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Meu caro companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Companheiros deputados Daniel Almeida, Paulo Pereira, Roberto Santiago e Vicentinho,

Meus companheiros dirigentes sindicais e dirigentes das Centrais Sindicais,

Meus amigos e minhas amigas,

Apenas umas poucas palavras. Primeiro, com relação ao reconhecimento das Centrais Sindicais. Essas coisas que acontecem no Brasil, certamente não acontece em nenhum outro país do mundo, porque desde 1981, quando nós criamos a Comissão Pró-CUT, nós funcionávamos... naquele tempo em que nós éramos divididos, criamos uma coisa que unificava todos os dirigentes sindicais. E, de lá para cá, já se criou meia dúzia de Centrais Sindicais, o governo sabe que elas existem, o Ministério do Trabalho sabia que elas existiam, os empresários reconheciam, no processo de negociação, as Centrais Sindicais, a Polícia sabia que as Centrais existiam. Ou seja, na verdade todo mundo sabia que as Centrais Sindicais existiam, e funcionavam quase como se fossem entidades clandestinas porque não estavam legalizadas.

Por que nós estamos mandando um projeto de lei em caráter de urgência urgentíssima e não uma medida provisória? É porque os deputados sabem que nós temos várias medidas provisórias e nós não podemos trancar a pauta, ou seja, de vez em quando, uma coisa que não tem urgência para ser votada amanhã ou daqui a algum tempo, a gente manda por projeto de lei. E

manda por projeto de lei porque se demorar um dia ou uma semana a mais, quem já está funcionando há mais de 15 anos assim pode continuar funcionando mais uma semana ou mais um mês que não tem nenhum problema.

Passar no Congresso Nacional. Aqui tem vários deputados, você, Paulinho, é líder de um bloco, dentro do Congresso Nacional. Naquilo que depender do presidente da República, nas reuniões de quinta-feira com os colégios de líderes, eu vou até pedir para que o companheiro Lupi vá fazer uma exposição da necessidade dos partidos que compõem a base de sustentação do governo votarem esse projeto. Depois vai para o Senado e depois volta para mim, se não houver mudança, para sancionar.

Uma outra coisa gratificante é a questão do trabalho aos domingos no setor comerciário. Eu penso que houve uma evolução na compreensão dos empresários, houve uma evolução na compreensão dos trabalhadores e houve uma evolução na compreensão do governo. Primeiro, todos nós sabemos que o mundo que nós vivemos, no século XXI, no mundo do trabalho, é diferente do mundo que a gente viveu do começo até o meio do século XX. As mulheres, que antigamente eram tidas como as únicas que iam fazer compras, hoje trabalham tanto quanto os homens, mesmo ganhando menos que os homens, e, portanto, muitas vezes, se o casal trabalha, só sobra o sábado e domingo para fazer compras. Segundo, é que o povo brasileiro aos poucos está aprendendo a viajar, e não tem nada mais desagradável do que alguém viajar, chegar numa cidade no domingo, querer comprar alguma coisa e não poder comprar porque o comércio está fechado. E terceiro, também, porque nós estamos precisando criar empregos. E quarto, também, porque o prefeito fica muito agradecido se o comércio tiver um pouco mais de vendas e a cidade arrecadar um pouco mais.

Ora, essa combinação de interesses combina com a necessidade que o trabalhador tem de ter, a cada três domingos, ele tira um para descansar e trabalha dois. Ninguém pode dizer que os trabalhadores foram radicais, ninguém pode dizer que os empresários foram radicais, ninguém pode dizer que os sindicatos não se dispuseram a negociar e ninguém pode dizer que o governo não utilizou o seu comportamento de flexibilidade para que a gente pudesse concluir, numa medida provisória, para entrar em vigor assim que a

medida for publicada no Diário Oficial da União e entrar no Congresso Nacional.

Eu acho que nós, então, marcamos um tento. Marcamos um tento porque permitimos àqueles que querem comprar os domingos ter a oportunidade de comprar, garantimos aos trabalhadores o direito de descansar pelo menos um domingo. E só não sabe o quanto é ruim a gente descansar em dia de semana, porque em dia de semana todos os companheiros da gente estão trabalhando e a gente está sozinho. Então, um domingo, ficar junto, até para desenferrujar as pernas, bater uma bolinha, normalmente ir numa praia aos domingos, comer um franguinho com farofa, porque nem todo mundo tem colônia de férias e nem na colônia de férias dos comerciários cabe todo mundo, então, eu penso que foi um ganho.

É importante termos em conta que tudo no Brasil seria muito mais simples se houvesse a compreensão das partes que 90% dos problemas que nós vivemos poderiam ser resolvidos em mesa de negociação. Eu me lembro que, em 1980, quando nós constituímos a primeira comissão de fábrica em São Bernardo do Campo, alguns empresários tinham as comissões de fábricas como se fosse uma intromissão dos trabalhadores dentro das decisões da fábrica. Hoje, qualquer empresário que permitiu a criação de comissões de fábricas dentro da fábrica sabe que a comissão de fábrica termina sendo um bem extraordinário, porque 90% das coisas são resolvidas ali, no dia-a-dia, sem precisar ir para a Justiça do Trabalho.

Eu quero, portanto, parabenizar os dirigentes sindicais, com a certeza de que um dia vocês vão perceber que ter 6,7, 8 centrais sindicais não leva a nada. Vocês por experiência, vão reduzir isso, quem sabe para uma, quem sabe para duas, mas também não precisam pulverizar tanto as centrais sindicais. Obviamente que, como governo, nós não mediremos, não faremos um movimento para que não seja assim, afinal de contas, são vocês que têm o direito e a obrigação de saber como se organizam no mundo de trabalho, na cidade e no estado. E eu penso que, da nossa parte, nós vamos continuar incentivando para que essas coisas aconteçam. Tudo que for feito como resultado de um acordo e transformado em lei tem muito mais solidez do que alguma coisa que seja transformado em lei sem a participação de vocês, e tem muito mais valor do que uma coisa feita apenas na disputa de maioria e

minoria, três a um, dois a um, quatro a um, porque isso também termina não atendendo às necessidades do conjunto dos trabalhadores. Eu acho que ganham os trabalhadores, ganham os sindicatos, acho que ganham os empresários.

Portanto, parabéns, Lupi, parabéns companheiro Marinho, eu sei que isso começou há muito tempo, ainda com o ministro Jaques Wagner, passou pelo Ricardo Berzoini, pelo Marinho e pelo Lupi. Parabéns ao companheiro Dulci, que tem sido um gigante na coordenação de todo o movimento social no Brasil, e parabéns a todos vocês pela compreensão de que um bom acordo às vezes vale muito mais do que uma péssima briga.

Muito obrigado e parabéns.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Programa Integrado de Juventude**

Brasília-DF, 05 de setembro de 2007

Eu preciso tomar cuidado com o meu discurso para não terminar falando boa noite para vocês, já que não começou de dia, como nós queríamos.

Eu quero cumprimentar os companheiros ministros que tanto contribuíram para que nós pudéssemos apresentar hoje essa proposta e levar ao Congresso Nacional,

Quero agradecer ao Beto Cury pelo extraordinário trabalho,

Quero agradecer a compreensão da juventude que participa do Conselho Nacional da Juventude, sobretudo os companheiros da UNE, que têm dado uma contribuição extraordinária para que a gente vença obstáculos com os nossos companheiros do ProUni, que tem sido motivo de orgulho para nós em cada cidade, em cada estado do País.

Mas, companheiro Dulci, companheiro Beto, não precisava acontecer mais nada aqui, hoje, depois da apresentação e dos depoimentos. Mais nada. Se nós tivéssemos o juízo que tiveram os meninos que falaram aqui, depois da fala deles nós sairíamos em silêncio, iríamos para o nosso trabalho dizer em alto e bom som: valeu a pena a gente enfrentar os descrentes deste País. Qual é o grande problema que nós enfrentamos? É que toda vez que a gente pensa uma política que ainda não existia, uma política que às vezes oferece uma pequena oportunidade, aparecem os pessimistas dizendo: “isso não vai dar em nada, não vale a pena, isso não dá certo. Imagine, precisa apostar na criança, esses adolescentes já estão perdidos, não sei para que acreditar neles. Dar 100 reais não resolve o problema, não ajuda.”

Na verdade, é quase uma revoada de aves de mau agouro não



querendo que as coisas dêem certo neste País. É como se nós estivéssemos subindo uma escada de 16 degraus e tivesse companheiros mais frágeis, mais debilitados, e no fim da escada tivesse tudo que é tipo de comida gostosa, que a gente gosta, e aquele mais esperto e com mais saúde subisse sozinho, comesse tudo e não parasse para estender a mão e pegar os que estavam mais devagar para falar: “vamos juntos, companheiros, vamos repartir aquela comida, porque aquela comida é nossa, aquela comida é coletiva.”

Essa proposta, e o que foi feito até agora, não é a solução definitiva para resolver o problema das pessoas, não é. Certamente, o Congresso Nacional pode aperfeiçoar de forma extraordinária as coisas que nós estamos mandando, até porque lá também tem gente que conhece muito o problema que vive grande parte da juventude brasileira.

Mas se a gente pode dizer que não resolveu todos os problemas, eu queria dizer para vocês uma coisa: para mim, uma oportunidade como esta me fez chegar à Presidência da República deste País. E isso não é pouca coisa. Não é um cargo qualquer. E foi graças a uma oportunidade, porque eu também só tenho o 4º ano primário, é importante lembrar disso, antigamente eu tinha vergonha, hoje eu gostaria de ter mais, mas eu tinha orgulho de ter tido o 4º ano primário, de ter tido a oportunidade de fazer um curso técnico, de ter tido o espaço que vocês estão tendo agora. Obviamente que a gente não pode cuidar com o mesmo tempo que estaríamos cuidando se estivesse na normalidade da vida de vocês. O que nós estamos pegando, é como se fosse aquela corrida em que o cidadão passa e entrega o canudo para o outro e, às vezes, o que pega o canudo está mais devagar do que aquele que vinha correndo. Seria melhor que aquele que vinha correndo seguisse correndo, seria melhor cuidar só de quem não tem problema, mas esses não precisam do Estado, o Estado precisa cuidar dos que têm necessidade, dos que precisam do Estado brasileiro.

Tem uma parte da sociedade que Deus já abençoou, é verdade que tem



um pai que pode pagar uma boa escola, tem um pai que pode comprar... Eu não falo isso achando ruim não, eu acho que seria maravilhoso se todo mundo tivesse, mas o drama daquele menino que não conseguia se reunir com pessoas, é o drama de muita gente neste País, porque as pessoas parece que enxergam o mundo com um bloqueio, e o mundo não se abre para receber essas pessoas.

Dulci, você sabe quantas vezes eu cobre de você resultado do ProJovem. Depois fomos a Recife, naquele ato, e eu voltei convencido da importância do ProJovem pelo calor daquelas pessoas. Meninas de 17 anos com 2 filhos e freqüentando a escola, meninos que tinham sido presos e pelo bom comportamento saíam da cadeia para freqüentar a escola. Então, é possível o Estado brasileiro, não apenas acreditar, mas abrir todas as portas possíveis para que os jovens possam passar por essas portas e conquistar o direito de voar. Voar com liberdade, voar depois de ter almoçado, depois de ter jantado, depois de ter estudado, voar de barriga cheia, porque de barriga vazia cai e morre ou cai no banditismo, cai no narcotráfico. Eu acho que se nós conseguirmos, com a ajuda do Congresso, aprovar isso e alargar esse Programa, que atende 700 mil pessoas, para 4,2 milhões, será um passo gigantesco que a gente vai estar dando, Tarso, porque ao invés de construir espaço para prender jovens ou educar jovens, a gente vai construir escolas arejadas, oportunidades de emprego. É isso que nós estamos fazendo.

Portanto, eu queria pedir a compreensão dos nossos queridos companheiros parlamentares. Esse processo vai chegar lá, esse Programa não pode ser visto como um programa do governo federal, como um programa do presidente Lula. Embora tenha sido lançada a Lei hoje aqui, para ser aprovada no Congresso, esse Programa tem que ser assumido, Marcelo, pelos governadores, ele tem que ser assumido pelos prefeitos, ele tem que ser assumido pelas comunidades, ele tem que ser assumido por aqueles que não precisam desse Programa do governo porque já estudaram bastante e têm que



ser solidários com os jovens que não tiveram oportunidade. É um programa, na verdade, com cara, com cheiro de solidariedade com quem perdeu o ônibus que passou na sua frente e não conseguiu pegá-lo.

É assim que a gente precisa ver este Programa. Normalmente, no Brasil, se amesquinhou tanto a política, que faz-se um programa de um governo e o outro não pega porque foi daquele governo. Faz-se um programa do governo federal e o prefeito não quer colocar em prática porque é do governo federal. Faz-se um programa do governo estadual e o governo federal não quer porque é do governo estadual. Essa pequenez política, que quase tornou milhões de jovens pequenos diante da sobrevivência, nos demonstrou, numa lição de vida extraordinária, que esses jovens estão dizendo para nós: “pelo amor de Deus, nos dêem apenas uma oportunidade, nada mais do que isso, nós precisamos apenas de uma oportunidade”.

Eu quero parabenizar o Dulci, porque no fundo, no fundo, ele é o coordenador-geral dos Ministérios na questão da política social. A quantidade de dinheiro que estamos colocando, certamente algumas pessoas vão escrever, Dulci, assim: “governo está gastando 5 bilhões em 4 anos, quando poderia fazer asfalto numa estrada, quando poderia construir uma ponte”. Outros vão dizer: “o governo está dando dinheiro para a juventude e daria para fazer 10 casinhas populares”. É assim. No Brasil só se nivela as coisas por baixo, é a pequenez de visão do que significa isso. Se há 20 ou 30 anos, os governantes tivessem feito a sua parte, mesmo que pequenininha, nós não teríamos hoje um estoque imenso de jovens e adolescentes fora do mercado de trabalho, fora da escola e fora das oportunidades.

Então, eu quero dizer para vocês que se não tivesse me acontecido nada hoje, apenas o depoimento desses quatro jovens que aqui falaram, e de uma jovem, já teria valido a pena passar pela Presidência da República deste País.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



Presidência da República
Secretaria de Comunicação Social
Discurso do Presidente da República

Eu queria chamar aqui o Pedrinho, o primeiro orador, representando Minas Gerais, porque ele pediu e vai receber o livro aqui, no ato. Eu queria ver se os meninos e a menina que fizeram uso da palavra poderiam vir aqui para a gente tirar uma foto coletiva.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia oficial de chegada do Presidente de Moçambique, Armando Guebuza

Palácio do Planalto, 06 de setembro de 2007

Excelentíssimo senhor Armando Guebuza, presidente da República de Moçambique, e sua senhora, Maria da Luz Guebuza,

Minha companheira Marisa,

Senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Senhoras e senhores ministros,

Senhoras e senhores parlamentares,

Senhoras e senhores integrantes da delegação de Moçambique,

Me permitam cumprimentar, não é sempre que podemos ter dois presidentes à Mesa, o nosso companheiro José Sarney, senador e ex-presidente da República,

Cumprimentar a imprensa,

Receber o presidente Guebuza em Brasília é concretizar a visão que me levou a visitar Moçambique, logo no início do meu governo. Ultimamos entendimentos e assinamos acordos que reforçarão a parceria exemplar que nossos dois países estabeleceram em prol do desenvolvimento de Moçambique. Isso só foi possível graças à notável liderança de Vossa Excelência na reconstrução da nação moçambicana.

O papel que Vossa Excelência desempenhou na luta pela independência e, mais à frente, pelo Acordo Geral de Paz, é amplamente reconhecido e admirado. Sua Presidência começa a colher os frutos desse legado de realizações em benefício do povo moçambicano.



O apreço que o Brasil tem por Moçambique não deriva apenas de nossas raízes históricas e culturais comuns. Acompanhamos a trajetória do país e sua extraordinária recuperação após o período devastador da guerra civil e observamos como Moçambique vem assentando as bases para um futuro de muita esperança para as próximas gerações.

Esteja certo de que o Brasil tem a perfeita percepção da importância desse projeto nacional e deseja continuar a colaborar solidariamente. As conquistas são visíveis: sólido crescimento econômico, estabilidade política, maturidade institucional e fortalecimento democrático. Esses avanços se traduzem de forma particular na redução dos índices de pobreza.

Fiquei especialmente impressionado em saber que Moçambique poderá, até 2009, retirar mais da metade de sua população da pobreza extrema. Trata-se de feito extraordinário para um país que enfrentou tantas dificuldades.

Saúdo também o empenho da primeira-dama, Maria da Luz Guebuza, em projetos para a inclusão de mulheres no mercado de trabalho. No Brasil, também lutamos pela igualdade de gênero e pela promoção de mais e melhores oportunidades de empregos para as mulheres.

Senhor Presidente,

Os empresários brasileiros compartilham nosso otimismo em relação a Moçambique. O investimento da Companhia Vale do Rio Doce no projeto de exploração do carvão de Moatize é exemplo desse potencial. Confiamos que induzirá um novo ciclo de investimentos no país.

Por isso mesmo, outras empresas brasileiras estudam investimentos nas áreas de infra-estrutura e energia. Esses empreendimentos contribuirão para dinamizar as trocas comerciais, que estão muito aquém do potencial de nossas economias.

Sei que é essa a motivação da expressiva delegação empresarial que acompanhou Vossa Excelência a São Paulo. Quando pensamos em novas oportunidades de negócios, não podemos deixar de lembrar dos



biocombustíveis. Moçambique tem todas as condições de clima e de solo para ajudar a atender à crescente demanda mundial por bioenergia.

É com essa visão que hoje firmamos o Protocolo sobre Biocombustíveis. Com a ajuda das empresas privadas brasileiras, Moçambique poderá ingressar nessa revolução energética. E o povo moçambicano se beneficiará da modernização de sua agricultura e da conseqüente criação de renda e de empregos.

A capacitação técnica brasileira também poderá contribuir para viabilizar o potencial hidrelétrico e petrolífero do país. Assinamos hoje novos compromissos que beneficiarão Moçambique nas áreas de educação à distância, iniciação científica e aproveitamento de água. E estamos discutindo projetos nas mais variadas áreas, tais como turismo, habitação popular, microcrédito e transportes urbanos.

Na área de saúde, o combate à pandemia do HIV/Aids será sempre uma prioridade. Reitero publicamente nossa disposição de continuar trabalhando com Moçambique para a instalação, em Maputo, de fábrica de remédios anti-retrovirais. É também nossa intenção abrir uma representação da Fundação Oswaldo Cruz em Maputo. Será a primeira da Fiocruz fora do Brasil. Sinalizará, de forma muito concreta, nosso compromisso com a saúde, não apenas com Moçambique, mas de todo o continente africano.

É, portanto, com grande satisfação que tomo emprestada expressão que marca sua gestão, presidente Guebuza, e essa expressão diz: “Decisão tomada, decisão cumprida”.

Senhoras e senhores,

O Brasil acompanha com muita atenção o papel construtivo de Moçambique em favor da paz e do fortalecimento das instituições africanas. Testemunhamos o empenho de Vossa Excelência e do ex-presidente Joaquim Chissano na consolidação da União Africana e no relançamento da Comunidade da África Austral. Nessa empreitada, conte sempre com o



governo brasileiro, que continua a apostar no “Renascimento Africano”. Sempre acreditei que Moçambique é ator decisivo nesse processo.

Moçambique e Brasil são defensores do multilateralismo. Acreditamos na força da cooperação Sul-Sul. Desejamos um mundo em que a riqueza seja distribuída de forma mais eqüitativa.

Estamos empenhados em tornar o comércio internacional mais justo, dando aos agricultores dos países em desenvolvimento, sobretudo os mais pobres, a chance de provar sua competência e competitividade.

Queremos que a voz de nossos países seja mais ouvida nos foros internacionais, particularmente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Renovo, a propósito, minha gratidão pelo apoio de Moçambique ao pleito brasileiro para ocupar assento permanente em um Conselho ampliado. Para que nossa voz seja ouvida, precisamos unir forças e coordenar posições. Por isso, Moçambique e Brasil atribuem importância ao papel da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa como foro de entendimento e concertação.

Senhor Presidente,

Amanhã Vossa Excelência participará, como convidado de honra, das celebrações da Data Nacional brasileira. A escolha de Moçambique como país homenageado atesta nossa amizade e nossa esperança de uma parceria cada vez mais sólida.

Terei ainda maior satisfação em tê-lo a meu lado, presidente Guebuza, por saber que o dia 7 de Setembro é uma data especial também para o povo moçambicano. Amanhã se celebra a passagem dos 33 anos da assinatura dos Acordos de Lusaca, que abriram caminho para a independência de Moçambique. Será, por isso, motivo adicional para que nós, brasileiros, comecemos.

É com esse espírito de confraternização que convido os presentes a se juntarem em um brinde à amizade entre os povos de Moçambique e do Brasil, e à felicidade pessoal de Vossa Excelência e da senhora Maria da Luz.



Muito obrigado.

Pronunciamento à nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em cadeia nacional de rádio e TV, sobre as comemorações do Dia Sete de Setembro

Minhas amigas e meus amigos,

Há 185 anos o Brasil nascia como nação independente. Podemos dizer que, nos dias de hoje, também está nascendo um novo Brasil. Um Brasil que não é resultado apenas do trabalho de um presidente ou de um governo, mas do esforço de todos os brasileiros e brasileiras. Um esforço acumulado de muitos anos e que encontra, agora, seus melhores resultados e sua melhor expressão. É sobre este nascimento, sobre a felicidade e as dores deste parto, que quero refletir com vocês, na véspera do Sete de Setembro.

Passamos, hoje, por uma grande transformação. Mas nem sempre quem participa de um momento histórico percebe toda a sua amplitude. Ao contrário, muitas vezes enxerga com mais facilidade as dificuldades passageiras do que os efeitos mais profundos e permanentes da mudança. O Brasil vive hoje um período de solidez econômica e política. Mais do que isso: vive um amplo movimento de inclusão social, de uma intensidade nunca vista. Mais de 8 milhões de brasileiros saíram da linha de miséria. O crescimento se espalha por todos os setores e por todo o País. A renda aumenta, o emprego cresce, o investimento se amplia, o crédito se multiplica, o consumo aumenta. Nosso País reforça sua presença no mundo e assume a vanguarda em setores estratégicos, como o dos biocombustíveis. Estas são algumas das muitas e muitas conquistas que temos obtido. Por isso, neste Sete de Setembro, quero dizer a todos vocês que há motivos de sobra para ter fé no Brasil.

Mas quero dizer também que há motivos de sobra para não nos acomodarmos; e para cobrarmos mais resultados de todos os setores da vida nacional. Sou, hoje, o brasileiro mais satisfeito e o mais insatisfeito deste País. Sou o mais satisfeito porque estou tendo a honra de liderar um processo muito especial de transformação do nosso querido Brasil. E sou o mais insatisfeito porque estou convencido de que podemos andar ainda mais rápido e melhor. Estou satisfeito porque o governo tem bons projetos para promover o avanço social, o avanço econômico e o avanço tecnológico. E faz isso com um

respeito, cada vez mais rigoroso, com o meio ambiente, como mostra a redução em 44% do ritmo de desmatamento na Amazônia. Estou satisfeito porque temos novos programas modernos e abrangentes como o PDE, na educação; como o Pronasci, na área da segurança; como o PAC nas áreas do incentivo à produção, ao crescimento e à ampliação da infra-estrutura; e estamos elaborando, agora, importantes medidas para amenizar problemas na área da saúde. Isso vai significar, entre outras coisas, 504 bilhões de reais em infra-estrutura logística e social, trazendo uma revolução em matéria de estradas, portos, aeroportos, transportes, energia, habitação, saneamento básico e água potável. Vamos ter mais 10 bilhões de reais na educação, ampliando as mudanças que já estão sendo feitas, como a criação de 214 escolas técnicas, 10 novas universidades federais e 48 novas extensões universitárias no interior.

Tudo isto me deixa muito satisfeito. Mas estou insatisfeito porque ainda há uma forte dívida social a resgatar com os mais pobres. A classe média ainda enfrenta dificuldades e há melhorias profundas a serem feitas no serviço público e atitudes modernizadoras a serem adotadas no setor produtivo. Precisamos diminuir, como estamos fazendo, as desigualdades entre as pessoas e as regiões; derrubar barreiras à produção e ao crescimento; e ter a coragem para avançar, ainda mais, no terreno da ética e do combate à impunidade, em qualquer estrato econômico, social ou político. Esta coragem e este esforço nosso governo vem tendo. E estamos colhendo os frutos doces e amargos desta sementeira.

Minhas amigas e meus amigos,

Vivemos um ciclo de desenvolvimento vigoroso e sustentado. Sustentado economicamente, porque a inflação está sob controle, a situação fiscal equilibrada e as contas externas vivem um momento espetacular. Isso significa mais emprego e mais comida na mesa. Em apenas sete meses deste ano criamos 1 milhão e 200 mil empregos com carteira assinada. Um número maior do que em todo o ano passado. A miséria está diminuindo: nos últimos anos, 7 milhões de brasileiros entraram na classe média. O PIB cresce há 21 trimestres consecutivos, o consumo das famílias há 14 trimestres consecutivos e o comércio varejista atingiu, no primeiro semestre, o seu recorde histórico de crescimento. Precisamos e vamos crescer ainda mais. Mas isso não significa

que possamos baixar a guarda na luta contra a inflação. Ao contrário, é tempo de vigilância e alerta permanente. Só assim teremos força – como estamos tendo – para enfrentar os abalos externos e os problemas internos.

Estamos igualmente vivendo um ciclo socialmente sustentado, porque ao contrário de outras épocas, agora não há arrocho salarial e exclusão social. O poder de compra do salário mínimo dobrou. Noventa e sete por cento das negociações coletivas estão ocorrendo com ganhos salariais iguais ou superiores à inflação. Mas isso não significa que possamos nos descuidar dos mais pobres e do aperfeiçoamento e ampliação de nossas políticas sociais, consideradas, com muita razão, das melhores do mundo.

Estamos vivendo, igualmente, um ciclo politicamente sustentado. O País desfruta de um regime democrático pleno, as instituições funcionam, os movimentos sociais participam das decisões, a imprensa é livre e os direitos individuais são respeitados e garantidos. Mas isso não significa que possamos trocar o diálogo pela aspereza política; que as majorias não respeitem as minorias; e que os poderes não busquem uma convivência ainda mais harmônica e democrática.

Minhas amigas e meus amigos,

Estamos lutando por um Brasil sem pobreza, sem privilégios, sem discriminações e sem divisões. Um país de oportunidades iguais para todos. A melhor forma para um país crescer é fazer com que cada vez mais gente saia da pobreza, ingresse no mercado e conquiste a cidadania. E criar, ao mesmo tempo, instrumentos para que a classe média se fortaleça e se realize. Nenhum país do mundo pode crescer sem estimular, fortemente, o espírito empreendedor da classe média. Mas devemos também entender que quanto menor for o número de pobres e maior o mercado de massa, melhor será este País. Haverá mais emprego, segurança, riqueza, poder de consumo e paz social para todos. Repito: para todos. O novo Brasil que está nascendo das mãos dos brasileiros não é um Brasil para poucos, mas para muitos. Não é só para os que apóiam o governo, mas para todos que apóiam a nação. Não é só para as gerações de hoje, mas também para as gerações de amanhã. Um Brasil que respeita o ser humano, respeita a natureza, respeita os valores morais e respeita a grandeza de Deus. Tenho fé no Brasil. Viva o Sete de Setembro!

Muito obrigado e boa noite.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do banquete oferecido pela Presidente da Finlândia, Tarja Kaarina Halonen, no Palácio Presidencial

Helsinque - Finlândia, 10 de setembro de 2007

Muito obrigado, presidente e prezada amiga Tarja Halonen, pela calorosa acolhida e pelas palavras generosas dirigidas a mim e ao povo brasileiro.

Sinto-me profundamente honrado em ser o primeiro presidente do Brasil a visitar a Finlândia. E tenho a grande satisfação de fazê-lo no ano em que este país comemora 90 anos de independência e de liberdade democrática.

Em sua visita ao Brasil, em 2003, Vossa Excelência pôde ver um país que também dá passos irreversíveis no caminho da maturidade política, da estabilidade econômica e da justiça social.

A sociedade brasileira, ainda que relativamente jovem, carrega marcas de uma pesada herança histórica. Superar injustiças e combater a pobreza é tarefa árdua. Mas estamos avançando rápido.

Nos últimos anos, conseguimos importantes conquistas na área social, gerando empregos e melhores condições de vida para milhões de famílias brasileiras.

A Finlândia e o Brasil lutam por um mundo mais solidário e uma globalização menos assimétrica.

Essa é talvez a principal mensagem da Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização, co-presidida por Vossa Excelência.

Nossos países mantêm um diálogo político maduro e adotam posições similares nos foros internacionais.

Coincidimos em que a defesa dos direitos humanos é preocupação e dever de todos. O fortalecimento das instituições democráticas e o



aperfeiçoamento do Estado do Direito são requisitos para o pleno respeito aos direitos humanos, no plano interno e na esfera internacional.

O Brasil, como membro do Grupo de Amigos do Processo de Helsinque, compartilha com a Finlândia a visão de que as questões afetas à paz e à segurança estão vinculadas à luta contra a pobreza.

É esse o espírito que anima o Brasil a empreender renovados esforços em benefício de nossos irmãos mais necessitados em diferentes países.

Defendemos com vigor o multilateralismo. Ao lado da Finlândia, o Brasil empenha-se para que as Nações Unidas possam ser cada vez mais uma força na construção do mundo pacífico e próspero com que sonhamos.

Sabemos que, para isso, é urgente reformar a ONU e, em especial, seu Conselho de Segurança, para torná-lo mais representativo, legítimo e eficaz. Agradeço sensibilizado o apoio que a Finlândia acaba de anunciar para que o Brasil venha a ocupar assento permanente em um Conselho de Segurança ampliado.

Na OMC, o Brasil já vem exercendo suas responsabilidades. Por meio do G-20, estamos empenhados em que a Rodada de Doha faça do comércio internacional uma alavanca de crescimento para os países em desenvolvimento.

É fundamental que a Rodada corresponda às nossas altas expectativas e contribua para diminuir as desigualdades entre os países.

A vitalidade da parceria entre o Brasil e a Finlândia se manifesta também nas promissoras oportunidades que se abrem para o intercâmbio econômico-comercial e científico-tecnológico.

Nossa cooperação bilateral tem amplo potencial para ir além das áreas tradicionais, como florestas, celulose e papel, e incluir novas vertentes de atuação conjunta, entre elas as energias renováveis.

Os biocombustíveis como o etanol e o biodiesel colaboram para conter os efeitos da mudança do clima, gerar renda e empregos e reduzir a pobreza.



A ampliação e a modernização em curso da indústria e da infra-estrutura no Brasil também abrem vastas oportunidades de cooperação.

Com o Programa de Aceleração do Crescimento, que estamos implementando desde o início do ano, iremos investir recursos expressivos para que o Brasil possa crescer de forma sustentada, sem entraves logísticos.

Foi muito proveitoso o Seminário Empresarial que organizamos no contexto desta visita, com a participação de representantes dos mais variados setores. Os empresários brasileiros que me acompanham têm interesse em estabelecer novas parcerias com seus colegas da Finlândia.

Podemos expandir nosso intercâmbio comercial, que cresceu 120% nos últimos quatro anos. O Brasil reúne todas as condições para atrair mais investimentos produtivos. Conhecendo o espírito empreendedor do empresariado finlandês e brasileiro, sei que teremos êxito.

A Parceria Estratégica entre o Brasil e a União Européia, que lançamos em julho, na Cúpula de Lisboa, deverá abrir outras vertentes de cooperação. Esperamos também concluir o quanto antes as negociações para um Acordo de Associação entre o Mercosul e a União Européia, em bases justas e equilibradas.

Senhora Presidente,

Tenho certeza de que os entendimentos alcançados durante minha visita permitirão o desenvolvimento de novos projetos de interesse recíproco.

É com esse espírito de confiança nos renovados laços de amizade e cooperação entre a Finlândia e o Brasil que minha companheira Marisa e eu propomos um brinde à saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e do doutor Pentti Arajärvi, que estendo a todo o povo finlandês.

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário Brasil-Finlândia sobre Oportunidades de Investimentos

Helsinque-Finlândia, 10 de setembro de 2007

Estamos hoje aqui reunidos com a determinação de dar uma nova dimensão às relações econômicas entre a Finlândia e o Brasil.

Venho acompanhado por representantes do setor privado brasileiro empenhados em forjar alianças, conquistar mercados e explorar novas oportunidades de negócios. Temos todas as condições para realizar o pleno potencial da parceria entre duas economias dinâmicas e competitivas.

Começamos de uma excelente base. Já temos 43 grupos finlandeses com investimentos no Brasil. Nossas trocas bilaterais cresceram mais de 120% entre 2003 e 2006. Temos evidente potencial de complementaridade. O setor de papel e celulose é um, entre tantos exemplos. Precisamos, agora, aproveitar os horizontes para novos negócios inexplorados.

O Brasil, país com 190 milhões de habitantes, está colhendo os frutos de uma política econômica firme, consistente e voltada para o crescimento sustentável e duradouro. Isso permitiu ampliação forte do mercado interno, lastreada na expansão do emprego e da renda dos trabalhadores. Reduzimos a pobreza e as desigualdades sociais, graças ao combate à inflação, que hoje está abaixo dos 4%.

O desenvolvimento que pretendemos passa pelo fortalecimento gradual de um mercado de consumo verdadeiramente democrático e inclusivo.

A melhor distribuição de renda e o maior acesso ao crédito estão transformando milhões de brasileiros em consumidores e cidadãos plenos. Seguimos uma política macroeconômica consistente. Como resultado, as taxas de juros estão nos seus níveis mais baixos dos últimos dez anos e continuam a cair. A expansão do PIB no 1º trimestre de 2007 superou as expectativas. A partir de 2008, contamos com um crescimento econômico de 5%, sem pressões inflacionárias.

A retomada do crescimento se dá em bases sustentáveis porque

reduzimos, de modo drástico, a vulnerabilidade do País a choques externos. Temos hoje 160 bilhões de dólares em reservas. Saldamos totalmente as dívidas com o FMI e com o Clube de Paris. A reação serena e segura da economia brasileira às turbulências financeiras das últimas semanas não deixa dúvidas.

O choque de eficiência e competitividade por que passa a economia brasileira se reflete nos recordes sucessivos registrados em nosso comércio exterior. Com a União Européia superamos, em 2006, a cifra de 50 bilhões de dólares de comércio bilateral, um crescimento de 13% em relação ao ano anterior e de 60% em relação a 2003. Essa tendência se repete com as demais regiões do mundo, assegurando uma inserção cada vez mais globalizada do Brasil na economia internacional.

Estabelecer novas parcerias e consolidar vínculos tradicionais é parte dessa estratégia. Diversificamos nossa pauta de exportações e a origem de nossas importações. Estamos avançando num processo de integração regional para estimular o desenvolvimento de um mercado sul-americano e sua projeção no mundo.

Senhoras e senhores empresários,

Queremos que a Finlândia seja um parceiro cada vez mais engajado nesse projeto. Para tanto, o governo brasileiro vem se empenhando em oferecer condições favoráveis para os investidores externos. Estamos aperfeiçoando regras, qualificando mão-de-obra e fortalecendo um grande mercado consumidor. Sabemos da importância crucial de ampliar nossa infraestrutura energética, de comunicações e de transporte.

Essa é uma das metas centrais do Programa de Aceleração do Crescimento, que lancei em janeiro deste ano. São obras da ordem de US\$ 252 bilhões até 2010, que abrirão novas portas para os negócios no mercado brasileiro e irão dinamizar as relações do Brasil com o mundo.

As vantagens de investir no Brasil já são conhecidas de diversos empresários finlandeses. É o caso da importante presença que têm, em parceria com os brasileiros, na produção de papel e celulose. Mas precisamos explorar melhor a vantagem comparativa brasileira. No Brasil, retira-se uma média de 40 metros cúbicos de eucalipto por hectare. Além disso, a muda brasileira cresce num ritmo excepcional, alcançando condições de corte num

período de 7 a 9 anos. No campo da telefonia celular, a Nokia produz seus aparelhos em Manaus e tem um centro de tecnologia em Brasília. Seu uso vem crescendo num ritmo impressionante no Brasil, que é hoje um dos principais mercados do mundo.

Queremos convidar a Finlândia a continuar acreditando que investir no Brasil é apostar num futuro de oportunidades excepcionais, um futuro que passa pela revolução dos biocombustíveis. É amplamente conhecido o potencial do etanol e do biodiesel para promover a segurança energética e conter os efeitos da mudança do clima, dois temas prioritários em toda a agenda internacional.

O que nem sempre se lembra é o potencial dessas fontes alternativas de energia na promoção do desenvolvimento sustentável, gerando empregos e renda, sobretudo para os trabalhadores da agricultura familiar. Os biocombustíveis oferecem respostas concretas aos desafios da fome e da miséria nos países mais pobres. A experiência brasileira na produção de etanol, a partir da cana-de-açúcar, mostra que essa opção é economicamente viável para substituir a gasolina. Ao contrário do etanol feito a partir de outras fontes, o etanol brasileiro é competitivo com o petróleo, na faixa de 22 euros, muito abaixo dos preços vigentes no mercado internacional.

Portanto, faz sentido investir na produção de etanol no Brasil e em parcerias para sua produção nos muitos países da América Latina, do Caribe e da África, que também dispõem de solo e clima favoráveis. Esse deve ser apenas o ponto de partida para nossa cooperação em matéria energética.

Queremos convidar empresas finlandesas a juntar-se ao Brasil e às empresas brasileiras no desenvolvimento e na pesquisa do próximo passo dessa revolução: a produção de etanol a partir da celulose. No Brasil, também estamos abrindo um novo horizonte no campo da "alcoólquímica". O nosso primeiro "carro verde" terá todas as peças de plástico derivadas do etanol, e não mais do petróleo.

Senhoras e senhores,

Há quem afirme que a produção dos biocombustíveis afetará a segurança alimentar e destruirá as florestas. Quero deixar claro que o combate à fome tem sido uma prioridade constante, uma obsessão mesmo de meu governo, seja no plano interno, seja no plano internacional. São conhecidas as

medidas concretas que adotamos.

Temos 383 milhões de hectares de área agricultável. Apenas 1% dessa área está atualmente dedicada à produção de cana-de-açúcar. É perfeitamente possível conciliar a produção de alimentos com a produção de biocombustíveis. Prova disso é que o cultivo de alimentos no Brasil vem crescendo exponencialmente, da mesma forma que a produção de etanol e biodiesel. Uma das razões disso é que a introdução da cana contribui para recuperar pastagens exauridas, que poderão depois voltar à produção de alimentos.

Ao mesmo tempo, estamos reduzindo o ritmo de desmatamento, pois temos um compromisso inabalável com a proteção do meio ambiente. Nos últimos três anos, o desflorestamento caiu em mais de 60%. É certo que as condições de clima e de geografia brasileiras não se reproduzem em toda parte. Por isso, sabemos que será necessário adequar o desenvolvimento do etanol e do biodiesel à realidade local de cada país e mercado.

Senhoras e senhores empresários,

Estão dadas as condições para que a Finlândia e o Brasil contribuam para os esforços da comunidade internacional em proteger o meio ambiente, ao mesmo tempo em que garantimos nossa segurança energética global. É com essa convicção que acabamos de assinar o Memorando de Entendimento de cooperação bilateral nesses dois temas. É mais um passo para realizar as muitas possibilidades do trabalho conjunto entre empresários finlandeses e brasileiros.

Estamos demonstrando que podemos combinar conhecimentos tecnológicos de ponta e vantagens econômicas comparativas para forjar uma parceria verdadeiramente competitiva.

Estou certo de que existem muitas outras oportunidades à espera dos senhores. É por isso que gostaria de convidar todos aqueles que ainda não o fizeram, a conhecer o Brasil. Estou seguro de que os empresários brasileiros que me acompanham aproveitarão esta ocasião para fazer o mesmo aqui, na Finlândia.

Só posso desejar a todos vocês boa sorte. Eu tenho dito que os finlandeses já descobriram o Brasil desde 1929: primeiro, os imigrantes; depois, os empresários. Eu espero que agora o Brasil descubra a Finlândia, sobretudo a Petrobras, para estabelecer acordos com a Finlândia e para

estabelecer acordos com outros países da região. E que os nossos empresários façam as parcerias necessárias, porque o mundo globalizado não pode ficar esperando, ou melhor, o mundo globalizado não permite que fiquemos sentados em nossos escritórios, esperando que as oportunidades passem na nossa frente. O mundo é pequeno, portanto, nós temos que trabalhar hoje mais do que trabalhamos na década passada, mais do que trabalhamos há 30 anos, para sermos mais competitivos, para fazermos mais negócios e para fazer com que as nossas empresas cresçam cada vez mais.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Parlamento

Helsinque-Finlândia, 10 de setembro de 2007

Excelentíssimo senhor Sauli Niinistö, presidente do Parlamento da Finlândia,

Senhores e senhoras parlamentares da Finlândia,

Ministros que me acompanham nesta viagem,

Embaixador brasileiro na Finlândia,

Meu caro presidente,

É para mim uma grande honra ser convidado a esta Casa. Ela encarna a luta de uma nação pela liberdade e pela democracia. O povo finlandês tem todos os motivos para celebrar, este ano, o centenário de seu Parlamento.

A história desta instituição se confunde com o próprio avanço da democracia no mundo. O ano de 2007 também marca os 100 anos do sufrágio universal na Finlândia, país que de modo pioneiro liderou essa causa.

Este Parlamento também é um símbolo da conquista dos direitos políticos das mulheres. Na primeira eleição parlamentar da Finlândia, em 1907, foram eleitas 19 mulheres.

Nas últimas eleições, 100 anos depois, 84 mulheres se elegeram para um Parlamento com 200 cadeiras. Não há demonstração mais eloqüente do firme compromisso do povo finlandês com a igualdade, e de repúdio a todas as formas de discriminação.

O Congresso brasileiro teve um papel insubstituível na consolidação das instituições democráticas no País. Participei, como deputado, da elaboração da Constituição brasileira de 1988, que refletiu os anseios do povo por um futuro melhor, onde todos são cidadãos plenos.

Como presidente da República, continuo inspirado pelos mesmos objetivos que me moveram como congressista e como dirigente sindical.

É por isso que, no meu primeiro dia de governo, lancei o programa Fome Zero, para assegurar a participação de todos nas conquistas econômicas e

sociais do País.

O Brasil está consolidando sua democracia ao fortalecer suas instituições políticas e econômicas. Estamos colhendo hoje os frutos de uma estratégia que combina crescimento sólido, reduzida inflação, forte aumento do comércio exterior e notável expansão do mercado interno. E tenho contado sempre com a participação do Legislativo brasileiro.

Temos todos plena consciência de que é preciso que o cidadão possa sentir os benefícios da democracia no seu dia-a-dia. Valorizamos o exemplo da democracia finlandesa, firmemente ancorada em sólidas conquistas sociais e valores humanistas.

Senhores e senhoras parlamentares,

Vivemos momento especial para as relações entre nossos dois países. Estamos determinados a forjar uma parceria que traduzirá nossa rica cooperação bilateral em ganhos ainda maiores para nossos povos.

Acompanha-me nesta visita expressiva comitiva empresarial, que está empenhada em diversificar nosso comércio e ampliar os investimentos recíprocos.

Meu caro presidente,

Senhores e senhoras parlamentares,

Esta visita que faço como chefe de Estado à Finlândia, a primeira de um chefe de Estado do Brasil, tem um significado muito importante de estreitar ainda mais as relações com a Finlândia, aprender com a experiência bem-sucedida finlandesa, e ensinar aquilo que for de experiência bem-sucedida brasileira.

O seminário entre empresários finlandeses e empresários brasileiros mostrou que somos bons parceiros, mas que poderemos ser muito mais, e para isso iremos trabalhar.

Vou comunicar ao presidente da Câmara dos Deputados no Brasil o seu convite. E quero agradecer ao presidente e aos parlamentares por me receberem hoje, porque eu sei que vocês estão de férias e só voltam a trabalhar amanhã. De qualquer forma, muito obrigado.

Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do jantar de Estado oferecido pelo rei Carlos XVI Gustavo e pela rainha Silvia no Palácio Real

Estocolmo-Suécia, 11 de setembro de 2007

É uma satisfação estar de volta à Suécia, que visitei há vários anos, ainda como sindicalista. Nunca me esqueci das demonstrações de solidariedade e de apoio que então recebi.

Regresso hoje à Suécia não mais como metalúrgico, mas como Presidente do Brasil. Esta é uma visita histórica, a primeira visita de Estado de um governante brasileiro ao Reino da Suécia.

O Brasil mudou muito desde a visita de Estado que Vossas Majestades fizeram ao País em 1984. Hoje, sabemos que a consolidação do processo democrático não depende somente da garantia das liberdades. Exige que melhoremos a distribuição de renda e ofereçamos oportunidades para todos.

Nessa tarefa, a Suécia sempre foi uma fonte de inspiração. Construiu um modelo de sociedade que soube conciliar a igualdade com o respeito pela liberdade individual e atingiu um dos mais altos níveis de desenvolvimento humano do mundo.

O afeto que a Suécia desperta nos brasileiros está muito relacionado às raízes familiares da rainha Silvia. Os brasileiros apreciam suas freqüentes visitas a nosso País, que evocam a infância passada em São Paulo.

Admiramos sua dedicação ao trabalho filantrópico, especialmente em prol de crianças e adolescentes. Somos gratos por terem sido os jovens brasileiros beneficiários da sua Fundação Mundial para a Infância, que tem 60 projetos em 16 Estados do Brasil.

A paixão pelo futebol é outro elo entre brasileiros e suecos. Estocolmo ficou na memória de todos nós como o lugar da primeira Copa do Mundo conquistada pelo Brasil em 1958. Em 29 de junho do próximo ano, a Confederação Brasileira de Futebol vai comemorar o cinquentenário com uma partida entre as seleções da Suécia e do Brasil.

Majestades,

Esta é uma ocasião para reafirmar a amizade entre nossos países e aprofundar nosso diálogo e cooperação. Comércio, investimentos, desenvolvimento industrial, científico e tecnológico são áreas em que, há muito tempo, os interesses comuns da Suécia e do Brasil têm rendido frutos.

Tive hoje produtivo encontro com o Primeiro-Ministro, quando examinamos temas de interesse dos nossos dois países, nas esferas bilateral e multilateral. Assinamos um importante instrumento que dinamizará nossa cooperação em energias renováveis.

Queremos consolidar e ampliar nossa parceria. Amanhã, juntamente com o rei Carlos XVI Gustavo, vamos abrir o “Dia do Brasil”. Nossos empresários estarão em contato para aproveitar as oportunidades de negócios.

Construiremos bases cada vez mais sólidas para avançar num relacionamento que privilegie o compromisso com o desenvolvimento e a justiça social.

Faço um brinde à longa vida e felicidade do rei Carlos XVI Gustavo, da rainha Silvia e da família real, que estendo a todo o povo sueco, e pela paz, prosperidade e amizade entre nossos países.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura do “Dia do Brasil”

Estocolmo-Suécia, 12 de setembro de 2007

Quero cumprimentar o rei Carlos XVI Gustavo,

Cumprimentar o senhor Carl Bildt, ministro dos Negócios Estrangeiros da Suécia,

Cumprimentar os ministros brasileiros que me acompanham nesta viagem: ministro Celso Amorim; ministro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministro Sérgio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Quero cumprimentar o embaixador brasileiro na Suécia e a embaixadora da Suécia no Brasil,

Quero cumprimentar o senhor Uf Berger, presidente do Conselho de Exportação da Suécia,

Quero cumprimentar os amigos brasileiros e os amigos suecos,

Empresários e empresárias que estão participando deste “Dia do Brasil”,

É para mim uma satisfação especial juntar-me ao rei Carlos XVI Gustavo na abertura oficial do “Dia do Brasil”. Quero agradecer aos organizadores deste importante evento de promoção do diálogo entre governo e setor privado.

O “Dia do Brasil” representa excelente ocasião para nossos empresários explorarem as oportunidades de negócios que a tradicional pujança do intercâmbio entre a Suécia e o Brasil oferece. Temos hoje o desafio de dar um novo impulso a relações econômicas consolidadas.

A primeira linha de navegação direta entre Gotemburgo e os portos brasileiros data de 1908. Em 1915, a indústria química AGA se instalou no Brasil, seguida pela Ericsson, em 1924, e pela Electrolux, em 1926. A presença em território brasileiro dessas empresas suecas iniciou uma parceria que já dura quase um século.

Hoje, são mais de 180 empresas, empregando mais de 40 mil brasileiros e atestando a solidez da presença da Suécia no Brasil. Quase todas as

grandes empresas suecas com expressão internacional estão instaladas no Brasil, gerando renda e empregos.

Não surpreende que São Paulo seja a maior cidade industrial da Suécia. Os 400 milhões de dólares de investimentos suecos no Brasil, nos últimos cinco anos, permitirão à cidade continuar a ostentar esse título.

Nossa corrente de comércio se aproximou dos 1,5 bilhão de dólares em 2006, e este ano deverá ultrapassar os 2 bilhões de dólares.

Mas ainda há muito por fazer. É justamente essa a missão de vocês, empresários, que hoje se reúnem no “Dia do Brasil”.

O Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, que lancei em janeiro, apresenta um conjunto de oportunidades para investimentos, sobretudo no setor de infra-estrutura. São obras que abrirão novas portas para os negócios no mercado brasileiro e que facilitarão as relações do Brasil com o mundo.

Vamos alocar 252 bilhões de dólares até 2010 para projetos de desenvolvimento. Boa parte será concentrada em transportes, energia e na área social, em obras de urbanização de favelas e saneamento básico.

Durante este Seminário, vocês terão a oportunidade de conhecer melhor o PAC, em apresentações de membros da minha comitiva.

A construção de uma infra-estrutura moderna é igualmente prioridade para o processo de integração da América do Sul, onde capitais e tecnologia suecos serão bem-vindos, ao lado das empresas brasileiras.

As multinacionais brasileiras também estão ganhando espaço na Europa, atuando como ponta-de-lança de uma economia que vem ganhando competitividade e projeção internacional.

A inovação foi sempre a marca da parceria entre Suécia e Brasil. Foi assim com a instalação, pela Ericsson, do primeiro telefone no nosso País, em 1891. Contamos com os empresários suecos para fazer avançar uma nova revolução, a dos biocombustíveis.

Estou seguro de que a histórica preocupação da Suécia com a preservação do meio ambiente a levará a engajar-se nessa campanha em favor de fontes alternativas de energia renovável, limpa e eficiente.

Como terei ocasião de explicar durante o seminário sobre bioenergia, o programa brasileiro de substituição do petróleo pelo álcool abre novos

horizontes. Demonstra que é possível vencer o desafio de encontrar soluções viáveis para as questões da segurança energética e da sustentabilidade ambiental e social.

Temos margem para crescer, sem prejudicar a produção de alimentos e sem comprometer nossas florestas. Foi o ministro Sten Tolgfors que recentemente lembrou que a Europa necessitaria de uma área três vezes superior à usada no Brasil para produzir a mesma quantidade de álcool carburante.

A Suécia também tem buscado alternativas para substituir os combustíveis fósseis. A experiência sueca no uso da biomassa ou o etanol produzido a partir da celulose a coloca em posição pioneira no uso de combustíveis alternativos.

Foi assim, com grande satisfação, que assinamos ontem o Memorando de Entendimento sobre cooperação em energias renováveis. Estão dadas todas as condições para que empresas suecas e brasileiras juntem-se no desenvolvimento e pesquisa desse próximo passo na revolução energética. No Brasil, já estamos desenvolvendo o primeiro “carro verde”, onde todas as peças de plástico serão derivadas do etanol e não mais do petróleo.

Mas o comércio internacional de biocombustíveis ainda enfrenta barreiras injustificáveis, que prejudicam tanto produtores eficientes quanto consumidores.

Embora os custos de produzir etanol no Brasil sejam quase a metade dos europeus, a União Européia impõe ao etanol brasileiro tarifas que podem alcançar 55%. Em contraste, no caso do petróleo não passa dos 5%. Será impossível expandir significativamente o mercado para biocombustíveis na União Européia enquanto persistirem políticas protecionistas.

Tampouco será possível eliminar os extremos de pobreza e de fome em muitos países pobres sem rever práticas que distorcem o comércio internacional, sobretudo em agricultura, em prejuízo de quem é mais competitivo.

Para que esta seja efetivamente uma Rodada para o Desenvolvimento, é preciso reduzir todas as formas de subsídios e barreiras agrícolas que encarecem os alimentos e desestimulam sua produção nos países pobres.

Não podemos privilegiar a liberalização dos setores de maior interesse dos países altamente industrializados, como aconteceu em rodadas anteriores. É o momento de igualarmos as regras aplicáveis ao comércio de produtos agrícolas àquelas que incidem sobre o comércio de bens industriais.

Uma conclusão satisfatória para a Rodada Doha, na OMC, é inadiável. Não podemos colocar em risco o conjunto do sistema multilateral de comércio, com prejuízos sobretudo para os países mais pobres.

Atribuo também caráter estratégico às negociações relativas ao Acordo de Associação União Européia-Mercosul. O Brasil e seus parceiros do Mercosul estão preparados para trabalhar com afinco e flexibilidade, com esse objetivo. Sei que contamos com o apoio da Suécia nessa empreitada.

Meus amigos e minhas amigas,

O Brasil está colhendo os frutos de uma política econômica que abre caminho para um novo ciclo de crescimento sustentável. Temos, hoje, uma combinação virtuosa de crescimento consistente, inflação baixa e incremento do comércio exterior, com a correspondente redução da vulnerabilidade externa.

Isto permitiu ampliação forte do mercado interno, lastreada na expansão do emprego e da renda dos trabalhadores. Reduzimos a pobreza e as desigualdades sociais, graças ao combate à inflação, que hoje está abaixo dos 4%.

A melhor distribuição de renda e maior acesso ao crédito estão transformando milhões de brasileiros, antes excluídos do mercado, em consumidores e cidadãos plenos.

Fizemos o dever de casa e, como resultado, as taxas de juros estão nos seus níveis mais baixos nos últimos 10 anos e continuam a cair. A expansão do PIB, no primeiro trimestre de 2007, superou as expectativas. A partir de 2008, contamos com um crescimento econômico de 5% ou mais, sem pressões inflacionárias.

O aumento dos negócios entre o Brasil e a Suécia é componente importante da consolidação deste novo ciclo de nossa economia.

Por isso, quero convidar a Suécia, com sua conhecida competência nos setores de infra-estrutura e energia, a participar do nosso programa de

investimentos. Este é o momento de alargar nossos horizontes e fortalecer nossas relações.

Em julho passado, tive o prazer e a emoção de voltar à fábrica da Scania para celebrar os 50 anos de atividades da empresa no Brasil.

Desejo que este “Dia do Brasil” represente o início de uma etapa ainda mais promissora para nossos países. Convido os senhores empresários a apostar numa relação com muita história, mas também de grande futuro.

Meus amigos e minhas amigas,

Trinta segundos de paciência para uma coisa importante. O Brasil, que muitos de vocês conhecem, passou quase três décadas em situação econômica difícil, em decréscimo na sua economia ou, quando crescia, era um crescimento muito baixo. Chegamos a ter inflação de 80% ao mês, tivemos um desemprego sem precedentes nos últimos 20 anos. Depois de muito sacrifício o Brasil está se recuperando, e está se recuperando de forma sólida, madura, consistente, e queremos que esse desenvolvimento consistente e esse crescimento sustentável seja repartido com todos. Quando falo “repartido com todos”, isso significa continuar fazendo política de distribuição de renda no Brasil, significa fortalecer investimentos em políticas sociais, a partir da educação, e significa, sobretudo, não permitir que a inflação volte a ser a razão pela qual alguns poucos ganham muito dinheiro e outros muitos devem dinheiro. A inflação controlada é o maior ganho para o País e para as camadas mais pobres da população, sobretudo, para aqueles que vivem de salário.

Portanto, estejam certos de que nós temos mais 3 anos e meio de governo e nesses 3 anos e meio nós vamos dar continuidade a essa concertação que está elevando o País a patamares de alta respeitabilidade no mundo. Eu digo sempre que respeito é bom, a gente gosta de dar e a gente gosta de receber. Você só pode ser respeitado se você tiver exemplos e o Brasil, durante muito tempo, falava o que não fazia e fazia o que não falava. Nós queremos falar a mesma linguagem com a luz do dia ou com a luz das estrelas. E queremos dizer a vocês, empresários suecos, que se vocês acreditaram no Brasil em momentos de adversidade, não há por que não continuar acreditando no Brasil nesse momento extraordinário, em que o Brasil se descobriu definitivamente enquanto nação que tem um projeto, um projeto de soberania, mas, sobretudo um projeto de desenvolvimento para que o Brasil

se transforme numa potência econômica no século XXI. Que vocês discutam com os empresários brasileiros a questão dos biocombustíveis, porque essa é uma revolução que virá com uma força tão extraordinária que o mundo, independentemente do Brasil ou da Suécia, terá que se curvar às necessidades das mudanças da matriz energética.

Às vezes eu fico preocupado quando falo, porque as pessoas podem pensar: “bom, o presidente Lula está falando porque não tem petróleo”. Temos petróleo, somos auto-suficientes, e temos uma das empresas mais modernas do mundo, que não perde para nenhuma outra em fazer prospecção em águas profundas. Se tiver águas profundas aqui na Suécia, convidem-nos, que nós seremos parceiros. Mas, por que essa loucura pelos biocombustíveis? Eu vou terminar dizendo isso. Quantos países do mundo têm dinheiro para investir na pesquisa em petróleo? Quantos países do mundo têm tecnologia para fazer prospecção de petróleo? Quantos países do mundo têm tecnologia para fazer uma plataforma ou para comprar uma plataforma feita? Uma plataforma de 200 mil barris/dia deve custar por volta de 2 bilhões de dólares. Quantos países podem? Quantos empregos gera uma plataforma que custa 2 bilhões de dólares? Sete mil empregos diretos ou indiretos? Pois bem, esse é o mundo do petróleo, um mundo sofisticado, com poucas empresas e com extraordinária rentabilidade, e com a Opep ainda para controlar o preço. Só podem participar os países exportadores, o Brasil ainda não participa da Opep, por enquanto.

Agora, imaginem o biodiesel, não olhando o mundo europeu, porque o mundo europeu está tão arrumado, as coisas estão tão certas que é bom não mexer muito. Mas tem uma parte do mundo que ainda precisa se arrumar.

Então, imaginem a política dos biocombustíveis olhando o continente africano, olhando a América Latina, e vejam que nós poderemos produzir parte da energia que nós precisamos sem precisar fazer um furo de 6 mil metros de profundidade, mas fazer apenas um buraco de 20 centímetros, que pode ser feito por uma máquina, mas pode ser feito por um analfabeto, sem nenhum conhecimento tecnológico. E depois de 4 meses, depois de 18 meses, depois de 5 anos, dependendo da oleaginosa, ele pode tirar o seu petróleo, o seu combustível, plantar com a mão e colher com a mão. Parece um sonho, mas é um sonho capaz de permitir que os países desenvolvidos construam parcerias com os países em desenvolvimento e com os países mais pobres para a gente

fazer a revolução energética que precisa ser feita. E, certamente, a Suécia não ficará de costas para essa revolução.

A Suécia já utiliza etanol, ontem eu fiquei sabendo que tem até incentivo, os carros que usam etanol não pagam estacionamento. Espero que os consumidores brasileiros não saibam disso, porque senão as prefeituras vão à falência. Mas é uma coisa extraordinária o compromisso de fazer, o compromisso público assumido pelo primeiro-ministro sueco, de reduzir as tarifas de importação de etanol do Brasil para facilitar ou para forçar a União Européia a reduzir. Nós não queremos apenas vender, nós queremos construir juntos essa revolução que o Brasil começou 30 anos atrás, que tem tecnologia, e queremos reparti-la com os nossos parceiros suecos.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da abertura do Seminário sobre Biocombustíveis

Estocolmo-Suécia, 12 de setembro de 2007

Quero cumprimentar sua majestade, o rei Carlos XVI Gustavo,

Quero cumprimentar a senhora Maud Olofsson, vice-primeira ministra e ministra da Indústria e Energia da Suécia,

Quero cumprimentar o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, e o ministro da Ciência e Tecnologia do Brasil, Sérgio Rezende,

Quero cumprimentar Annika Markovic, embaixadora da Suécia no Brasil, e Antonino Mena Gonçalves, embaixador do Brasil em Estocolmo,

Quero cumprimentar os acadêmicos,

Quero cumprimentar os empresários brasileiros e suecos que estão aqui.

Agradeço esta oportunidade para falar a esta platéia de acadêmicos e empresários sobre o potencial da bioenergia no futuro das relações entre a Suécia e o Brasil e para a comunidade internacional como um todo.

O momento não poderia ser melhor para discutirmos respostas ao duplo desafio que o mundo tem diante de si. Como garantir segurança energética sem causar desequilíbrios sociais? Como reduzir padrões insustentáveis de consumo e, ao mesmo tempo, atender às aspirações de bem-estar e desenvolvimento?

As comemorações dos 300 anos do nascimento de Carl von Linné, ilustre sueco e ecologista pioneiro, servem de inspiração para este Seminário.

Os combustíveis renováveis de origem orgânica oferecem uma solução concreta e viável, no curto prazo, para essas perguntas cruciais. É o que demonstra a experiência brasileira no uso dos biocombustíveis em larga escala.

Passadas três décadas desde o início do programa brasileiro de substituição da gasolina pelo etanol, o Brasil é hoje uma referência no emprego de combustíveis renováveis. Hoje, 77% dos carros vendidos no Brasil são *flex fuel*, podem rodar tanto com gasolina quanto com álcool.

O etanol, seja puro, seja misturado à gasolina, abastece praticamente toda a frota automobilística brasileira. É um consumo estimado em 200 mil barris por dia de álcool carburante, que está disponível em uma rede de 33 mil postos de abastecimento. No período entre junho de 2006 e junho de 2007, o consumo de etanol, puro ou agregado à gasolina, foi estimado em cerca de 13 bilhões de litros.

Para cobrir essa demanda crescente, o Brasil produz atualmente mais de 17 bilhões de litros anuais, com a melhor relação mundial de custo-benefício e de forma ecologicamente correta.

As características naturais do Brasil e o dinamismo de seu setor sucro-alcooleiro fazem com que nossos índices de produtividade atinjam, em média, 6 mil litros de álcool por hectare de terra plantada. Em uma superfície inferior a 10% do total dedicado à agricultura, apenas 0,4% do território nacional, o Brasil produz etanol suficiente para substituir 40% do consumo doméstico de gasolina.

Para ilustrar nosso potencial, basta lembrar que com apenas 6% da área atualmente dedicada à produção de álcool, aproximadamente 160 mil hectares de cana-de-açúcar, podemos produzir 1 bilhão de litros de álcool combustível. Isso significa que o Brasil pode expandir a sua produção de etanol de forma rápida e segura para atender tanto a demanda interna quanto a externa.

Com a substituição dos derivados do petróleo por biocombustíveis, evitamos a emissão de 640 milhões de toneladas de gás carbônico, desde a década de 70. Paralelamente à expansão da produção e do uso de biocombustíveis no Brasil, conseguimos uma redução da ordem de 60% na taxa de desmatamento. Criamos 20 milhões de hectares de áreas de preservação ecológica e reservas de desenvolvimento sustentável.

Mas se a evolução do setor de biocombustíveis no Brasil foi notável nos últimos anos, a produção de alimentos também registrou crescimento expressivo. Não é por outro motivo que hoje o Brasil se destaca entre os maiores fornecedores mundiais de grãos, carnes, frutas e outros gêneros alimentícios.

Ao contrário do que por vezes se alega, as plantações de cana-de-açúcar não colocam em risco o ecossistema amazônico. A expansão do cultivo da cana no Brasil ocorre sobretudo em áreas da região Centro-Sul do País,

bem distantes da floresta amazônica. Aliás, quem conhece a Amazônia sabe que o solo amazônico não serve para o plantio da cana.

Estamos trabalhando na implantação de um sistema de certificação de sustentabilidade ambiental e social para os biocombustíveis produzidos no Brasil. Queremos dissipar qualquer dúvida, os setores de etanol e biodiesel se desenvolverão em harmonia com a natureza e em benefício da população mais carente. Os biocombustíveis constituem uma poderosa arma contra a pobreza e a desigualdade, sobretudo no campo. O setor de biocombustíveis já gerou cerca de 6 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos, inclusive em algumas das regiões mais carentes do Brasil. Esses dados demonstram a nossa fidelidade aos princípios da Rio-92. São sinal do nosso empenho em implementar as metas da Agenda 21. Confirmam nosso compromisso de cumprir as Metas do Milênio.

No momento em que a comunidade internacional discute saídas para a degradação ambiental, os altos preços do petróleo e o agravamento da miséria em países do Sul, a Suécia e o Brasil podem promover soluções inovadoras no campo dos biocombustíveis. Podemos estabelecer projetos de cooperação triangular com mais países pobres da América Latina, Caribe e África. Esses países comprometem grande parte de seus recursos na importação de petróleo.

A produção de biocombustíveis pode ser uma alternativa para atender suas necessidades energéticas com recursos locais: terra, sol, água e mão-de-obra. Criam-se novas alternativas no campo, gerando empregos e evitando o êxodo rural. Desenvolvem-se novas atividades exportadoras e industriais, diversificando estruturas produtivas por vezes centradas em monoculturas.

Os biocombustíveis tornam o abastecimento mais previsível e democratizam o acesso a fontes confiáveis de energia. Enquanto a produção de petróleo se concentra em apenas 15 países, estima-se que mais de 120 países tenham potencial para produzir biocombustíveis. Afinal, nem todos têm recursos nem tecnologia para perfurar milhares de metros de profundidade em busca de petróleo. Mas podem cavar uma cova de poucos centímetros para plantar uma muda de cana ou mamona.

Apesar de suas inúmeras vantagens, os biocombustíveis ainda enfrentam barreiras injustificáveis no comércio internacional. Isso prejudica os

países que produzem de forma competitiva e é ruim para os consumidores.

A imposição europeia de tarifas que oneram em até 55% o etanol brasileiro é um exemplo dessa distorção. Basta comparar com a tarifa cobrada pela União Europeia para o petróleo, que é de apenas 5%.

É por isso que apreciamos a posição firme do governo sueco em favor de mudanças nas políticas restritivas da União Europeia em relação às importações de etanol e à liberação tarifária de todos os combustíveis renováveis.

Meus amigos,

O Brasil empreendeu um longo percurso até desenvolver seu programa energético alternativo. Foram três décadas de intenso trabalho. Empregamos o melhor do nosso talento e tecnologia. A Suécia, com sua histórica preocupação com o meio ambiente, também tem buscado alternativas energéticas renováveis mais limpas, mais eficientes e menos custosas para substituir os combustíveis fósseis.

A experiência sueca no uso da biomassa e do etanol produzido a partir da celulose colocam este país na vanguarda. O programa sueco do uso de biocombustíveis no transporte particular e público é exemplo de como a União Europeia pode alcançar suas ambiciosas metas de emprego de fontes renováveis na matriz energética.

Foi, portanto, com grande satisfação que assinamos ontem o Memorando de Entendimento bilateral sobre cooperação em energias renováveis. O Brasil e a Suécia vão poder desenvolver ações conjuntas de cooperação num campo em que somos ambos pioneiros e estamos na vanguarda.

Senhoras e senhores,

Como cientista e defensor do patrimônio ambiental, Carl von Linné estava à frente de seu tempo. Nós devemos seguir seu exemplo e apostar na revolução energética do futuro, mas que já oferece respostas viáveis no curto prazo.

Unidos pelos mesmos ideais de um mundo melhor para as próximas gerações, e inspirados pela criatividade e visão de Linné, convido os presentes a somar esforços na busca de soluções concretas para os desafios que nos unem.

Muito obrigado.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de abertura do Seminário Empresarial Brasil-Dinamarca

Copenhague – Dinamarca, 13 de setembro de 2007

Tenho grande prazer em estar nesta manhã na Confederação Nacional das Indústrias Dinamarquesas. Este encontro, com certeza, estreitará os vínculos entre os empresários da Dinamarca e do Brasil.

Quero expressar ao senhor Hans Skov Christensen, diretor-executivo e presidente da Dansk Industri, nosso agradecimento por tornar possível este evento.

2007 é um ano muito especial em nossas relações. Minha visita é a primeira de um presidente do Brasil à Dinamarca. Há apenas cinco meses, o primeiro-ministro Rasmussen esteve em Brasília. Foi, também, a primeira de um chefe de Governo da Dinamarca ao Brasil.

Nossos países têm tudo para expandir as trocas comerciais e os fluxos de investimentos. Mas é necessário que nos conheçamos melhor. Por isso espero que aproveitem ao máximo a oportunidade de dialogar com os importantes representantes dos setores público e privado que me acompanharam.

Trago a mensagem de um país que reencontra de forma sustentada o caminho do crescimento, no marco de sólidos fundamentos macroeconômicos.

A economia brasileira passa por aceleradas modificações. Vivemos um processo virtuoso que tem gerado ganhos sucessivos para nossa sociedade.

No início de meu governo, foi necessário garantir a estabilidade monetária, combater a inflação e equilibrar as contas públicas. A economia se abriu mais ao comércio exterior e recebeu volumosos investimentos estrangeiros. A taxa de crescimento do PIB deve ficar próxima de 5% este ano – o dobro da média da última década. A inflação está estabilizada na faixa dos 4% e os juros continuam caindo.

O crescimento da economia brasileira tem por base a expansão dos empregos, melhores salários, a expansão do crédito e do mercado interno.

Tão prioritário quanto retomar o crescimento econômico sustentado é

corrigir a desigualdade social e combater a fome e a pobreza. Programas de transferência de renda aos mais pobres – como o Bolsa Família – ajudaram a reduzir em metade a pobreza extrema no País.

Entre 1990 e 2005, quase 5 milhões de brasileiros passaram a viver com mais dignidade. Vamos continuar trabalhando para diminuir a desigualdade no Brasil.

O setor externo da economia contribuiu para impulsionar a retomada do crescimento brasileiro. Nossas exportações superaram 137 bilhões de dólares em 2006 e devem se aproximar de 170 bilhões este ano. As reservas internacionais estão hoje em mais de 160 bilhões de dólares. Reduzimos a vulnerabilidade externa. O risco-Brasil tem enfrentado com tranqüilidade as turbulências geradas no mercado financeiro norte-americano.

O Brasil superou um antigo entrave ao seu desenvolvimento sustentado. Pela primeira vez em muito tempo, o crescimento do consumo interno e, portanto, da economia não é contido por dificuldades recorrentes no balanço de pagamentos. Na verdade, o comércio exterior hoje reforça a expansão interna, formando um ciclo virtuoso que garantirá muitos anos de dinamismo econômico.

As empresas globais do Brasil têm papel fundamental nessa estratégia. São atores de peso mundial nos setores de mineração, aviação, alimentos, transportes e energia. Petrobrás, Embraer, Vale do Rio Doce, Sadia, Marcopolo, são apenas algumas empresas brasileiras que faturam e investem cada vez mais no exterior, inclusive na Dinamarca.

O setor energético, especialmente a área dos biocombustíveis, vem crescendo a taxas de dois dígitos. O etanol está gerando uma verdadeira revolução no Brasil e no mundo. Uma revolução não somente energética, mas também ambiental, com grande potencial para o desenvolvimento dos países mais pobres.

O etanol e o biodiesel fornecem segurança energética e diminuem os efeitos da mudança do clima. Geram empregos e renda para os agricultores.

Ao contrário do que por vezes se afirma, é perfeitamente possível conciliar a produção de biocombustíveis com a produção de alimentos e a preservação da floresta. No Brasil, o cultivo e o consumo de alimentos vem crescendo exponencialmente, assim como a produção de etanol e de biodiesel. Isso foi possível graças a avanços de produtividade e ao plantio em terras

degradadas. Ao mesmo tempo, conseguimos fazer o desmatamento cair em mais de 50%.

A Dinamarca é um reconhecido líder nas “energias verdes”. O primeiro-ministro Rasmussen vem exercendo papel decisivo para que seu país continue na vanguarda dessa revolução, ao promover planos ambiciosos para misturar etanol na gasolina.

Sei que aqui também há vários projetos voltados para o chamado etanol de segunda geração, outro campo para cooperação entre nossos governos e empresas em matéria de pesquisa e produção.

Convido-os a conhecer o que estamos fazendo no Brasil em matéria de energias renováveis e tenho esperança de que possamos desenvolver uma cooperação triangular em países da América Latina, Caribe e África.

É importante que se amplie a escala de fornecimento mundial do etanol. Necessitamos de um mercado amplo que faça do etanol uma “commodity” de larga aceitação.

Precisamos, também, eliminar as tarifas proibitivas que oneram a importação dos biocombustíveis, incompatíveis com a disseminação dos combustíveis verdes.

Daqui a pouco tenho um encontro de trabalho com o primeiro-ministro Rasmussen. Assinaremos um Memorando de Entendimento na área de Energia Renovável. Contamos com a decidida participação do setor privado para que esse instrumento possa rapidamente apresentar resultados.

Meus caros empresários,

Devemos ser mais ambiciosos em relação a nosso intercâmbio econômico, seja na área financeira, seja na comercial. Um comércio bilateral que beira os 500 milhões de dólares não faz justiça às potencialidades de duas economias competitivas e cada vez mais integradas à economia global.

Na área de investimentos, tomei conhecimento, com satisfação, da iniciativa da Dansk Industri de manter uma representação em São Paulo. Essa “incubadora de negócios” tem o objetivo de apoiar as indústrias dinamarquesas em estender suas atividades ao Brasil.

Espero que esse tipo de iniciativa se multiplique em outras cidades nos dois países. A economia brasileira tem um imenso potencial de expansão. Gostaria de convidar as empresas dinamarquesas a apostar no Brasil. O país

oferece hoje excelentes condições para atrair uma nova onda de investimentos. Estou certo de que este seminário ajudará a apresentar as oportunidades de negócios no Brasil.

Desejo a todos uma manhã de trabalho muito produtiva.

Muito obrigado.

Brinde do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do banquete oferecido pelo rei Harald e a rainha Sonja no Palácio Real

Oslo - Noruega, 13 de setembro de 2007

Esta é a primeira visita de Estado de um governante brasileiro à Noruega. É a oportunidade para reafirmarmos nosso compromisso em realizar todo o potencial dos tradicionais laços de amizade e cooperação que unem nossos dois povos.

Estamos dando continuidade ao renovado diálogo que inauguramos com a honrosa visita de Vossas Majestades ao Brasil, em 2003.

Alegro-me em poder conhecer de perto este país próspero, economicamente bem-sucedido e tecnologicamente avançado, que se tornou parceiro importante do Brasil.

As relações entre a Noruega e o Brasil remontam ao reconhecimento da independência norueguesa em 1905. Esse gesto teve à frente o patrono da diplomacia brasileira, o Barão do Rio Branco, então ministro das Relações Exteriores. Aquela decisão respondia ao desejo de alargar os horizontes da presença internacional do Brasil.

É com esse mesmo espírito que venho a Oslo. O Brasil identifica na Noruega parceiro importante em ampla gama de temas do sistema global.

A Noruega tem tradição na defesa da paz e do desenvolvimento. Dedicar-se com empenho a iniciativas de reconciliação em diferentes pontos do mundo. A cooperação entre nossos dois países nos esforços de reconstrução do Haiti confirma essa longa tradição.

Recordo que Vossa Majestade inaugurou o Seminário sobre Paz e Reconciliação, que organizamos em Brasília em 2003. Alegro-me que, no contexto de minha visita, estejamos realizando a segunda edição desse seminário, com foco nas situações do Haiti e do Oriente Médio.

A Noruega e o Brasil são duas potências no campo da energia, decididas a contribuir para a solução de alguns dos principais desafios da agenda internacional, como a mudança do clima e a segurança energética.

Expressivo número de empresas norueguesas estão instaladas no Brasil

e já há investimentos brasileiros neste país. O caráter complementar de nossas economias enseja muitas outras oportunidades de negócios e projetos conjuntos.

Senhoras e senhores,

Em nome do povo brasileiro, e em meu próprio, gostaria de agradecer a Vossas Majestades e ao povo norueguês por tão calorosa acolhida, que só faz reforçar os laços entre nossos países.

Juntamente com minha companheira Marisa, convido a todos aqui presentes a erguer um brinde à saúde e à felicidade do rei Harald Quinto e da rainha Sonja, e ao contínuo fortalecimento da amizade entre a Noruega e o Brasil.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião com empresários espanhóis

Madri-Espanha, 17 de setembro de 2007

Senhoras e senhores ministros espanhóis e ministros brasileiros,
Senhores e senhoras empresários,
Integrantes da delegação brasileira e da delegação da Espanha,
Jornalistas,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, presidente Zapatero, quero lhe agradecer pelo carinhoso tratamento que me foi dado nesses dois dias de Espanha, sobretudo o carinho seu e da sua esposa me convidando para almoçar no sábado. E não poderia terminar melhor, com uma demonstração de carinho mais forte, do que terminar a minha viagem almoçando com Sua Majestade, o rei Juan Carlos, a rainha Sofia e também com a sua presença.

Quero agradecer aos empresários espanhóis que aceitaram o nosso convite para participar de um encontro aqui no Palácio, um encontro que fizemos pela manhã para que o governo brasileiro fizesse uma apresentação do nosso Programa de Aceleração do Crescimento. Demonstração essa feita pela ministra Dilma Rousseff, com a participação do príncipe de Astúrias.

Quero agradecer, amigo Zapatero, a demonstração de companheirismo que você tem dado, na Presidência do Governo da Espanha, na relação com o Brasil. A construção da parceria estratégica Espanha-Brasil, a parceria estratégica União Européia-Brasil demonstra que vivemos um novo período nas nossas relações. Afinal de contas, há mais de um século nós temos relações, há mais de um século os espanhóis descobriram o Brasil e há mais de um século quem quisesse comer uma boa *paella* no Brasil, não encontraria outro lugar senão num restaurante dirigido por um espanhol.

Obviamente que um século depois não ficamos apenas na *paella*. Hoje nós temos grandes indústrias espanholas no Brasil, em vários setores como o financeiro e o setor de telecomunicação, para citar apenas dois setores

extremamente modernos e de ponta. Mas o Brasil também começa a descobrir este País. E aqui grupos importantes, como o grupo Santista, como o grupo Gerdau, começam a fazer seus investimentos.

Melhoramos muito as nossas relações comerciais, saímos de 2 bilhões e meio para 5 bilhões, mas é muito pouco. Para quem se conhece há tanto tempo e para quem tem o potencial de crescimento que tem Espanha e Brasil, uma balança comercial de 5 bilhões ainda é muito pequena. E nós temos consciência de que podemos muito mais.

Poderemos, nesses próximos anos, fazer mais, melhor e mais rápido do que fizemos. E começamos com a apresentação do Programa de Aceleração do Crescimento, porque durante duas décadas e meia o meu País não cresceu. Durante duas décadas e meia nós éramos torturados cotidianamente pelo alto endividamento do nosso País. E tudo que nós discutíamos era como saldar as nossas dívidas. Depois de quatro anos e meio de governo, nós temos o privilégio de vir à Espanha e apresentar um programa que até 2010 vai necessitar de um investimento de 259 bilhões de dólares.

Vimos para cá para convidar os empresários espanhóis a serem sócios dos empresários brasileiros, para serem sócios do Brasil, ajudando na construção desse Programa de Aceleração do Crescimento.

Para chegarmos a isso, eu tenho certeza de que o presidente Zapatero acompanhou de perto os momentos brasileiros, nós precisamos fazer muito sacrifício. Em momentos em que alguns achavam que o Brasil precisaria gastar, nós preferimos economizar. No momento em que alguns achavam que nós deveríamos não ser tão duros no ajuste fiscal, nós fomos duros no ajuste fiscal, porque eu tinha aprendido uma lição, ainda quando estava dentro da fábrica. Eu só poderia gastar aquilo que eu ganhava de salário, se eu gastasse mais, eu ia me endividar, e se eu não cuidasse bem da minha capacidade de endividamento, iria acontecer comigo o que aconteceu na década de 80 ou na década de 70 no Brasil, quando vivemos o período do Milagre Brasileiro e depois nos restou uma dívida quase impagável.

Passados quatro anos e meio, eu posso dizer aos empresários espanhóis, à imprensa espanhola e à imprensa brasileira que o Brasil vive um momento exitoso. Exitoso na estabilidade econômica, exitoso no superávit das suas contas, exitoso na elaboração de políticas sociais, exitoso no crescimento

da produção industrial, exitoso na questão da produção agrícola e exitoso, sobretudo, numa coisa chamada inflação, que durante muitas décadas infernizou a vida de governos, de trabalhadores e de empresários no nosso País.

O resultado que estamos colhendo hoje foi o resultado da seriedade, da compreensão do povo brasileiro e também do acerto de uma política de diversificação das relações do Brasil com o mundo. O Brasil, além da sua boa e extraordinária relação com a União Européia, além da sua boa e extraordinária relação com os Estados Unidos, ampliamos o nosso leque de relações recuperando o Mercosul, fortalecendo a nossa relação com a América do Sul, com a América Latina, com a África, com os países árabes, com a Índia e com a China. Isso permitiu que nós, com o resultado dessa diversificação, não ficássemos dependentes apenas de um grupo de países. É por isso que eu estou tranqüilo de que essa crise imobiliária americana não afetará as fronteiras do Brasil, porque nós saímos de uma fase em que tínhamos 30 bilhões de dólares em reservas, dos quais quase 16 bilhões do FMI. Hoje nós temos 162 bilhões de dólares em reservas, não devemos nada ao FMI, não devemos ao Clube de Paris, e adquirimos credibilidade até para, se quisermos, contrair novas dívidas.

Mas o que nós queremos, na verdade, é contrair parcerias para fazer os investimentos que estamos fazendo em aeroportos, portos, rodovias, ferrovias, gasodutos, biocombustíveis, e tantas outras coisas que nós precisamos fazer.

Eu conheço a Espanha desde antes de conhecer o presidente Zapatero e eu tenho na minha mente o que aconteceu com este país a partir dos anos 80. Qualquer brasileiro ou qualquer estrangeiro que tenha vindo à Espanha no começo dos anos 80 e que venha 27 anos depois não reconhecerá a Espanha, tal a pujança do crescimento espanhol, tal a qualidade das ferrovias, a qualidade das carreteras. É verdade que houve dinheiro da União Européia, mas é verdade que o dinheiro só faz bem para quem sabe aproveitá-lo corretamente. E a Espanha soube aproveitar e, por isso, a Espanha vive um momento importante na sua história.

O Brasil quer aproveitar as oportunidades do século XXI. O Brasil quer transformar o seu potencial em crescimento da nossa indústria, na melhoria da qualidade de vida do nosso povo, na melhoria da massa salarial, em mais

política social, porque no fundo, no fundo, um país a gente não mede apenas pela quantidade de indústrias que tem ou pelo seu PIB. Um país a gente mede, sobretudo, pela qualidade de vida que o povo leva, em função do resultado do crescimento econômico.

Imaginem o que a Espanha, Marta, pode ensinar ao Brasil do ponto de vista do turismo. Ontem eu tive o prazer de comer um porquinho à pururuca e pude ver a quantidade de turistas em Segóvia. E pude ver o mundo transitando numa cidade pequena, numa demonstração de que nós temos muito o que aprender. E se olhar o território nacional, os empresários do turismo espanhol terão muito o que investir para poder dar vazão ao tanto de turistas no mundo que procuram a Espanha como referência para organizar suas viagens.

Eu acredito que o momento que a Espanha vive, que o Brasil vive hoje, pode permitir que eu saia da Espanha convencido de que nós poderemos fazer muito mais, de que está sob a tua responsabilidade e sob a minha responsabilidade, transformar em riqueza, transformar em conhecimentos culturais o potencial que tem Brasil e Espanha. Nós temos muito para fazer. Estamos começando uma nova fase, uma fase em que os brasileiros têm orgulho de falar bem da Espanha, e eu tenho certeza de que os espanhóis que conhecem o Brasil têm orgulho de falar bem do Brasil. Não é a diferença lingüística que vai criar dificuldade para nós. Nós nos definimos enquanto parceiro estratégico. E parceria estratégica significa, inclusive, resolver o problema da língua, ensinando espanhol no Brasil e ensinando português na Espanha, trazendo jovens brasileiros para estudar na Espanha e levando jovens da Espanha para estudar no Brasil, levando empresários espanhóis para investir no Brasil e trazendo empresários brasileiros para investir na Espanha. Concluindo essa tarefa, certamente Brasil e Espanha irão colher frutos extraordinários nessa relação.

Eu quero, portanto, terminar agradecendo, mais uma vez, em nome da minha delegação, o carinho com que nós fomos recebidos aqui. Não estou me despedindo ainda mas, certamente, não verei os empresários todos aqui no almoço com o Rei, mas quero dizer que vocês serão sempre bem-vindos ao Brasil. Eu espero que a ministra Dilma tenha distribuído para cada um de vocês um PACzinho, para que cada um coloque isso aqui como um livro de travesseiro e comece a ver onde tem possibilidade de fazer investimento,

ganhar dinheiro e ajudar o Brasil a se transformar definitivamente numa nação desenvolvida.

Muito obrigado, amigo Zapatero. Muito obrigado a todos.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do II Encontro Nacional dos Povos das Florestas**

Brasília - DF, 18 de setembro de 2007

É a primeira vez em tantos anos que eu me defronto sozinho na frente de dois microfones e de tanta gente sem ter ninguém do meu lado.

Eu queria cumprimentar a nossa querida companheira Marina,

Os nossos ministros Gilberto Gil, Guilherme Cassel,

Companheiro Luiz Dulci,

Gostaria de cumprimentar o governador do estado do Amazonas, Eduardo Braga, que está presente entre nós,

Gostaria de cumprimentar o Jecinaldo Saterê Mawé, coordenador das Organizações Indígenas da Amazônia,

Cumprimentar os companheiros que vieram dos mais longínquos rincões deste País, e as nossas companheiras também, e tentar ser breve porque eu estou com dois problemas. Primeiro, porque o Milton Nascimento está aqui nas minhas costas esperando, com tudo montado, para um grande espetáculo. E segundo, porque eu estou com o fuso horário de seis horas na minha cabeça. Se para vocês agora são 9h15, para mim já suas 2h15 da manhã. E a única coisa que o ser humano não consegue controlar é o sono. Ele controla qualquer coisa, mas o sono é quase impossível.

Não posso ser muito breve, porque o discurso não me permite ser muito breve, mas não se preocupem porque as folhas aqui são muito grossas também.

Chegar a este II Encontro Nacional dos Povos das Florestas e encontrar nossos companheiros e companheiras, depois de uma importante viagem em que afirmei a contribuição brasileira na construção de uma nova matriz energética mundial, imprescindível ao desenvolvimento sustentável do Planeta, é para mim um verdadeiro presente. Digo isso não apenas pela alegria de me sentir novamente em casa, mas sobretudo pelo orgulho de ser um cidadão brasileiro e um chefe de Estado que encontra todo o mosaico cultural, ético e social que forma a nação, reunido em um só local com a determinação comum

de desbravar um futuro de equilíbrio e bem-estar.

Aqui estão os rostos da Amazônia e os da caatinga, os do cerrado e os do pantanal, os da Mata Atlântica, os dos Pampas e os da zona costeira. Aqui se falam e se ouvem as línguas e os sotaques das nações indígenas e as dos quilombolas, dos seringueiros, dos castanheiros da Amazônia, das quebradeiras de coco de babaçu. Podemos aqui ouvir o linguajar das comunidades de fundos de pastos e dos faxinais do Sul, bem como falar dos pescadores e dos ribeirinhos, o dos caiçaras e dos praieiros, o dos meus queridos sertanejos e jangadeiros do Nordeste e, mais além, o linguajar dos açorianos e dos campeiros, o dos povos das vazantes e dos pantaneiros. Estão aqui a fala do Brasil das gerais e a do Brasil das veredas, a dos barranqueiros do São Francisco e de tantos outros vertedouros nacionais.

Percorrer essa aquarela de feições, de culturas, é presenciar o encontro da diversidade com a harmonia, é ter a oportunidade, tão rara em outros países, de enxergar um povo que, sem renunciar ao seu passado e à sua história, se une na determinação comum de construir um futuro de equilíbrio e bem-estar para todos. É no Brasil e é graças a vocês todos que se encontra o mais fascinante patrimônio de culturas e tradições do século XXI. E é aqui também que todos nós estamos afirmando diariamente a convivência democrática e levando ao mundo a esperança no humanismo sem barreiras, sem preconceitos e sem privilégios.

Meus queridos amigos e amigas,

Somos todos filhos de nossa própria história. E se hoje trilhamos a passos firmes o caminho do desenvolvimento sustentado e do respeito à diversidade, devemos isso àqueles que tiveram a coragem de, com sua luta e mesmo com a sua vida, desbravar um futuro melhor para todos.

Tenho certeza de que as pegadas que abriram esse caminho continuam forte na nossa memória. São os passos de homens e mulheres, muitos aqui presentes, que de forma precursora, levaram ao Planeta uma das mais sofisticadas propostas de desenvolvimento para a Humanidade.

Entre essas pessoas destaco o bravo papel do companheiro Chico Mendes. Um homem do povo, um brasileiro, um seringueiro que elevou a floresta à condição de laboratório para a criação do futuro sustentável. Chico Mendes anteviu a reconciliação do progresso com a natureza por meio da

justiça social. E provou com ações práticas a força e a pertinência de suas idéias, organizou seringueiros, construiu o sindicato, fundou o Conselho Nacional de Seringueiros e ajudou a criar um partido e a democratizar o Brasil em que hoje vivemos. Uma de suas maiores lições foi a de que não existe uma contradição irreconciliável entre o desenvolvimento e a floresta. Existe, sim, contradição entre justiça e injustiça, entre liberdade e opressão, entre igualdade de oportunidade e privilégio.

Já o desenvolvimento de verdade só ocorre com o respeito à natureza. E a salvação para o meio ambiente apenas existe quando há condições dignas de vida para a população. Foi essa a mensagem que Chico Mendes levou ao mundo quando lançou as bases para a união dos povos da floresta. Foi com essa luta coletiva que ele revelou a todos a existência de uma Amazônia diferente, onde havia um povo que exigia respeito, que queria direitos e chamava por cidadania. O líder seringueiro nos ensinou que a Amazônia não estaria a salvo sem que o seu povo fosse respeitado, nem tampouco o seu povo estaria a salvo se a floresta não fosse respeitada. Chico Mendes foi assassinado em 1988, três meses antes do primeiro encontro dos povos das florestas. Tinha 44 anos de idade. A lição com que encerrou sua vida, porém, foi herdada por todos nós. As sementes espalhadas pelas florestas, pelas cidades e por todo o Planeta, conquistaram vida própria e espalharam raízes.

Minhas queridas companheiras e companheiros,

Naquela época, há quase 20 anos, uma cabocla de corpo frágil e fibra forte, estava ao lado de Chico Mendes. Não vou fazer as contas, mas ela tinha 28 anos e até os 16 praticamente não havia saído da floresta, nem tinha aprendido a ler. Seu nome: Marina da Silva. Hoje ela é ministra do Meio Ambiente e é a prova de que a linha do tempo não se quebrou. É a garantia de que os povos das florestas estão representados no centro das decisões do Estado brasileiro e de sua luta histórica pelo desenvolvimento sustentável, onde se reflete na estratégia do governo para reconciliar a natureza e o crescimento nacional.

Os embates organizados por Chico Mendes, para defender a floresta, não contavam com a simpatia dos poderosos e lhe custaram a vida. Hoje, são operações do Estado brasileiro, têm apoio do Exército e da Polícia Federal, são amplas, sistemáticas, estruturais e acima de tudo vitoriosas. Juntos, governo e

sociedade, reduzimos em 50% o desmatamento na Amazônia nos últimos dois anos. Na Mata Atlântica, as reduções foram de 75%. Isso equivale a evitar o lançamento, na atmosfera, de 430 milhões de toneladas, as emissões de gás carbônico.

Já homologamos mais de 10 milhões de hectares de terras indígenas, entre elas a Raposa Serra do Sol e podemos dizer, com orgulho, que o Brasil já pratica aquilo que a Assembléia Geral das Nações Unidas acaba de aprovar: o direito dos povos indígenas às suas terras, ao seu território e aos recursos necessários à sua sobrevivência e à proteção da sua cultura.

Nossos esforços nos permitiram dobrar a área destinada a reservas extrativistas no Brasil. Se compararmos com dados de 2002, criamos mais 21 novas reservas extrativistas, num total de 10 milhões e 100 mil hectares que beneficiam mais de 20 mil famílias. Estamos empenhados em criar mais reservas extrativistas e outras unidades de conservação de uso sustentável até 2010. Fazemos isso para atender a uma legítima demanda dos povos e comunidades tradicionais, a garantia de acesso a seus territórios e aos recursos naturais. Isso é a verdadeira reforma agrária dos povos das florestas.

Além de decretar a proteção, estamos plantando em cada reserva uma semente do desenvolvimento sustentável. Essa é a razão pela qual até dezembro teremos pelo menos um analista ambiental em cada uma das reservas extrativistas brasileiras. Esses técnicos contribuirão para a gestão da reserva e para o desenvolvimento de projetos que não prejudiquem as florestas.

Minhas amigas e meus amigos,

Em fevereiro deste ano assinei o decreto que instituiu a política nacional para o desenvolvimento sustentável para os povos e comunidades nacionais. O ato foi o coroamento de um esforço de desenvolvimento pelo Ministério do Desenvolvimento Social e do Meio Ambiente, entre outros, e contou com ampla participação dos segmentos envolvidos. Tenho certeza de que este foi um passo de extrema importância para conferir cidadania a um importante e secularmente esquecido segmento da sociedade brasileira.

O governo federal está desenvolvendo diversas iniciativas para implementar essa política. Entre elas está o conjunto de ações sociais para os povos indígenas que devo lançar no próximo dia 21 em São Gabriel da Cachoeira. Estão também as ações para as demais comunidades tradicionais

que serão anunciadas em breve. No mesmo sentido estamos destinando, em caráter emergencial, 138 milhões de reais para ações de fomento à inclusão produtiva e para a aquisição, pelo governo, de produtos orgânicos, extrativistas e agroecológicos, originários das comunidades tradicionais.

E hoje estamos anunciando uma ação fundamental para a implementação dessa política, a primeira Pesquisa Nacional de Contagem dos Povos e Comunidades Nacionais, numa parceria entre o IBGE, o Ministério do Desenvolvimento Social e o Ministério do Meio Ambiente. O trabalho, que contará com o financiamento da Petrobras, permitirá ao poder público identificar melhor esses segmentos sociais e assim considerá-los de forma mais adequada nas suas políticas.

Com a criação do Serviço Florestal Brasileiro e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e a integração dos ministérios correlatos, o Brasil tem ainda mais condições de fortalecer a estratégia de criação de uma economia sustentável, em harmonia com o ambiente.

Como bem disse a ministra Marina, o sentido de nossas ações, afinal, é trocar o “não pode” pelo “como pode”, de forma correta, em bases sustentáveis, o que dá força e legitimidade para cobrar direitos históricos, influenciar a política de concessões públicas e a formulação de novos projetos de desenvolvimento sustentável.

Quero ainda destacar a importância das comunidades tradicionais para a conservação da biodiversidade e para a manutenção do equilíbrio ambiental, sobretudo pela conservação dos serviços ambientais gerados pela floresta, como por exemplo, a conservação do clima e a proteção dos recursos hídricos.

Por essa razão estamos trabalhando também para considerar no âmbito das políticas públicas a valorização dos serviços ambientais que essas comunidades prestam ao ambiente, sobretudo nesse momento em que todos se preocupam com os efeitos negativos das mudanças climáticas.

Meus amigos e minhas amigas,

Graças ao esforço de todos nós e às importantes contribuições que a luta e o ensinamento dos povos das florestas deram para a política nacional, nosso País recuperou a oportunidade histórica de materializar o sonho de Chico Mendes. Voltamos a crescer e crescemos para todos. O Brasil de hoje é o menos desigual dos últimos 25 anos. Não descuidaremos das lições trazidas

pelos povos das florestas.

Este governo começou e terminará fiel à sua convicção de que expandir as fronteiras da justiça social é indispensável para vencer a dupla devastação do nosso tempo. A devastação da miséria que destrói os recursos naturais, e a devastação da esperança que liquida a dignidade humana.

Meus companheiros e minhas companheiras,

No próximo final de semana, Marina e eu estaremos viajando para os Estados Unidos. Vamos ao encontro convocado pelo secretário-geral das Nações Unidas, para discutir a questão climática e eu, à noite, vou participar de um jantar com os presidentes dos principais países do mundo para discutir a questão climática.

É importante a gente dizer para vocês, porque eu tenho me recusado a aceitar lições que qualquer governante tente dar ao Brasil de como preservar as suas florestas. Esses dias me deparei com um estudo da Embrapa, que demonstrava que da mata existente no planeta Terra há 8 mil anos, o Brasil detinha apenas 9% das florestas do Planeta, e hoje o Brasil detém 29,5% porque eles acabaram com a deles. Se a gente analisar o que aconteceu nesse momento, o Brasil ainda é um país que detém 69% das suas florestas.

Nós queremos discutir a questão climática, fazendo com que os países que mais poluem o Planeta assumam a responsabilidade de fazer os investimentos. É preciso rediscutir o padrão de consumo, é preciso rediscutir o padrão de conhecimento e nós não aceitaremos que, mais uma vez, em cima dos pobres seja jogada a responsabilidade de pagarmos o preço por uma coisa que não fomos nós que cometemos.

Essa é uma discussão que vai acontecer daqui para frente em todos os fóruns. E o Brasil precisa se preparar porque é um enfrentamento que nós teremos que fazer para defender aquilo que é nosso. Todo mundo tem que saber que a Amazônia tem dono, todo mundo tem que saber que lá moram 23 milhões de habitantes, que aquilo não é terra de ninguém, aquilo é terra de brasileiros, ocupada por índios, por seringueiros, por trabalhadores e por tantas outras pessoas, portanto, nós, governo brasileiro e povo brasileiro, queremos assumir a responsabilidade de fazer daquilo o que precisa ser feito para que a gente possa extrair dali o sustento e a riqueza para milhões de pessoas que moram ali. Tem gente que pensa que na Amazônia não mora ninguém.

Uma outra coisa que eu queria dizer para vocês. Eu penso que é importante lembrar que nós temos uma caminhada muito grande pela frente. Este País não tem facilidades para fazer muitas coisas, nós dependemos da estrutura legal do País, dependemos de uma série de marcos regulatórios, mas é inegável o que nós conseguimos avançar.

Depois de amanhã estarei com o governador em São Gabriel da Cachoeira. Primeiro vamos lançar, aqui em Brasília o PAC/Funasa, que visa levar água potável e coleta de esgoto para 90% das comunidades indígenas deste País. E vamos lançar em São Gabriel da Cachoeira, e da mesma forma vamos resolver o problema de água potável e esgotamento sanitário para 50% dos quilombolas organizados neste País hoje.

Eu estou dizendo isso porque amanhã vai ter a participação de 250 representantes das comunidades indígenas no ato, vai ter 250 representantes dos quilombolas, vai ter os prefeitos das cidades pequenas, porque nós vamos pegar os lugares que têm malária, os lugares que têm Doença de Chagas, e vamos tentar atacar onde a situação está pior no Brasil.

Querida dizer para vocês que nós temos mais 3 anos e meio de governo. Nesses 3 anos e meio nós poderemos fazer muito mais do que fizemos nos quatro anos e meio. Por que podemos fazer mais? Porque temos mais experiência, porque cada ministro já aprendeu mais, cada funcionário já aprendeu mais, vocês também aprenderam, e aprenderam muito, e agora o que nós precisamos é ir concretizando para ver se a gente, ao terminar o governo, tem materializado o cumprimento dos sonhos que vêm batendo na nossa consciência nesses últimos 20 anos.

Por isso, eu quero dar os parabéns a vocês e dizer o seguinte: vocês vão discutir as idéias, as propostas. É importante que, ao terminar essa proposta, ela seja entregue ao governo e que a gente marque uma data para que a gente possa discutir, mandando essa pauta para cada Ministério, para a gente poder acompanhar o desenvolvimento disso, porque se entregar apenas uma pauta e não houver a cobrança sistematizada, muitas vezes a gente não dá o tratamento que precisava dar.

Então, eu quero dizer para vocês uma coisa, eu sou casado com a dona Marisa há 34 anos. Eu, de vez em quando, olho para ela e fico pensando: já fizemos tantas coisas juntos, mas ainda tem tanto por fazer. Eu fico olhando

para vocês e falo: já fizemos tantas coisas juntos, mas ainda temos tantas coisas para fazer. E, certamente, iremos fazê-las até o final do nosso mandato.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia em comemoração ao Ano Novo 5.768 com a Comunidade Judaica

Palácio do Planalto, 19 de setembro de 2007

Bem, eu quero, em meu nome, de dona Marisa e, também, de todo o governo, dizer para vocês que é uma honra recebê-los e compartilhar, mais uma vez, diretamente da cultura judaica. Ao longo da minha vida aprendi a respeitar e admirar cada vez mais as tradições milenares que vocês tão bem sabem manter.

O nosso encontro de hoje ganha um significado ainda maior pelo momento em que se realiza. Para os judeus do mundo, os dias temíveis, os dez dias entre o *Rosh Hashaná*, que é o ano novo, e o *Yom Kipur*, que é o dia do perdão, representam momentos de profunda reflexão. É durante os dias temíveis que todos devem olhar para o seu íntimo, analisar os próprios erros e acertos, pedir perdão pelos mal-feitos e renovar o compromisso de agir cada vez mais com mais justiça.

Como vocês sabem, nasci e me criei dentro da tradição cristã. Mas o convite à constante renovação, proposto pelos dias temíveis se reflete, de alguma maneira, em todas as tradições religiosas. Da mesma forma, ajudar os desvalidos, os necessitados, os excluídos da sociedade e todos aqueles para os quais a mão solidária é questão de sobrevivência é obrigação comum a todas as tradições religiosas.

Acredito que o contato com a religião e com as tradições dos nossos povos, que desde cedo aprendemos com nossos pais, ajuda a criar os mais profundos compromissos éticos, e são esses compromissos que fundamentam, muitas vezes, as ações políticas.

É por esse motivo que tanto me orgulho de recebê-los aqui durante os



dias temíveis e ganhar como presente o **lad*. Esse **lad*, que representa o contato com as escrituras sagradas, nos lembra os compromissos com uma ética de solidariedade construída pela humanidade ao longo dos milênios. E ao simbolizar a mão divina que apontou o rumo à terra prometida, o caminho para a libertação da escravidão e da opressão, nos motiva a continuar cada vez mais com afinco, a campanha que leva à justiça e ao bem-estar de toda uma nação.

Meus companheiros, companheiras,

Eu preciso fazer o meu improviso aqui. Eu penso que o Brasil é um exemplo de país que consegue combinar o exercício da democracia com respeito à diversidade. Eu penso que em poucos países do mundo, as pessoas conseguem viver em paz como no nosso País. Este é um país sem preconceitos, é um país que respeita todos aqueles que aqui, um dia, o escolheram para morar. Desde 1500 nós estamos recebendo gente de todos os países do mundo, que aqui vem, gosta e quer ficar.

A comunidade judaica é uma comunidade a quem o Brasil deve, e deve muito, como deve a tantos outros povos que aqui um dia chegaram. A comunidade judaica é quase uma comunidade de excelência, porque ela tem acompanhado este País, prestado serviços nas mais diferentes áreas, e eu conheço um pouco o trabalho de alguns companheiros, tanto na área de saúde quanto nas políticas de ajuda às pessoas mais pobres, sobretudo às crianças.

Durante muito tempo parecia que tinha divergências entre o Lula e a comunidade judaica. Entretanto, como Deus escreve certo por linhas tortas, o tempo se encarregou de mostrar que as nossas diferenças, muitas vezes, eram muito mais por falta de conhecimento, por falta de relação, do que por divergência mesmo. Aqueles que tinham dúvida em relação ao comportamento do meu governo com relação à comunidade judaica, precisam lembrar a quantidade de companheiros da comunidade que fazem parte deste governo. Mas não apenas fazem parte do governo, vieram para cá gozando da minha



intimidade, como meus assessores pessoais, e eu poderia citar cinco ou seis. Posso citar alguns ministros, posso citar o nosso governador Jaques Wagner, que agora é governador da Bahia, posso citar o companheiro Tarso, mas, sobretudo, a líder de vocês dentro do meu gabinete, que é a Clara Ant.

Eu penso que vocês contribuíram para que nós estivéssemos vivendo o momento que estamos vivendo no Brasil. O Brasil, finalmente, parece que se encontrou. Definitivamente parece que o Brasil aprendeu como trilhar o caminho para se tornar uma grande nação, democrática, plural, em que a diversidade, ao invés de atrapalhar, fortalece a construção dessa própria democracia. Os números da diminuição de pobreza, os números de aumento de crianças na escola, os números de aumento de jovens nas universidades, os números da quantidade de empregos gerados com carteira profissional, os números das reservas brasileiras, os números da balança comercial, a diversidade da nossa política externa, de conviver com todos os países do mundo sem precisar brigar com ninguém, é a mais viva demonstração de que o Brasil, no século XXI, se transformará numa grande potência econômica e numa grande nação, com justiça social, com liberdade, com democracia, para que a gente possa dar ao povo brasileiro um mundo justo e solidário com que todos nós sonhamos.

Como vocês estão comemorando o Ano Novo de vocês, o Ano Novo da Comunidade Judaica, o Ano Novo do Povo Judeu, é para nós uma coisa, eu diria, cativante compreender porque eu pertencço à religião católica e o meu mundo tem dois mil anos. Mas nós sabemos que o mundo existe muito antes de dois mil anos e o ser humano existe muito antes disso. Certamente o tempo contado de vocês é mais preciso do que o nosso tempo, que só leva em conta o nascimento de Jesus Cristo.

Quero que vocês saibam que eu quero desejar a todos, até ao Fernando Haddad que está ali, o nosso representante do mundo árabe aqui, o nome já disse, não pode ser judeu, tem que ser árabe mesmo, Fernando Haddad. Eu



quero terminar com três palavras que vou falar em meu nome e da Marisa:

Shana Tova, ***Shana Metuca e *Ratima Tova.*

Muito obrigado.

*Iad (mão, em hebraico)

** Shana Tova (ano bom, em hebraico)

*** Shana Metuca (ano doce, em hebraico)

**** Ratima Tova (cumprimentos de ano novo, em hebraico)

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC/Funasa)

Brasília-DF, 19 de setembro de 2007

Não se preocupem que eu não vou ler o discurso. O problema de não ler é que a gente esquece de parar.

Mas eu queria cumprimentar o nosso companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar a governadora Ana Júlia Carepa, governadora do Pará,

Cumprimentar os governadores Jaques Wagner, da Bahia; Jackson Lago, do Maranhão; Eduardo Braga, do Amazonas – você não sabe quantos milhões de hectares de terra você deu para um e tirou do outro –, Alcides Rodrigues, governador do estado de Goiás; Wellington Dias, governador do Piauí; nosso querido Eduardo Braga, do Amazonas; Binho Marques, do Acre; Marcelo de Carvalho Miranda, do estado de Tocantins, e Luiz Fernando Pezão, governador em exercício do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar a companheira Dilma Rousseff,

Quero cumprimentar o Temporão, o nosso companheiro Geddel, o nosso companheiro Márcio Fortes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Márcio das Chagas, secretário especial interino de Políticas da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o vice-governador Iberê Paiva Ferreira de Souza, do Rio Grande do Norte, e José Vanderley Neto, de Alagoas,

Quero cumprimentar o Danilo pelo excelente trabalho construído junto com a Casa Civil para a apresentação do PAC.

E quero aqui, companheiro Arlindo Chinaglia, começar fazendo justiça a quem merece de vez em quando receber elogios. Eu quero agradecer, mas agradecer do fundo do coração, aos deputados e senadores que facilitaram a vida deste País aprovando, em tempo recorde, quase todas as medidas do PAC que nós mandamos para o Congresso Nacional. Muitas vezes a gente só

vê a desgraça, muitas vezes a gente só ouve aquilo que as pessoas falam contra, mas as pessoas muitas vezes não se dão conta de que entre críticas e elogios, entre altos e baixos, o Congresso Nacional, através do Senado e da Câmara dos Deputados, tem dado uma contribuição extraordinária para que a gente possa ir aprovando as coisas que são prioritárias para este País. Muitas vezes é difícil, mas a dificuldade decorre do fato da democracia permitir que haja o debate. E o Congresso Nacional é a representação mais fiel do que representa a sociedade brasileira, dos interesses da sociedade, dos agrupamentos existentes na sociedade. Portanto, se tiver que ter divergência, tem que ter no Congresso Nacional.

Eu, como presidente da República, Arlindo, não tenho nenhuma ilusão e não trabalho com essa hipótese de que cada projeto que o Poder Executivo manda para o Congresso Nacional tem que ser votado *ipsis litteris* aquilo que o governo deseja. Já foi provado, muitas vezes, que o Congresso Nacional consegue melhorar propostas do Poder Executivo, e eu já tenho muita experiência disso.

Então, eu quero agradecer, porque eu também fui deputado, eu sei que muitas vezes a crítica generaliza. A crítica, às vezes, não fala, a crítica quer criticar a ausência mas não diz quem está presente, portanto, coloca todo mundo na ausência. E eu acho que é normal as pessoas votarem contra ou a favor, e trabalho com a certeza de que nós iremos continuar fazendo o esforço para que as coisas importantes do PAC que ainda faltam ser votadas no Congresso Nacional, certamente sejam votadas.

Agora mesmo estamos com uma discussão sobre a CPMF, e qualquer pessoa de juízo neste País, a não ser aqueles que querem inviabilizar o Brasil, sabem que nem o governo Lula e nem o governo de qualquer outro ser humano poderia abrir mão da CPMF nesse instante neste País. Aqueles que acham que é simples acabar deveriam propor acabar depois de 2010, para saber que nenhum governo, nem do PT, nem do PMDB, nem do PSDB, nem do PFL, se viessem mais partidos novos, ninguém conseguiria governar este País sem a CPMF, hoje.

A segunda coisa, que para mim está muito clara, é que o Brasil vive um momento, eu diria, excepcional nesses últimos 30 anos. As coisas estão indo tão bem que ontem, não sei se hoje ou ontem, na China, às 11h26 da manhã,

foi lançado o Satélite CBERS-2B, construído no INPE. Esse satélite entrou em órbita, está a 778 quilômetros de altura, é um satélite que gira em torno da Terra, do Pólo Norte para o Pólo Sul, a cada hora ele dá uma volta em torno da Terra, a cada 1h40 ele tira uma foto, e nós então vamos poder cuidar muito melhor da devastação da Amazônia, das queimadas, porque agora vamos ter foto de 1h40 em 1h40 e poderemos sistematizá-la melhor.

Quero agradecer aos nossos companheiros das comunidades indígenas. É importante lembrar que o que estamos fazendo aqui hoje não é favor, é um direito que as comunidades indígenas têm de receber o mesmo tratamento, o mesmo olhar no Orçamento que as comunidades não-indígenas.

Quero agradecer aos quilombolas aqui presentes, porque depois de 3 séculos e meio de escravidão, nós estamos hoje dando aos remanescentes de escravos neste País a dignidade que eles já conquistaram na Constituição de 1988, mas muitas vezes a diferença da garantia institucional com a prática administrativa não combina e nós sabemos que muitas vezes era difícil um olhar do governo federal, do governo estadual ou do governo municipal para uma comunidade que está a 30, 40 quilômetros do centro da cidade, porque nós governantes, muitas vezes, governamos subordinados à pressão momentânea e quem pode fazer as pressões são os grupos organizados que podem ir a Brasília, que podem ir à capital do estado ou que podem ir ao centro da cidade.

Uma boa parte desses que estão sendo beneficiados não pode, não tem dinheiro para pagar transporte, não tem dinheiro para ficar nas cidades 3 ou 4 dias comendo, mas nós estamos atendendo uma demanda que é resultado do aprendizado de todos nós que estamos aqui, porque foi assim entendido.

O PAC, são 504 bilhões de reais. Desses 504 bilhões de reais, 40 bilhões são para saneamento básico e, desses, 4 bilhões nós resolvemos dedicar àqueles que têm menos sorte neste País. As cidades com até 50 mil habitantes, que muitas vezes não recebem o olhar de um presidente da República, muitas vezes, se têm um deputado aqui em Brasília, são atendidos, se não têm, não são atendidos. Esses prefeitos das cidades de até 50 mil habitantes estão sendo atendidos e estão sendo atendidos, não com o critério partidário. Eu não sei a que partido vocês pertencem, eu não sei quantos prefeitos tem do PMDB, do PFL, do PSDB, do PT, do PSB, do PDT, do PP, do

PR, do PRB, não sei e não quero saber. Eu quero saber é que vocês foram eleitos há 3 anos para governar a cidade de vocês, eu sei que o povo de vocês passa necessidade por todos os estudos que nós recebemos do Ministério da Saúde ou pesquisa do IBGE. Portanto, eu não quero saber a sigla do partido ou o número da legenda, eu quero saber a quantidade de pessoas que precisam ser tratadas naquela cidade e o dinheiro da Funasa chegará lá, sem nenhuma coloração partidária.

É importante lembrar que para que a gente pudesse fazer esse PAC nós levamos em conta alguns critérios que o Danilo aqui explicitou. Danilo, só houve uma falha na sua apresentação. É que os companheiros que vieram montar essas placas aqui, o telão, poderiam ter colocado no lugar dessa placa da Funasa, assim todo mundo via. Metade deixou de ver porque ela está muito de escanteio. Na próxima a gente melhora, quem sabe amanhã. Nós vamos aonde amanhã? Manaus? Em São Gabriel da Cachoeira. Vamos lançar um PAC, simbolicamente, com as comunidades indígenas.

Mas eu queria dizer para vocês que o critério é simples. O critério é o seguinte: municípios com alto índice de Doença de Chagas, aqui é um dado importante Michel Temer, presidente do PMDB. Eu até outro dia achava que Doença de Chagas era uma coisa do meu Nordeste, eu não achava que tinha Doença de Chagas em outro estado da Federação, e por conta do PAC e a discussão da Doença de Chagas, eu descobri que um dos estados que tem grande índice de Doença de Chagas é o Rio Grande do Sul, ali na região noroeste, na divisa com Santa Catarina. Nós também estamos levando em conta a questão da malária. Nós sabemos que é uma doença que tem maior incidência na região Norte do País, sabemos o que produz de malária o igarapé maltratado, e nós queremos, então, privilegiar esses dois segmentos: malária e Doença de Chagas. Depois queremos também premiar um outro segmento, que é o índice de mortalidade infantil, as cidades com maior incidência de mortalidade infantil. As cidades com maior incidência de mortalidade infantil, obviamente que vão ser premiadas no PAC porque o saneamento básico tem muito a ver com a diminuição de determinadas doenças que vitimam crianças neste País.

Bem, vocês poderão estar perguntando: “mas ainda está faltando cidade

neste País”. Está faltando cidade de 50 a 150 mil habitantes, que nós vamos atender com outro dinheiro que vocês aprovaram no Congresso Nacional, aquele famoso FNHIS, que é o Financiamento de Habitação de Interesse Social. São 2 bilhões de reais. Já fizemos o sorteio do 1º bilhão, agora no final do ano ou em janeiro vamos fazer o sorteio de mais 1 bilhão para que a gente possa atender as cidades de 50 a 150 mil habitantes. Feito isso, eu posso dizer de peito aberto aos deputados e às deputadas, aos prefeitos e às prefeitas, aos ministros, aos governadores e às governadoras, que vocês participaram da legislatura que mais investiu em saneamento básico em todos os 500 anos de história deste País.

Muita gente, e eu tenho dito todo dia, muitos prefeitos companheiros e os deputados sabem disso, a cultura política do Brasil nos ensinava que a gente não deveria gastar dinheiro com saneamento básico. Saneamento básico é uma coisa muito ruim porque você coloca uma manilha embaixo da terra, joga terra em cima, cobre ela, coloca asfalto e ninguém vê. As pessoas, ao longo da história do Brasil, preferiam fazer obras que tivessem visibilidade, que pudessem ser uma ponte para colocar o nome do tio, da tia, da avó, do bisavô. É sempre uma coisa meio parentesco. Agora o povo está ficando inteligente e os políticos também estão ficando inteligentes. O troféu que a gente vai ter orgulho de homenagear daqui para a frente, não é um parente morto com o nome numa placa, mas é uma criança de 3, 4 anos de idade, não pisando mais em esgoto a céu aberto, uma criança bebendo água potável, uma criança tendo a respeitabilidade que este País tem que dar, porque nós também, se olharmos na pesquisa da Pnad, vamos perceber, nós cuidamos muito bem dos idosos, mas é preciso ter uma política mais dedicada para as crianças deste País, para permitir que elas nasçam, cresçam com saúde e vivam, até quando Deus quiser, com saúde.

Esse PAC, companheiros, é a maior experiência administrativa neste País. Eu, que acabo de assistir, antes de chegar aqui, por isso cheguei atrasado, à apresentação que a ministra Dilma, os ministros ligados ao PAC, o ministro Guido e o Paulo Bernardo vão dar amanhã para a imprensa, porque eu não sei se vocês sabem, nós prestamos contas à imprensa a cada 4 meses. Como está a obra? Se ela está boa é um sinal verde. Se ela está com um

probleminha é sinal amarelo, se ela está com um problemão é sinal vermelho. Mas nós apresentamos e cada deputado, é importante acompanhar isso, é só entrar no site do PAC que vai ter as informações. Às vezes vocês vão ver uma obra em vermelho, às vezes é uma ação do Ministério Público local, em que um deputado pode ajudar, às vezes é uma ação judicial do estado em que o deputado ou a deputada podem ajudar. Se todos nós ficarmos alertas, a gente vai poder provar que este País pode pensar, pode planejar, pode licenciar e pode executar obras, porque uma das deficiências do País era a distância entre o discurso do presidente e a execução da obra. E vocês vão ver na apresentação amanhã, uma aproximação extraordinária daquilo que a gente está fazendo de projetos, aquilo que a gente está licenciando, aquilo que a gente está empenhando e aquilo que a gente está pagando: são 504 bilhões de reais. E nós precisamos trabalhar para chegar no dia 31 de dezembro de 2010, quando termina o meu e o mandato de vocês, e poder perceber que nós conseguimos aplicar a totalidade desse dinheiro. E o resultado é mais crescimento econômico, mais distribuição de renda, melhoria da qualidade do povo e mais dignidade para os milhões de brasileiros que foram deserdados durante tantos e tantos anos.

Para terminar, meus companheiros e minhas companheiras, eu, na semana passada e nesta, já disse para vocês que me considero um homem feliz, porque estou vivendo o melhor momento da minha vida como presidente da República. Eu estou vivendo porque quem é prefeito aqui sabe: administrar é a gente plantar uma semente e às vezes a gente fica olhando se a semente nasce. Ela, às vezes, demora mais para nascer do que a gente esperava. E nós, hoje, estamos colhendo exatamente aquilo que nós plantamos, nem mais e nem menos. Quando nós cunhamos o *slogan* “Brasil, um País de Todos”, é porque nós, efetivamente, queremos e vamos governar para todos. Mas, entre esses todos, nós temos que olhar uma parte que precisa mais do Estado do que outra parte. Tem alguém que pode esperar um dia, porque tomou café, almoçou e jantou, e tem outros que não podem esperar uma hora, porque se não comerem, morrem de fome. E é por isso que nós temos uma política privilegiando, de forma prioritária, os setores mais empobrecidos da população. Até porque o Brasil que eu sonho é um país de uma classe média muito ampla. Eu não quero 35 milhões de classe média, cinco milhões de ricos e 100

milhões de pobres, não. Eu quero é que tenha uma maioria de gente na classe média, nas universidades, pessoas que tenham acesso à cultura, ao lazer, que possam ter acesso à saúde. E o Temporão vai apresentar logo, logo, um programa novo, um paczinho para a saúde, que é para a gente fazer uma consertação.

É importante os deputados saberem que eu sou favorável à regulamentação da Emenda nº 29, porque os governadores precisam contribuir, aplicando na saúde aquilo que está na Constituição. Tem governador, como Eduardo Braga, que aplica 25%, mas tem estado que só aplica 4%. Não vou dizer o nome, só falo coisa boa, não vou falar coisa ruim. É preciso que a gente fiscalize, porque senão a gente fica atirando na pessoa errada, fica atirando num animalzinho, que não devemos atirar, e vai atingir um outro. Então, nós queremos que seja regulamentada a Emenda nº 29. Eu quero que os deputados decidam claramente o que é investimento em saúde, para que todo mundo saiba e todo mundo fiscalize.

Por último, companheiros, eu queria dizer para vocês que, se não bastassem outros motivos para eu estar feliz, a gente vê a pesquisa do IBGE sobre o crescimento da economia brasileira, sobre o crescimento da produção industrial, e vê os números da PNAD que demonstram que a semente plantada e adubada dá resultado. E quero partilhar isso com vocês, com cada prefeito, com cada companheiro trabalhador, com cada índio, com cada negro, com cada mulher, com cada homem. Porque neste País, vocês percebem que quando você tem um campeonato de futebol, uma Copa do Mundo, os governantes só recebem quem ganha, quem perde vira cidadão de segunda categoria. E eu estou muito à vontade, porque já estou há quatro anos e meio no governo, Arlindo, e não faço uma crítica ao Congresso Nacional, porque também neste País, quando as coisas vão bem, o mérito é do governo, quando as coisas vão mal, o mérito é dos deputados, o mérito é da crise internacional.

Nós estamos provando o seguinte: quem é parceiro, é parceiro para comer o prato cheio e é parceiro para ficar olhando o prato vazio junto, é parceiro nos bons e nos maus momentos. E não precisamos jogar a culpa nos outros não, nós temos que consertar aquilo que não está andando. “Ah, porque a economia brasileira vai mal, porque tem uma crise internacional.” Tem uma crise internacional agora. Os Estados Unidos trabalharam, equivocadamente, o

financiamento habitacional tem uma crise dos títulos imobiliários americanos, que os economistas chamam de *subprime*. Você entendeu, Gonzaguinha? *Subprime*, não dá nem para falar, isso é um nome de um título americano.

Pois bem, essa crise que está envolvendo a Europa, está envolvendo os bancos americanos, está envolvendo, na verdade, todos aqueles que compraram títulos que não eram de qualidade, achando que iam ganhar dinheiro como se estivessem num cassino. A porca entortou o rabo, não deu certo e agora eles estão perdendo. E o Brasil até agora está tranquilo. Até agora essa crise não chegou à fronteira brasileira, nem à fronteira terrestre, nem à fronteira oceânica, porque nós nos preparamos juntando um volume de reservas de 162 bilhões de dólares, diminuindo a nossa dívida externa. Não devemos nada ao FMI, não devemos nada ao Clube de Paris.

E, mais ainda, agora estamos oferecendo ao mundo um novo combustível, uma nova matriz energética, estamos oferecendo ao mundo uma matriz energética capaz de garantir que o Brasil seja o maior detentor dessa tecnologia nova, que pode despoluir o Planeta que os países ricos poluíram. É este País, meus companheiros, que vocês estão me ajudando a construir, é este País muito melhor que nós vamos colher no final do nosso mandato. O grande legado que eu espero que um presidente da República como eu deixe para o meu sucessor é ele pegar um País muito mais arrumado, muito mais engrenado. Este País não tinha sequer projeto. Parte da demora do PAC são cidades e governos de estados e o governo federal, que não tinham projetos, e não é possível governar o País sem que você tenha uma banca de projetos para poder tirar da gaveta na hora em que você entender que aquela obra é prioritária.

Por isso, meus companheiros prefeitos e prefeitas das cidades com menos de 50 mil habitantes, meus companheiros representantes das comunidades indígenas, meus companheiros e companheiras representantes das comunidades quilombolas, meus companheiros e companheiras deputados e deputadas, senadores e senadoras, ministros e ministras, governadores e governadoras, se a gente continuar agindo com a seriedade com que estamos agindo, com a sobriedade com que estamos agindo, eu posso dizer para vocês: ninguém segura este País. Este País se transformará numa grande economia mundial.

Eu, Arlindo, sei que você tem mais um ano de mandato na Câmara, um ano e pouco, você vai viver bons dias neste País, construindo as parcerias com a autonomia necessária da Câmara com o Poder Executivo, mas eu estou convencido, meu caro Arlindo, de que esses seus cabelos brancos ficarão mais negros se você conseguir aprovar tudo o que nós vamos mandar para lá.

Um grande abraço, que Deus nos abençoe e que o PAC possa ser executado na sua plenitude.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 23ª Reunião Ordinária do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES)

Palácio do Planalto, 20 de setembro de 2007

Vocês perceberam que hoje não tem discurso, é uma folhinha. É porque eu não posso atrasar muito, não.

Primeiro quero cumprimentar todos os nossos companheiros conselheiros, as nossas companheiras conselheiras,

E dizer para vocês que eu acabo de fazer uma viagem que está me fazendo refletir um pouco sobre o papel do Brasil nesse mundo globalizado. Eu fui à Finlândia, à Dinamarca, à Noruega, à Suécia e, por fim, passei na Espanha para fazer uma atividade especial de apresentação do PAC. O que chamou a minha atenção nesta viagem é que muitas vezes a gente fica no Brasil acompanhando as coisas do Brasil pelo Brasil, e nós vamos perdendo dimensão do que o Brasil está construindo de expectativa e de perspectiva no mundo. Eu diria que é impressionante a imagem que o Brasil construiu lá fora. Alguns empresários têm andado comigo e têm percebido que, muitas vezes, nós nem acreditamos que eles estão falando de nós, tal é a importância que eles estão nos dando. E há uma razão de ser.

Primeiro, eu fui a Estocolmo, Schneider, inaugurar 600 ônibus totalmente a álcool que vão circular no centro de Estocolmo. Há um interesse marcante dos empresários e dos governos em entender e discutir a questão da mudança na matriz energética. E há uma expectativa, eu diria, acima de qualquer coisa que eu pudesse esperar, com relação ao aumento do comércio com o Brasil, ao aumento de parceria com o Brasil e ao aumento de investimentos no Brasil.

Eu fiquei meditando porque aqui, no Brasil, muitas vezes nós trabalhamos com pessimismo e não conseguimos, dentro de nós mesmos, ter uma visão do Brasil tal como ele é, tal como as coisas acontecem. E sempre que acontece uma coisa boa, nós ficamos procurando uma ruim para ficar justificando o nosso discurso. É uma coisa interessante.

Eu dizia para o Gerdau agora há pouco, que eu vou convidar uma reunião dos 100 ou dos 200 maiores empresários brasileiros para compreender um pouco, Sérgio Rosa, como é que funciona a nossa cabeça. E também para que a gente comece a perceber que da mesma forma, se nós não falarmos bem de nós mesmos, os outros não falarão. Defender os interesses do nosso País é condição fundamental para que este País se defina como uma nação influente nas decisões dos órgãos multilaterais.

Muitas vezes nós somos, talvez pela nossa origem, de ser um País colonizado, muitas vezes nós estamos sempre agindo como se tivéssemos que prestar contas a alguém das coisas que nós temos que fazer. A impressão que eu tenho é que nós não assumimos ainda, enquanto nação, o papel que nós temos que exercer no mundo.

Eu lembro quando nós criamos o G-20 na reunião de Cancun. E a reunião do G-20 foi uma daquelas coisas quase por impulso, ou seja, já que querem nos atropelar, vamos pelo menos fazer uma barreira para que a gente não seja atropelado de forma mais forte.

Conseguimos criar o G-20 e eu fiquei acompanhando o que se escrevia sobre o G-20 nos dias subseqüentes. Ora, a impressão que eu tinha era de que nós tínhamos criado um monstro para afrontar a política americana ou um monstro para afrontar a política européia. Nunca alguém dizia que nós tínhamos criado um instrumento de defesa dos países emergentes e mais pobres para nos contrapor à política dominante dos países ricos nas rodadas de comércio no mundo.

Como Deus escreve certo por linhas tortas, quis Deus que o G-20 ganhasse uma respeitabilidade, e hoje não há negociação comercial no mundo se o G-20 não estiver presente. E dentro do G-20, a importância que o Brasil ganhou, é uma coisa visível, é uma coisa que a gente pode apalpar porque é concreta e objetiva. Mas ainda assim nós temos um problema de percepção interna, nós temos um problema de incompreensões. Eu às vezes até entendo que, por razões culturais, quando a gente é subordinado muito tempo, a gente não consegue, mesmo tendo independência, exercê-la na sua plenitude porque estamos sempre olhando se alguém vai deixar.

Eu lembro de uma conversa que eu tive, ainda não era presidente da República, com uma grande figura brasileira, e essa pessoa queria saber o

meu programa de governo. Eu comecei a conversar e cada vez que eu falava essa pessoa dizia: “mas, o Império não vai deixar. Ah, o que vai fazer para a economia?” Eu respondia e ele: “Mas o Império não vai deixar. O que vai fazer para a agricultura?” Eu dizia, e ele: “Mas o Império não vai deixar”. Eu saí dessa reunião com a percepção de que nós tínhamos alguma coisa entranhada na nossa cabeça, que nem o Hino da Independência, nem o grito de Dom Pedro tinham chegado na cabeça das pessoas.

Quando se trata de fazer política internacional, essa coisa é mais séria, porque o Brasil tinha o hábito de ter um rumo só. O Brasil olhava para os Estados Unidos e para a União Européia e se esquecia de fazer uma coisa que qualquer país que tenha noção de soberania precisa fazer. Quanto mais diversidade nós tivermos nas nossas relações políticas e comerciais, mais seguros nós estaremos de não estar dependendo de um único parceiro.

Então, essa viagem aos países nórdicos me mostrou o quê? Ela mostrou que o potencial do Brasil é infinitamente maior do que qualquer um de nós possa pensar estando aqui dentro do Brasil. Talvez sejam poucos os empresários que tenham noção de compreender o nicho de oportunidades que existe para este País, quando este País ousar ser desaforado, ou melhor, quando este País ousar, quando este País determinar, enquanto nação, que quer ocupar um espaço que não é de ninguém. Mas aqui no Brasil, quando a gente pensa em criar uma embaixada, o que a gente ouve? “Ah, vai aumentar os gastos”, ou seja, um país que pensa assim, é um país que não tem uma visão estratégica de ocupação de espaço geopolítico, é um país que se contenta com o tamanho que tem e é um país que não quer crescer. Eu fico com inveja quando viajo o mundo e vejo em cada esquina uma embaixada americana, uma embaixada francesa ou uma chinesa agora. Eles ocupam todo o quarteirão e nós alugamos, de preferência, a menorzinha, a mais barata, porque senão vão escrever que nós compramos uma embaixada que daria para fazer 10 casas populares. E, portanto, nós não podemos comprar aquela embaixada.

Eu voltei dessa reunião convencido de que alguma coisa tem que mudar. Mudar no comportamento do governo, mudar no comportamento dos sindicalistas, mudar no comportamento dos empresários, mudar no comportamento da imprensa, porque hoje o Guido Mantega disse uma coisa

que é verdadeira: “se a gente quiser saber as coisas que o mundo pensa do Brasil, nós temos que ler a imprensa estrangeira.” É incrível, mas é isso que acontece dona Zilda Arns, porque nós somos tomados de um momento de fragilidade em reconhecer que nós crescemos, que nós viramos importantes, e nós ainda temos dúvidas em trabalhar com isso.

Aqui tem alguns empresários, o Maurílio, que está aqui na minha frente, tem viajado comigo por alguns países pobres e ricos. Eu tenho certeza de que na roda de empresários em que ele se junta para tomar cerveja, para tomar uísque também, se quiser, ou para tomar um guaraná, eu tenho certeza de que ele nunca ouviu aqui dentro os elogios que ele ouve lá fora, porque é uma deficiência nossa. A impressão que eu tenho é que de vez em quando a gente tem que pedir licença para dizer: olha, eu existo, eu quero participar. E o Brasil de hoje não precisa fazer isso. Nós temos importância, e temos importância conquistada com o sacrifício de muita gente, com o trabalho de muita gente, mas nós temos importância, é que a gente nunca a utilizou.

Eu lembro, Viviane, eu tremia quando me chamavam, quando anunciavam meu nome no sindicato, nos anos 70, nem me chamavam para falar não, anunciavam meu nome e minha perna começava a tremer. Eu não sabia que sabia falar. E o Brasil ainda não sabe o que ele pode fazer nesse mundo que está aberto a nós. Eu descobri isso nessa viagem porque os países são mais ricos, são países como a Noruega, de renda *per capita* de 74 mil dólares, são países de renda *per capita* de 30 mil dólares, que dão a impressão de que já está tudo resolvido. E nunca tudo está resolvido.

A demonstração desses países de fazer parceria conosco, de participar na questão do petróleo, de participar na questão do biodiesel, é uma coisa que eu imaginava que eles nem queriam conversar conosco. Aí saio de lá e vou para a Espanha. Eu mandei gravar, numa reunião do Conselho eu vou apresentar, os discursos dos empresários espanhóis sobre o Brasil. Não é empresário, Sérgio, que tem uma fundiçãozinha no fundo do quintal. São empresários de investimentos de 35 bilhões de dólares aqui, são empresários de investimentos de 10 bilhões de dólares. A imagem que eles têm do Brasil é algo que nós, brasileiros, não temos. Eu gravei, mandei a Radiobrás preparar. Um dia eu quero apresentar para vocês terem noção do que o mundo pensa de nós e para ver a diferença de comportamento entre nós, o que nós pensamos

de nós e o que eles pensam de nós.

Nós fomos fazer uma apresentação do PAC e eu acho que nós, eu pelo menos, voltei de lá extremamente otimista com a possibilidade de outras empresas virem investir aqui. Descobri que na Espanha tem um problema para a entrada das construtoras brasileiras, mas também descobri que no Brasil tem um problema para a entrada das da Espanha, nós vamos precisar construir juntos uma fórmula para que a gente possa trabalhar lá e eles possam trabalhar aqui.

Mas eu voltei convencido de que o Brasil não pode aceitar os discursos que nós fazemos diminuindo o Brasil, nem tampouco os discursos de algumas pessoas que tentam criar dificuldades para o Brasil. Eu vou dizer uma delas: a questão dos biocombustíveis. O biocombustível, se acontecer o que eu estou imaginando que vai acontecer, é uma revolução na área energética no que diz respeito a combustíveis e também no que diz respeito a energia elétrica, se acontecer o que empresários e governo estão pensando a respeito da produção de energia da biomassa.

Pois bem, esses dias eu cheguei a um país e levantaram para mim a idéia de que: “olha, o álcool tem um problema sério no Brasil, porque o trabalho na cana-de-açúcar é degradante”. E eu disse: é degradante, eu pelo menos não gostaria de ser cortador de cana. Agora, as pessoas só vão cortar cana porque não tiveram oportunidade de estudar ou não têm um emprego melhor. Tem duas coisas que nós temos que fazer: uma é colocar máquina e tirar o trabalhador fora. Ele vai ficar desempregado e será um problema social tão grave quanto o fato de ser degradante o corte de cana. E a outra é a gente combinar a mudança de atividade, formando esse profissional para alguma coisa que não seja o corte de cana. Mas aí eu me lembrei e perguntei o seguinte: há quanto tempo o teu país está com a matriz energética subordinada ao carvão? Você já escreveu algum artigo dizendo que é degradante o trabalho dentro de uma mina? Porque é muito mais degradante do que o corte de cana. Quem não sabe disso, entre numa mina de carvão como eu entrei, a 60 metros de profundidade, e acenda o estopim de uma dinamite para explodir, que você vai ver que você chega ao inferno em 5 segundos e depois você volta à normalidade. Então eu disse para ele: eu preferia trabalhar a vida inteira no corte de cana do que trabalhar numa mina de carvão.

Vai começar, agora, a aparecer as tentativas de criar dificuldades. “Ah, mas os biocombustíveis vão criar problemas na área de alimentos”. Depende, se nós formos fazer biocombustíveis de feijão, de arroz, de trigo, de milho, nós estaremos criando problema, porque nós vamos tornar o alimento mais caro, mais escasso, vamos tornar a carne mais cara, o leite mais caro, o derivado mais caro. Mas o Brasil está propondo uma outra coisa, o Brasil está propondo ter um zoneamento agrícola correto, definir claramente quais são as áreas que a gente deve plantar ou não, mas também a gente entender, por debate político, que o problema da fome no mundo hoje, não é por falta de alimentos, é por falta de renda e muito menos por conta do biocombustível. Porque se fosse assim, os países africanos estavam comendo todo dia, o Nordeste brasileiro estava comendo e a América Latina. Não se planta biodiesel e não se come. O problema não é esse. O problema é que nós vamos ter adversários do programa, é assim no mundo inteiro. E na história da humanidade, nós sempre vamos ter gente que vai tentar dizer que não é bom. Isso vale para os biocombustíveis e vale para qualquer outra coisa. Eu lembro o que diziam do álcool e lembro que as petroleiras, até a nossa querida Petrobras, nunca gostaram do álcool. O álcool era um filho estranho na matriz de combustível. E além do álcool a gente tem que impor o biodiesel, então, são dois filhos indigestos. Mas o que nós entendemos é que a questão energética passa a ser o tema prioritário nesse próximo período e a questão climática passa, concomitantemente, a ter a mesma importância, e nós não temos como escapar desse grande debate. E vamos ter que fazê-lo com a soberania e com o conhecimento científico e tecnológico que nós temos, que não devemos para ninguém.

Então, é importante esse trabalho, Schneider, que vocês apresentaram. Foi criada uma comissão aqui no Conselho. É importante que a gente aprofunde, porque eu cheguei num país e quem estava falando contra o biocombustível era uma empresa petroleira. Obviamente que eu não vou querer que o rei da Arábia Saudita nunca seja favorável aos biocombustíveis, mas eu quero convencer os companheiros africanos a fazerem parte da matriz energética. Se não tem petróleo vamos plantar o nosso petróleo. Eu disse em Genebra, outro dia, meu caro ministro Reis Velloso, que nós temos no máximo 10 países que têm petróleo. A tecnologia é uma coisa muito sofisticada, uma

plataforma de 200 mil barris custa 2 bilhões de dólares, gera 7 mil empregos e são poucos os países que detêm a tecnologia para fazer. O Brasil tem, por teimosia nossa, porque até 2002 diziam que o Brasil não tinha. O Brasil tem para fazer.

Pois bem, quantos países podem fazer uma plataforma? Quantos países têm petróleo? Agora, qualquer analfabeto do Planeta pode cavar uma covinha e plantar um pé de petróleo. As pessoas vão ter que entender que o aumento da produtividade do alimento hoje não se dá pela extensão da quantidade de hectares plantados, ela se dá pelo avanço da biotecnologia. E a cana-de-açúcar é o maior exemplo. Hoje, nós produzimos quatro vezes mais do que produzíamos em 1975, por hectare. Isso vale para todos os outros.

Eu estou aqui vendo o José Carlos Bumlai. Quanto tempo a gente demorava para matar um boi há 15 anos? Quarenta e oito meses. Hoje você mata em 18 meses. É que o Furlan não está aqui. Quanto tempo a gente demorava para matar um frango há 10 anos? Noventa dias. Hoje se mata em 40 dias. Daqui a pouco a gente está comendo antes de nascer. Esse é o dado concreto que este País tem que enfrentar, este País tem que assumir a sua grandeza.

Nós temos problemas? Temos. Nós temos problemas enormes. Os problemas que nós temos que são resultado do acúmulo de décadas de desprezo em cuidar deste País corretamente. Vai levar algumas décadas para a gente consertar, a gente não vai consertar em pouco tempo. Mas vamos olhar os dados da economia da semana passada, vamos olhar os dados da PNAD na semana passada, e vamos pelo menos dizer o seguinte: nós não resolvemos tudo ainda. Mas demonstramos que somos capazes de resolver. O caminho foi encontrado, o alicerce está montado, agora é construir essa parede juntos. Vai ter gente que não vai gostar, vai ter gente que vai ser contra. Na vida é assim. Tem gente que não gosta do seu trabalho dona Zilda, por inveja, porque não conhece ou porque gostaria de estar no seu lugar. Essa é a Humanidade. Mas eu penso que o Brasil já tem grandeza suficiente para dar um salto de qualidade e a gente virar do tamanho que a gente é de verdade, com a grandeza que nós temos, com a riqueza da biodiversidade.

Ontem eu disse, porque sempre encontro alguém que é dono da Amazônia no mundo, sempre tem alguém que acha que vai cuidar mais dela do

que nós, depois que eles destruíram a deles. Se vocês pegarem o estudo da Embrapa vocês vão perceber que, numa retrospectiva feita pela Embrapa, a floresta existente há oito mil anos, o Brasil só tinha 9% da floresta do Planeta. Hoje o Brasil tem 29,5% e o mundo desenvolvido tem o quê? Se a gente pegar a floresta existente há mil anos, o Brasil ainda tem 69,5% dela. A Europa tem apenas 0,3%.

Então, companheiros e companheiras, eu acho que está na hora de nós assumirmos a nossa maioria, a nossa maioria empresarial, a nossa maioria negocial, a nossa maioria sindical, a nossa maioria política e, com muita humildade, dizer que quer ser um país determinante nas decisões políticas deste mundo. Não dá para a gente ouvir o discurso contra a reforma da ONU, não dá para a gente ouvir o discurso da Rodada de Doha, em que os ricos não querem flexibilizar. Isso tem muito a ver com o nosso comportamento.

Eu acho que nós chegamos a um momento da nossa vida política, que nós construímos juntos, e nós poderemos fazer muito mais daqui para frente. Eu lembro que a indústria automobilística outro dia vinha ao meu gabinete chorar: “ah, porque estamos no vermelho Presidente, não vendemos, acabou o mercado”. Hoje estão chorando porque precisam produzir mais, porque tem mais pedido do que produção. Por quê? Porque acertamos o tom, acertamos na marca. A política tributária, Rigotto, você conhece isso como ninguém, por que todo mundo quer e não sai? Porque cada um construiu a sua na cabeça e é preciso que a gente construa a proposta do Brasil. O que é interessante para o Brasil? Eu acho, viu Rigotto, que está quase pronto, eu acho que daqui a alguns dias nós estaremos preparados para mandá-la para o Congresso Nacional e aprovar definitivamente para a gente ver se as pessoas param de encontrar culpado para as coisas neste País.

As pessoas falam da carga tributária, mas não falam dos ganhos. Ninguém fala quanto as empresas estão ganhando, quanto os bancos estão ganhando, o quanto a massa salarial está subindo. Ora, se vai tudo bem na economia, a empresa vai ganhar mais, o governo vai arrecadar mais, os trabalhadores vão ganhar mais, todo mundo vai ganhar mais. Agora, é importante não confundir aumento de carga tributária com aumento de tributo. E vamos ser francos, o Brasil está numa situação privilegiada, pode ter um ou outro setor que ainda não desencantou, mas no fundo, no fundo, se a gente

olhar para os últimos 25 anos vai perceber: nunca vivemos o momento que estamos vivendo. Não desperdicemos este momento. Nós o construímos e nós precisamos aperfeiçoá-lo.

Muito obrigado e boa sorte para todos vocês.

Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos com o governo da Venezuela
Manaus-AM, 20 de setembro de 2007

Meu amigo e companheiro Hugo Chávez, presidente da República Bolivariana da Venezuela,

Companheiros ministros brasileiros,

Ministros da Venezuela,

Jornalistas,

Amigos e amigas.

Eu queria, Chávez, com a sua permissão, convidar o José Sérgio Gabrielli e o Celso Amorim, o Ramirez e o nosso Maduro, o nosso ministro das Relações Exteriores da Venezuela para virem aqui para saírem na foto, porque são eles que serão os responsáveis pelo andamento rápido dos acordos que nós estamos firmando, que ficassem aqui do nosso lado para a imprensa fotografá-los e comprometê-los em cumprir aquilo que nós acordamos.

Primeiro, é importante que todos saibam que Brasil e Venezuela têm uma relação estratégica. Estratégica por interesses geopolíticos, estratégica por interesses econômicos, comerciais, por interesse de desenvolvimento, por interesse de investimentos na área de ciência e tecnologia. Até porque nós estamos convencidos de que a vida do povo da América do Sul e da América Latina só irá melhorar na hora em que os nossos países se desenvolverem e tiverem riqueza para distribuir para o seu povo.

Em segundo lugar, Brasil e Venezuela ratificaram aqui os compromissos que tínhamos assumido há algum tempo e que, por problemas técnicos, muitas vezes andam mais devagar do que aquilo que Chávez e eu esperamos que andem os nossos acordos. Para nós é extremamente significativa a união, não apenas entre a Venezuela e o Brasil, mas a parceria, a construção de duas empresas mistas, uma no Brasil e outra na Venezuela, entre PDVSA e Petrobras. Essas duas empresas são as maiores na Venezuela e as maiores no Brasil, são empresas extremamente poderosas e que estão dando, com

essa parceria e com esse acordo, que Chávez e eu pretendemos assinar o contrato em dezembro, quando nos reunirmos em Caracas.

Com a construção dessa parceria nós estamos mostrando à América do Sul que é possível resolvermos os problemas energéticos de países da América do Sul que têm problema energético e que têm carência de petróleo, de gás, e por que não dizer, até de produção de energia hídrica.

O acordo que nós firmamos aqui é um acordo que não queremos esperar para 2050, 2080, 2020, ou seja, o que nós queremos é que a refinaria de Pernambuco comece a produzir em 2010 e que a Refinaria Orinoco possa começar a produzir alguns dias depois, já que o projeto está mais atrasado do que a refinaria de Pernambuco.

Mais importante do que isso é que nós temos consciência de que essa parceria estratégica pode ajudar no Mercosul, pode ajudar a integração dos países da América do Sul e pode contribuir para que essa integração se estenda até a América Latina como um todo.

Ao mesmo tempo, nós decidimos que o projeto de engenharia, vamos contratar, PDVSA e Petrobras, o projeto de engenharia conceitual para o gasoduto. Esse projeto tem que ser contratado para que a empresa ganhadora comece a elaborar o projeto, para que dentro de alguns meses, eu espero que seja o mais rápido possível, a gente tenha o projeto do gasoduto pronto, para que a gente possa anunciar não apenas aos países da América do Sul, mas ao mundo, que nós não somos tão ricos quanto outros países, mas somos tão ousados e queremos ser tão ricos quanto eles.

Quero, Chávez, te agradecer por ter aceito o meu convite para vir a Manaus. Você sabe que em política, quando dois dirigentes passam muito tempo sem se encontrar, começa a surgir entre eles uma série de inquietações, de insinuações, as pessoas começam a falar em divergências, as pessoas começam a falar em disputa de lideranças, as pessoas começam a falar uma série de coisas que eu tenho consciência de que não passam pela sua cabeça e que não passam pela minha. É importante dizer que o Brasil está trabalhando, o processo está no Senado, e nós esperamos que o mais prontamente seja votado para que a Venezuela seja, definitivamente, um país-membro do Mercosul e que a gente possa prontamente trazer outros países para o Mercosul. Afinal de contas, a integração é uma necessidade que nós

temos de nos desenvolver, de crescer e de sermos países economicamente ricos e socialmente muito justos.

Quero, Chávez, dizer para você que, da parte do Brasil, nós faremos qualquer esforço e qualquer sacrifício para que esse acordo se concretize e, quem sabe, o mais rápido possível, você possa já nos fazer uma visita como membro permanente do Mercosul. Dizer ainda à imprensa brasileira e à imprensa da Venezuela que os exemplos que Venezuela e Brasil podem dar com esses acordos são, na verdade, um incentivo para que outros países da América do Sul se sintam fortalecidos e dispostos a participarem dessa parceria. Aqui não existe disputa entre dois países, nós fomos formados politicamente para respeitar a soberania de cada país, respeitar a cultura de cada país e respeitar, sobretudo, as decisões soberanas que cada país toma sobre os seus problemas. E Venezuela e Brasil têm muita responsabilidade no Continente e nós, posso dizer em nome do Chávez e em meu nome, iremos fazer todo esforço, tudo o que puder ser feito, para que Brasil e Venezuela possam se tornar cada vez mais países integrados. Nós temos mais coisas para fazer do que divergências para criarmos.

Nós estamos aqui, na cidade de Manaus. Se olharmos a geografia desta cidade, olharmos um pouco mais e chegarmos à Venezuela, à Colômbia, ao Equador, nós vamos perceber que Deus, há muitos anos, nos deu uma contribuição extraordinária e que nós ainda não aproveitamos 1% disso, que é a possibilidade de fazer um processo de integração, via a riqueza das águas que nós temos, através do transporte fluvial. Através do transporte fluvial, nós poderemos ligar Venezuela e Caracas, ou melhor, Venezuela e o Amazonas, poderemos ligar o Amazonas ao Equador, poderemos ligar o Amazonas à Colômbia. Ou seja, a estrada está feita, custa poucos investimentos para que a gente conclua uma obra que Deus iniciou e que nós temos que terminar.

Nós descobrimos uma coisa sagrada: as relações comerciais são importantes com todos os países do mundo. Vocês vêem na televisão, às vezes a briga do Chávez com o Bush, e vejam que os Estados Unidos ainda são o principal parceiro comercial da Venezuela, como também são o maior parceiro individual do Brasil. Nós olhamos a Venezuela e sabemos que ela vende petróleo para vários países do mundo, até para a União Européia. O Brasil tem, na União Européia, um grande parceiro comercial.

O que aconteceu depois das nossas eleições é que nós descobrimos que, além de manter a nossa relação com todos os países do mundo, nós temos um nicho de possibilidades entre os nossos países e ainda não exploramos 20% do potencial que nós temos. Não exploramos, possivelmente, porque fomos países, durante muitos séculos, colonizados, aprendemos a olhar muito o Norte e deixamos de olhar um pouco o Sul. Na minha formação política, e eu tenho certeza de que na formação política do presidente Chávez, a gente começa a fazer política internacional a partir dos nossos vizinhos, a partir daqueles que estão ligados umbilicalmente aos nossos países pela geografia. E nós, durante séculos, não tratamos isso com o carinho que era preciso tratar.

Portanto, o dia de hoje é um dia extremamente importante no aperfeiçoamento da relação entre Venezuela e Brasil. Quero te dizer, amigo Chávez, quero dizer aos ministros da Venezuela e do Brasil que não há nada, não há intriga, não há boato que impeça o Brasil de aprofundar, até onde for possível, essa relação estratégica com a Venezuela.

Queria, agora, pedir desculpas à imprensa, porque o governador Eduardo Braga chegou aqui, e eu tinha um ato com ele, não sei se ainda existe o ato e, portanto, era para as 6 horas, já são 7 horas, mas uma hora de atraso aqui a gente perdoa.

Queria dizer para vocês que falo isso do coração: eu, Chávez, sei o quanto de sacrifício nós fizemos no Brasil, sei o quanto fomos criticados, incompreendidos, às vezes, sei o quanto você fez de sacrifício na Venezuela, sei o quanto você foi criticado. Entretanto, Chávez, o que deve dar prazer a um governante é que os críticos são derrotados, não por nós. Qualquer pesquisa de opinião pública feita para medir se houve melhora ou não na qualidade de vida do nosso povo vai mostrar que houve melhora, que nós conseguimos, em pouco tempo, aquilo que outros não conseguiram em décadas, e certamente isso pode inquietar algumas pessoas.

Eu tenho a convicção de que se a Venezuela tivesse, ao longo da sua história, dedicado o potencial de riquezas que ela tem para fazer a política social que tu estás fazendo, a Venezuela hoje seria infinitamente mais rica do que é, e tenho a convicção de que, se o Brasil, durante décadas, tivesse feito o que estamos fazendo no Brasil, o povo brasileiro também estaria muito melhor.

Não sei se nós dois concluiremos a obra definitiva mas, certamente, estamos construindo um alicerce, estamos plantando uma semente, e eu tenho a convicção de que o povo venezuelano e o povo brasileiro, na sua maioria, compreendem que nós queremos governar para todos os segmentos da sociedade, mas que nós precisamos fazer um esforço maior para ajudar a parte mais pobre da população a conquistar dignidade, a conquistar cidadania, a se sentir venezuelanos e brasileiros, e aprenderem a ver que a democracia é a possibilidade que eles têm de conquistar muita coisa. Eu conheço a Venezuela, você conhece o Brasil, e você sabe que nós estamos no caminho certo. Poderemos cometer erros e vamos cometê-los, isso é natural da vida política, da vida humana, mas eu estou convencido, Chávez, de que o Brasil vive hoje o melhor momento econômico e social dos últimos 30 anos. E eu tenho certeza de que a Venezuela vive hoje um dos melhores momentos da sua vida econômica. Eu sei que tenho até muita reserva internacional, o Brasil tem. Mas é importante lembrar aos críticos que há poucos anos, há 50 anos, a Venezuela já tinha petróleo, e quem explorava petróleo dizia que a Venezuela não tinha petróleo. E quando Perez Alfonso começou a briga pelo petróleo, abriu os olhos de muita gente na Venezuela para permitir que a Venezuela, hoje, fosse dona das suas riquezas naturais.

Quero, Chávez, dizer a você, amigo, que tenha certeza de que você tem no governo brasileiro, e tem na minha pessoa, um companheiro para os bons e para os maus momentos. Para festejar as coisas boas e enfrentar as coisas difíceis, porque nós sabemos que na nossa querida América Latina e na nossa querida América do Sul, muitas vezes as pessoas não querem permitir, não é nem permitir, não querem aceitar que exista um governo progressista, que exista um governo preocupado com a gente mais pobre. E eu estou convencido, Chávez, de que essa aliança estratégica entre Venezuela e Brasil pode ajudar a Bolívia, pode ajudar o Paraguai, pode ajudar o Uruguai, pode ajudar o Equador, que são os países considerados mais pobres da nossa querida América do Sul.

Portanto, companheiro, estou muito grato que tenhas aceito o meu convite e estaremos juntos em Caracas no dia 12 de dezembro, ou um pouco mais, mas talvez dia 12 de dezembro, porque decidimos que Venezuela e Brasil irão fazer quatro reuniões por ano, duas em Caracas e duas no Brasil,

para que a gente não permita que os adversários da aliança estratégica Venezuela e Brasil interfiram nas nossas alianças com boatos. Os boatos serão dirimidos com a nossa conversa pessoal.

Muito obrigado, meu querido.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento da Agenda Social dos Povos Indígenas

São Gabriel da Cachoeira-AM, 21 de setembro de 2007

Eu quero primeiro dar os parabéns a todas as mulheres, homens e crianças que estão aqui, porque ficar esse tempo todo nesse calor, só alguém que mora em São Gabriel da Cachoeira, porque este pernambucano aqui está suando desde as 7 horas da manhã.

Segundo, quero cumprimentar o nosso querido companheiro governador Eduardo Braga,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro ministro dos Transportes, Alfredo Nascimento,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,

Quero cumprimentar o companheiro ministro da Saúde, José Temporão,

Quero cumprimentar o senador João Pedro,

Quero cumprimentar as deputadas federais Rebecca Garcia e Vanessa Grazziotin,

Quero cumprimentar o nosso general-de-brigada José Cláudio Fróes de Moraes, comandante do 2º Grupamento de Engenharia de Manaus,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito da cidade,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Márcio Augusto Freitas de Meira, presidente da Funai,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Danilo Forte, presidente da Funasa,

Quero cumprimentar o companheiro Domingos Barreto, presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro,

E quero cumprimentar a imprensa e meus caros líderes indígenas.

Quero dizer para vocês que hoje é um dia simbólico. Simbólico porque nós estamos aqui em São Gabriel da Cachoeira exatamente no dia em que se comemora o Dia da Árvore. O Dia da Árvore, a árvore tão cobiçada no século

XXI e tão destruída no século XX e no século XIX. Certamente o mundo inteiro olha para a Amazônia com inveja, porque ela é brasileira, e discute a questão climática baseado numa floresta brasileira que preservamos, até agora, 69% dela. Ao invés de ficarem de olho gordo na nossa floresta, é melhor que o mundo desenvolvido comece a plantar as árvores que eles destruíram durante tantos séculos para estabelecer o padrão de consumo que está estabelecido no mundo hoje. E eu acho que no Dia da Árvore era importante que todos nós tivéssemos consciência de que é tão simples plantar uma árvore. Se cada um plantasse uma no seu quintal, se cada um plantasse uma na rua, na frente da sua casa, quem sabe a gente pudesse fazer com que o mundo fosse muito mais tranquilo e muito melhor para sobreviver.

Mas também não é apenas o Dia da Árvore, é o dia em que o País anuncia ao mundo que água potável e saneamento básico não são mais coisas de quem mora na avenida Paulista ou na avenida Copacabana. São coisas para quem mora aqui, na cidade do interior do estado da Amazonas, e também para as comunidades indígenas. Hoje é dia da gente anunciar, em São Gabriel da Cachoeira, que é dia da reparação, da reparação do Estado brasileiro com os índios, da reparação do Estado brasileiro com os negros e da reparação do Estado brasileiro com a parte mais sofrida da população brasileira.

Eu queria dizer, meu caro prefeito, meu caro governador e meu caro general, eu fico pensando se um presidente da República não pegar um avião e vier visitar São Gabriel da Cachoeira, os problemas de vocês são tão distantes do Palácio do Planalto que dificilmente um presidente da República, que muitas vezes não recebe o índio, que muitas vezes não recebe o negro – recebe outro tipo de gente, que vai lá reivindicar outras coisas – os reais problemas do Brasil muitas vezes não aparecem. Se a gente não pega um avião e vem até aqui para ouvir da boca de vocês as suas necessidades, certamente as comunidades indígenas iriam continuar esquecidas por muito tempo.

Na verdade, durante séculos se tentou passar para a história deste País que índio era preguiçoso e não trabalhava. Durante muito tempo se tentou passar para uma parte da sociedade brasileira que índio não gostava de trabalhar, entretanto, nós temos que perguntar: Qual a chance e a oportunidade que foi dada aos índios nesses 500 anos? A primeira coisa que

os portugueses fizeram quando chegaram ao Brasil foi tentar destruir o povo que já existia neste País e que, portanto, era dono do nosso território. Depois, tentaram fazê-lo trabalhar nos trabalhos pesados como os escravos trabalharam. E quantos foram mortos e quantos foram vitimados. Graças a Deus, o nosso País tomou consciência, aprovou na Constituição de 88 normas mais duras de proteção à cultura indígena. E, agora, o nosso governo decidiu que nós temos que cuidar do índio como nós temos que cuidar dos 190 milhões de brasileiros. Não é possível uma criança indígena ser obrigada a beber água sem tratamento, do dia em que nasce ao dia em que morre. Não é possível não ter coleta de esgoto nas terras indígenas ou nas terras dos negros neste País.

Nós, com o PAC Funasa, estamos começando a virar uma página da história do Brasil, levar benefícios para as pessoas que estão mais distantes neste País, para as pessoas que moram em comunidades, para as pessoas que, muitas vezes, nunca viram uma cidade, mas não estão diminuídos por isso, porque são brasileiros iguais ao presidente da República, iguais ao governador do estado, iguais aos ministros que estão aqui, iguais ao general.

Eu sei, meu caro governador, e perguntei ao general, eu fiquei sabendo de uma história de uma hidrelétrica que começou a ser construída aqui, ainda no tempo do presidente Sarney, e essa hidrelétrica foi paralisada. Certamente as obras feitas também já se destruíram, e eu pedi tanto ao governador como ao general para que me levem esse projeto, porque se tiver possibilidade de fazer uma hidrelétrica aqui para iluminar São Gabriel da Cachoeira, nós iremos fazer essa hidrelétrica para iluminar São Gabriel da Cachoeira. Muitas vezes, nós achamos que 40, 50 milhões para fazer uma obra para favorecer os mais pobres é muito caro. Mas, muitas vezes, a gente gasta 8 bilhões para favorecer apenas meia dúzia de gente já abastada neste País.

Portanto, meu caro governador, meu caro general, vocês têm um compromisso de me levar o histórico, porque eu também vou cobrar do ministro da Justiça. Não é justo, não é humanamente correto, não é economicamente correto a região mais pobre do País ter a energia mais cara porque é termelétrica de óleo diesel. Nós sabemos que aqui, no estado do Amazonas, os rios não têm grandes quedas d'água. Portanto, se não têm grandes quedas d'água, é difícil fazer hidrelétrica, e também porque nós precisamos saber onde

fazer, porque nós temos que preservar a questão ambiental, pois essa é uma região muito nobre para o nosso País e também para o mundo. Mas é preciso que a gente discuta, governador, como resolver esse problema.

O programa Luz para Todos certamente não chegou a todas as casas, porque nós decidimos, até 2008, atender 12 milhões de brasileiros. Já atendemos quase 7 milhões de brasileiros e aqui, nesta região, às vezes levar luz a uma casa custa 2 mil e 500 dólares por uma casa apenas. Então, fica muito mais fácil fazer num grande centro urbano, porque com um poste só, a gente coloca luz na casa de 10, 15 ou 20 pessoas. Aqui, às vezes, tem que ter 100 postes para você levar 3 bicos de luz a uma casa no meio do mato. E nós iremos fazer, porque eu quero ser o presidente da República a apagar a última lamparina neste País, o último candeeiro, porque candeeiro precisa virar uma peça de museu, para os nossos filhos saberem que um dia existiu. Não é apenas aqui que no nosso quartel tem energia e na comunidade indígena não tem. Você vai a São Paulo, perto de uma grande hidrelétrica, a 800 metros tem uma vila que não tem luz elétrica. Muitas vezes, Eduardo, os governantes governam pensando o seguinte “aquela turma é muito pobre, eles são muito poucos, eles não aprenderam a reclamar, então, para que atender? Vamos deixar para o futuro”. E o futuro vai permitindo que as pessoas continuem cada vez mais pobres. Acabou. Eu digo sempre o seguinte: tem gente que diz que gosta de governar. Eu, na verdade, gosto de cuidar deste País, e cuidar deste País é cuidar das pessoas que mais precisam do Estado brasileiro. Agora, também não pode o Alfredo, cada vez que está comigo em uma obra, ficar anunciando tantas estradas assim. Vocês viram que ele já anunciou 30 milhões, já anunciou ponte, já anunciou a 307, já anunciou porto. Eu não sei, mas daqui a pouco ele vai anunciar que vai me dar um peixe pescado no Rio Negro de presente, e eu não posso aceitar, porque ambientalmente eu não quero comer peixe do Rio Negro.

O dado concreto é que foi a primeira vez que eu passei em cima daquela ponte. Foi a primeira vez. Portanto, eu disse ao Alfredo: “não é possível que a ponte que liga a cidade seja uma ponte de madeira sem-vergonha como esta”. O preço disso é quase nada e não tem explicação. Qualquer pessoa que chegar aqui vai dizer: o que este governo está fazendo?

Então, eu quero dizer a vocês que nós ainda temos 3 anos e meio de

mandato. Três anos e meio, no segundo mandato, permitem que a gente produza o dobro do que a gente produziu no primeiro, porque a gente já aprendeu, a gente já sabe onde está a burocracia que emperra as coisas, a gente já sabe onde a gente tem dificuldades. Portanto, meu companheiro governador Eduardo Braga, eu quero dizer que para mim é uma coisa extremamente prazerosa ser presidente da República junto com você, governador do estado, porque a gente pode estabelecer parceria, confiança, e fazer as coisas andarem como estão andando aqui. E também, muito importante, é o estado do Amazonas ter me dado um ministro da qualidade do companheiro Alfredo Nascimento, que tem olhado para esta região com um carinho extraordinário. Esta minha vinda aqui é uma vinda simbólica. Nós vamos visitar, Danilo, Márcio, muitas comunidades indígenas porque nós estamos anunciando água e esgoto nas comunidades indígenas. Agora, é preciso a gente ficar esperto, governador, prefeitos, Funasa, Funai e o povo, porque muitas vezes eu estou aqui anunciando, mas daqui a três meses eu pergunto, e a obra não saiu; daqui a quatro meses eu pergunto, e a obra não saiu; daqui a dez meses eu pergunto, e a obra não saiu.

Pois bem, o governador está me alegando que é preciso tomar cuidado, porque às vezes uma obra desta comunidade pode ser uma obra pequena, é uma obra muito distante que, certamente, uma empreiteira não quer fazer, porque é pouco dinheiro e muita distância. Eu quero dizer aqui: se nenhuma empreiteira quiser fazer, as nossas Forças Armadas irão fazer essas obras. Ninguém vai fazer chantagem na hora de cuidar da parte mais pobre deste País.

Portanto, eu queria pedir a vocês a compreensão, queria pedir às lideranças indígenas, queria pedir a todo mundo que ficasse de olho, porque as coisas precisam acontecer. Eu, agora, meu companheiro Domingos, volto para Brasília. Na verdade, eu não volto para Brasília, eu vou para São Paulo, domingo à noite viajo para Nova Iorque, e vou abrir, na terça-feira, o Congresso da ONU, das Nações Unidas, para falar sobre a questão climática. Agora, terça-feira, eu estarei em Brasília, e aí vou começar a andar pelo Brasil. Se vocês não ficarem de olho e se não ficarem telefonando para a Funai, para a Funasa, para mim, para os Ministérios, para dizer que as coisas não estão acontecendo, a gente também não pode adivinhar. É importante que a

sociedade fiscalize, é importante que a sociedade cobre, porque senão as coisas demoram mais para acontecer.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do Debate-Geral da 62ª Assembléia-Geral das Nações Unidas

Nova Iorque-EUA, 25 de setembro de 2007

Senhoras e Senhores chefes de Estado e de Governo,
Senhor Serjam Kerim, presidente da Assembléia-Geral das Nações Unidas,
Senhor Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas,
Senhoras e senhores delegados,

Cumprimento-o, senhor secretário-geral, por ter sido escolhido para ocupar posição tão relevante no sistema internacional.

Saúdo sua decisão de promover debates de alto nível sobre o gravíssimo problema das mudanças climáticas. É salutar que essa reflexão ocorra no âmbito das Nações Unidas.

Não nos iludamos: se o modelo de desenvolvimento global não for repensado, crescem os riscos de uma catástrofe ambiental e humana sem precedentes.

É preciso reverter essa lógica aparentemente realista e sofisticada, mas na verdade anacrônica, predatória e insensata, da multiplicação do lucro e da riqueza a qualquer preço.

Há preços que a humanidade não pode pagar, sob pena de destruir as fontes materiais e espirituais da existência coletiva, sob pena de destruir-se a si mesma. A perenidade da vida não pode estar à mercê da cobiça irrefletida.

O mundo, porém, não modificará a sua relação irresponsável com a natureza sem modificar a natureza das relações entre o desenvolvimento e a justiça social.

Se queremos salvar o patrimônio comum, impõe-se uma nova e mais equilibrada repartição das riquezas, tanto no interior de cada país como na esfera internacional.

A equidade social é a melhor arma contra a degradação do Planeta. Cada um de nós deve assumir sua parte nessa tarefa. Mas não é admissível

que o ônus maior da imprevidência dos privilegiados recaia sobre os despossuídos da Terra. Os países mais industrializados devem dar o exemplo. É imprescindível que cumpram os compromissos estabelecidos pelo Protocolo de Quioto.

Isso contudo não basta. Necessitamos de metas mais ambiciosas a partir de 2012. E devemos agir com vigor para que se universalize a adesão ao Protocolo. Também os países em desenvolvimento devem participar do combate à mudança do clima. São essenciais estratégias nacionais claras que impliquem responsabilidade dos governos diante de suas próprias populações.

O Brasil lançará em breve o seu Plano Nacional de Enfrentamento às Mudanças Climáticas. A Floresta Amazônica é uma das áreas que mais poderão sofrer com o aquecimento do Planeta, mas há ameaças em todos os continentes: elas vão do agravamento da desertificação até o desaparecimento de territórios ou mesmo de países inteiros pela elevação do nível do mar.

O Brasil tem feito esforços notáveis para diminuir os efeitos da mudança do clima. Basta dizer que, nos últimos anos, reduzimos a menos da metade o desmatamento da Amazônia. Um resultado como este não é obra do acaso. Até porque o Brasil não abdica, em nenhuma hipótese, de sua soberania e nem de suas responsabilidades sobre a Amazônia.

Os êxitos recentes são fruto da presença cada vez maior e mais efetiva do Estado Brasileiro na região, promovendo o desenvolvimento sustentável – econômico, social, educacional e cultural – de seus mais de 20 milhões de habitantes.

Estou seguro de que nossa experiência no tema pode ser útil a outros países. O Brasil propôs em Nairobi a adoção de incentivos econômico-financeiros que estimulem a redução do desmatamento em escala global.

Devemos aumentar igualmente a cooperação Sul-Sul, sem prejuízo de adotar modalidades inovadoras de ação conjunta com países desenvolvidos. Assim, daremos sentido concreto ao princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas.

É muito importante o tratamento político integrado de toda a agenda ambiental. O Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92. Precisamos avaliar o caminho percorrido e estabelecer novas linhas de atuação. Por isso, proponho a

realização, em 2012, de uma nova Conferência, que o Brasil se oferece para sediar, a Rio + 20.

Senhoras e Senhores,

Não haverá solução para os terríveis efeitos das mudanças climáticas se a humanidade não for capaz também de mudar seus padrões de produção e consumo. O mundo precisa, urgentemente, de uma nova matriz energética. Os biocombustíveis são vitais para construí-la. Eles reduzem significativamente as emissões de gases de efeito estufa. No Brasil, com a utilização crescente e cada vez mais eficaz do etanol, evitou-se, nesses 30 últimos anos, a emissão de 644 milhões de toneladas de CO₂ na atmosfera.

Os biocombustíveis podem ser muito mais do que uma alternativa de energia limpa. O etanol e o biodiesel podem abrir excelentes oportunidades para mais de uma centena de países pobres e em desenvolvimento na América Latina, na Ásia e, sobretudo, na África. Podem propiciar autonomia energética, sem necessidade de grandes investimentos. Podem gerar emprego e renda e favorecer a agricultura familiar. E podem equilibrar a balança comercial, diminuindo as importações e gerando excedentes exportáveis.

A experiência brasileira de três décadas mostra que a produção de biocombustíveis não afeta a segurança alimentar. A cana de açúcar ocupa apenas 1% de nossas terras agricultáveis, com crescentes índices de produtividade. O problema da fome no Planeta não decorre da falta de alimentos, mas da falta de renda que golpeia quase um bilhão de homens, mulheres e crianças. É plenamente possível combinar biocombustíveis, preservação ambiental e produção de alimentos.

No Brasil, daremos à produção de biocombustíveis todas as garantias sociais e ambientais.

Decidimos estabelecer um completo zoneamento agroecológico do País para definir quais áreas agricultáveis podem ser destinadas à produção de biocombustíveis. Os biocombustíveis brasileiros estarão presentes no mercado internacional com um selo que garanta suas qualidades sócio-laborais e ambientais.

O Brasil pretende organizar em 2008 uma conferência internacional sobre biocombustíveis, lançando as bases de uma ampla cooperação mundial no setor. Faço aqui um convite a todos os países para que participem do

evento.

A sustentabilidade do desenvolvimento não é apenas uma questão ambiental, é também um desafio social. Estamos construindo um Brasil cada vez menos desigual e mais dinâmico. Nosso país voltou a crescer, gerando empregos e distribuindo renda. As oportunidades agora são para todos.

Ao mesmo tempo em que resgatamos uma dívida social secular, investimos fortemente em educação de qualidade, ciência e tecnologia. Honramos o compromisso do Programa Fome Zero ao erradicar esse tormento da vida de mais de 45 milhões de pessoas. Com dez anos de antecedência, superamos a primeira das Metas do Milênio, reduzindo em mais da metade a pobreza extrema no nosso País.

O combate à fome e à pobreza deve ser preocupação de todos os povos. É inviável uma sociedade global marcada pela crescente disparidade de renda. Não haverá paz duradoura sem a progressiva redução das desigualdades.

Em 2004, lançamos a Ação Global contra a Fome e a Pobreza. Os primeiros resultados são animadores, principalmente a criação da Central Internacional de Compra de Medicamentos.

Meus amigos e minhas amigas,

A Unitaid já conseguiu reduções de até 45% nos preços dos medicamentos contra a Aids, a malária e a tuberculose destinados aos países mais pobres da África. É hora de dar-lhe um novo impulso. Idéias que tanto mobilizaram nossos povos não podem perder-se na inércia burocrática.

Mas a superação definitiva da pobreza exige mais do que solidariedade internacional. Ela passa, necessariamente, por novas relações econômicas que não penalizem os países pobres.

A Rodada de Doha da OMC deve promover um verdadeiro pacto pelo desenvolvimento, aprovando regras justas e equilibradas para o comércio internacional.

São inaceitáveis os exorbitantes subsídios agrícolas, que enriquecem os ricos e empobrecem os mais pobres. É inadmissível um protecionismo que perpetua a dependência e o subdesenvolvimento. O Brasil não poupará esforços para o êxito das negociações, que devem beneficiar sobretudo os países mais pobres.

Senhor Presidente, senhor Secretário-Geral,

A construção de uma nova ordem internacional não é uma figura de retórica, mas um requisito de sensatez. O Brasil orgulha-se da contribuição que tem dado para a integração Sul-Americana, sobretudo no Mercosul.

Temos atuado para aproximar povos e regiões, impulsionando o diálogo político e o intercâmbio econômico com os países árabes, africanos e asiáticos, sem abdicar de nossos parceiros tradicionais.

Criamos – Brasil, África do Sul e Índia – um foro inovador de diálogo e ação conjunta, o IBAS. Temos realizado inclusive projetos concretos de cooperação em diversos países, a exemplo do que fizemos no Haiti e em Guiné-Bissau.

Todos concordamos ser necessária uma maior participação dos países em desenvolvimento nos grandes foros de decisão internacional, em particular o Conselho de Segurança das Nações Unidas. É hora de passar das intenções à ação.

Notamos, com muito agrado, as recentes propostas do presidente Sarkozy, de reformar o Conselho de Segurança, com a inclusão de países em desenvolvimento. Igualmente necessária é a reestruturação do processo decisório dos organismos financeiros internacionais.

Senhor Presidente,

As Nações Unidas são o melhor instrumento para enfrentar os desafios do mundo de hoje. É no exercício da diplomacia multilateral que encontramos os meios de promover a paz e o desenvolvimento.

A participação do Brasil, em conjunto com outros países da América Latina e do Caribe, na Missão de Estabilização no Haiti simboliza nosso empenho de fortalecer o multilateralismo. No Haiti, estamos mostrando que a paz e a estabilidade se constroem com a democracia e o desenvolvimento social.

Senhoras e Senhores,

Ao entrar neste prédio, os delegados podem ver uma obra de arte presenteada pelo Brasil às Nações Unidas há 50 anos. Trata-se dos murais “Guerra” e “Paz”, pintados pelo grande artista brasileiro Cândido Portinari. O sofrimento expresso no mural, que retrata a guerra, nos remete à alta responsabilidade das Nações Unidas de afastar o risco de conflitos armados.

O segundo mural revela que a paz vai muito além da ausência da guerra. Pressupõe bem-estar, saúde e um convívio harmonioso com a natureza. Pressupõe justiça social, liberdade e superação dos flagelos da fome e da pobreza.

Não é por acaso que o mural "Guerra" está colocado de frente para quem chega, e o mural "Paz", para quem sai. A mensagem do artista é singela, mas poderosa: transformar aflições em esperança, guerra em paz, é a essência da missão das Nações Unidas.

O Brasil continuará a trabalhar para que essa expectativa tão elevada se torne definitivamente realidade.

Muito obrigado.



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do Programa Social de Inclusão da Pessoa com Deficiência

Palácio do Planalto, 26 de setembro de 2007

Companheiro vice-presidente da República, José Alencar,

Companheiros ministros de Estado Paulo Vannuchi, da Secretaria Especial de Direitos Humanos; Fernando Haddad, da Educação; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu companheiro Alexandre Baroni, presidente do Conad, Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência,

Companheira Izabel Maior, coordenadora nacional para Integração da Pessoa com Deficiência,

Senadores João Durval e Neuto de Conto,

Deputados federais Ângelo Vanhoni, Dr. Ubiali, Eduardo Barbosa, Janete Rocha Pietá, Otávio Leite, Raquel Teixeira, Talmir Rodrigues, Natan Donaton,

Meu querido Paulo Santos Ramos, nosso querido vencedor da primeira Olimpíada da Matemática realizada nas escolas públicas brasileiras,

Senhores,

Companheiros e companheiras atletas do Parapan, meus parabéns pelo orgulho,

Meus amigos e minhas amigas,

Em primeiro lugar, quero dizer que o anúncio do Programa Social de Direitos das Pessoas com Deficiência faz do Brasil hoje um país melhor do que ontem. Este programa vem acompanhado de um plano de ação interministerial



com recursos adequados. E aqui é importante salientar, quando falamos recursos adequados, é porque estamos, de uma vez por todas, terminando no governo com a idéia de que o dinheiro utilizado para essas coisas são gastos e não investimentos. Nós sabemos que na hora em que vocês puderem exercer condignamente a cidadania plena de vocês, o retorno que vocês darão ao País será infinitamente maior do que o País está investindo hoje.

Tenho a convicção de que estamos oferecendo aos brasileiros de todos os credos, de todas as filiações políticas e de todas as etnias, uma razão bastante forte para sentir orgulho da sociedade à qual pertencem e do desenvolvimento que juntos estamos construindo.

Um projeto de desenvolvimento, minhas senhoras e meus senhores, pode ser avaliado por diferentes indicadores mas, certamente, o mais rigoroso, o mais abrangente e o mais justo deles mede a atenção que a sociedade e o Estado dispensam ao seus segmentos mais frágeis e destituídos.

Ao transformar em obrigação constitucional um elenco de direitos que beneficiará mais de 24 milhões e 500 mil portadores de deficiências, estamos qualificando, e muito, a natureza do desenvolvimento que queremos para o Brasil no século XXI.

Assinamos o decreto sobre o Benefício da Prestação Continuada, beneficiando os portadores de deficiências, e um programa nacional de acompanhamento das ações dirigidas aos beneficiários do BPC e suas respectivas famílias no âmbito do SUAS, que é o nosso Sistema Único de Assistência Social.

O que estamos anunciando hoje é uma ampliação dos direitos humanos em nossa sociedade, é a incorporação de uma indiscutível obrigação republicana por parte de um governo orientado pelo humanismo e pela democracia social.

Quando um cidadão ou uma cidadã vulnerável é ignorado pelo Estado e abandonado pela comunidade, é preciso sacudir o sono da razão e providenciar uma reafirmação da responsabilidade pública e da solidariedade humana, para redimir quem não ouve, quem não vê e não sabe estender as



mãos aos que mais necessitam do amparo coletivo.

A tarefa mais difícil de um processo de desenvolvimento, meus amigos e minhas amigas, é criar valores. Não aqueles da contabilidade convencional, mas os valores da convivência democrática que se perpetua em instituições justas e pavimenta o caminho de uma cidadania mais ativa e virtuosa.

Nos últimos anos, o Brasil incorporou essa dimensão superior do crescimento. As decisões hoje anunciadas confirmam a solidez desse reencontro com uma linhagem de desenvolvimento comprometida com os interesses mais amplos do nosso povo, freqüentemente esquecida nos ciclos de crescimento do passado. Não podemos desperdiçar, de modo algum, esse momento tão sólido e auspicioso que o Brasil está vivendo. Uma notável renovação econômica desfila diante dos nossos olhos e devolve um sentido de esperança à vida do nosso povo.

No ano passado, a renda do trabalhador brasileiro teve o crescimento mais alto dos últimos 11 anos. Em todo o País, a parcela destinada aos mais pobres cresceu acima da média nacional com um salto da ordem de 9%. O salário mínimo teve um ganho real de mais de 25% em nosso primeiro mandato. A descentralização da riqueza reduziu a desigualdade e reconciliou o Brasil com a força do seu mercado interno de massa.

O crédito popular bate recorde a cada dia. O financiamento imobiliário é o maior das últimas décadas e a economia cresce puxada, sobretudo, pelo investimento produtivo. Um canteiro de obras está sendo semeado no País com o PAC. O Estado brasileiro voltou a investir na infra-estrutura nacional, que durante décadas cresceu abaixo da expansão, já medíocre, da nossa economia.

Os desdobramentos são cada vez mais evidentes. Em apenas um ano, de 2005 a 2006, 6 milhões de pessoas deixaram a linha da pobreza, o que faz do Brasil, hoje, um país menos desigual do que em todas as últimas décadas. A taxa de desemprego é a menor desde 1997. Este ano, já criamos mais de 1 milhão e 350 mil empregos com carteira assinada, gerando um impacto regenerador nas contas da nossa Previdência. As receitas do sistema batem



registres sucessivos, registrando-se, em agosto, o menor déficit previdenciário do Brasil desde os anos 90.

Não suprimimos as pensões da Lei Orgânica de Assistência Social, como queriam alguns, não cortamos a aposentadoria dos idosos do campo, como aconselhavam outros. Não deixamos de repassar integralmente o valor do salário mínimo aos aposentados humildes. O que fizemos foi acionar a alavanca que faltava para a economia brasileira voltar a crescer, reduzir a desigualdade e gerar receita para o Estado honrar suas obrigações sociais e democráticas. Onde havia um abismo social intransponível, erguemos uma ponte de compromissos e abrimos uma avenida de direitos. Os 11 milhões de brasileiros e brasileiras, que viviam na prática como se estivessem fora do País, hoje têm rosto, são ouvidos e participam do mercado, beneficiando toda a sociedade brasileira.

Uma transformação como essa não é obra do acaso. Nenhum vento é bom quando um governo não sabe onde quer chegar. Nós tínhamos um rumo e a nossa bússola permanece a mesma a guiar o leme do Estado brasileiro. Estamos promovendo uma das maiores sementeiras de direitos que já se fez na história deste País. Um verdadeiro renascimento social do povo brasileiro, não apenas pela sua intensidade e abrangência mas, sobretudo, pelo discernimento popular que ele desencadeou e que se alarga e se desdobra numa espiral irreversível de cidadania. Podemos dizer, sem medo de errar, que esse impulso carrega a força libertadora de uma segunda abolição na vida do nosso País. Incorporar os portadores de deficiência a essa dinâmica não é apenas mais um leque de oportunidades que se abre, é o imperativo da consciência humanista na qual se funda o nosso governo. Nossa rota é a construção neste País de uma democracia cada vez mais forte e profunda, com plena justiça social.

Foi essa consciência que nos levou a assinar a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, uma magistral arquitetura de humanismo e diplomacia, construída pela ONU com a participação direta da representação brasileira.



Endossamos, de maneira integral, o protocolo que determina o monitoramento das obrigações do Estado com os portadores de deficiência. É esse compromisso que estamos enviando à apreciação do Congresso Nacional e, temos certeza, ele será incorporado rapidamente à Constituição como mais um alicerce da cidadania no mapa político nacional.

Nossa responsabilidade, porém, não termina aí. Todos sabemos que não adianta criar direitos sem definir recursos, razão pela qual estamos anunciando também uma ação interministerial dotada de recursos para materializar esses projetos o mais rápido possível.

Entre outras medidas, nas áreas da saúde, do transporte, da habitação e da educação, estão previstas a implementação da Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência, além da construção de 6 mil salas de aula especiais, como já foi dito aqui pela Izabel, até 2010, e a formação de 20 mil professores por ano para atender à demanda por educação especial em todo o Brasil.

A solidariedade, meus amigos e minhas amigas, sempre foi vista como um apelo externo à dinâmica do desenvolvimento brasileiro. Hoje, ao contrário, ela emerge como a grande força unificadora de nossa sociedade, capaz de instaurar uma nova dinâmica de crescimento na qual o destino de cada brasileiro será uma parte relevante do destino de toda a Nação.

Meu caro companheiro Paulo Vannuchi, meu caro Alexandre Baroni, minha querida Izabel Major, ministros, companheiro José Alencar, companheiros e companheiras portadores de deficiência, familiares,

O Brasil é detentor de uma dívida social tão imensa, acumulada ao longo de séculos, que toda vez que nos dispomos a fazer o pagamento dessa dívida, nós percebemos que não é possível pagar o que não foi feito durante séculos ou décadas em apenas um mandato presidencial.

O que nós estamos fazendo, meu querido companheiro Vanhoni, meu querido companheiro Marcos Frota, é colocando tijolo sobre tijolo em cima de um alicerce muito sólido, de uma casa que não vai cair com o maremoto, que não vai cair com o furacão, que não vai cair por obra do acaso de qualquer



governante que vier depois de nós, porque a parede e o alicerce, o madeiramento e o telhado estão sendo construídos para que seja uma obra duradoura, para todo o sempre, e não uma obra passageira de um mandato presidencial.

Eu tenho certeza, meus caros senadores e deputados, que quando essa mensagem chegar ao Congresso Nacional, vocês irão olhar cada artigo do projeto que nós encaminhamos, com os olhos, com a consciência política e jurídica de cada um de vocês. Mas um projeto como este precisa ter uma pitadinha de participação do nosso lado humanista, precisa ter a participação de uma pitadinha do nosso coração, porque só a razão não responde a todos os anseios que essa gente espera do Estado e do governo brasileiro.

Eu estou convencido de que nós temos possibilidade de melhorar a cada ano. Melhorar, não por que de repente o governo descobre que tem que fazer uma coisa. Melhorar, a partir do momento em que vocês descobrem que adquiriram consciência e que podem reivindicar um pouco mais, que podem exigir um pouco mais e, portanto, podem conquistar um pouco mais.

Vocês sabem que eu estava vendo o Paulinho Vannuchi falar, o Baroni, a Izabel, e eu estava pensando. A Lei nós já temos, a Lei que garante que um determinado percentual das vagas oferecidas nas empresas privadas e nos governos seja de pessoas portadoras de deficiência. A pergunta que eu me faço, Paulinho, é se nós mesmos estamos cumprindo isso. Essa é uma pergunta que me inquieta, porque se eu não sou capaz de educar a minha família, muito mais difícil será eu tentar educar a família dos outros. Então, Paulinho, o que eu queria determinar a você, não é nem pedir, à Izabel e ao Alexandre, é que vocês façam uma operação pente fino, porque na hora em que nós formos conversar com os governos estaduais, na hora em que nós formos conversar com o sindicato, na hora em que nós formos conversar com o Poder Legislativo, que também deve ter a sua cota de contratação de pessoas portadoras de deficiência, se cada um de nós fizer nada mais do que apenas a lição de casa, certamente nós conquistaremos a autoridade moral e política para exigir que aqueles que hoje não cumprem, possam fazer a lei.



Qual é a determinação Paulinho? A determinação é de que o Conade, a Secretaria dos Direitos Humanos e a nossa coordenadora nacional, a nossa companheira Izabel Major, façam uma blitz, a começar pelo Palácio do Planalto, e depois em cada Ministério, de quantos portadores trabalham dentro do Palácio do Planalto, quantos portadores trabalham em cada Ministério, porque na hora em que a gente cumprir com a nossa obrigação, certamente nós teremos muito mais autoridade moral para exigir que cada cidadão brasileiro cumpra com a sua.

Eu penso, Paulinho, que este é um trabalho que precisa começar amanhã, porque antes de vir para cá, eu perguntei a um dos meus assessores quantos portadores de deficiência têm dentro do Palácio do Planalto. Ninguém sabia responder, certamente porque não tem, porque se tivesse saberiam, e aqui nós poderíamos perguntar quantos jornalistas portadores de deficiência tem no Brasil. Certamente nenhum. Eu nunca vi um fotógrafo, eu nunca vi um jornalista. Nós temos um presidente da República que tem uma pequena deficiência, mas que não é necessariamente impeditiva de exercer o mandato.

Eu acho, Paulinho, que é preciso a gente fazer isso com muita seriedade, porque uma das coisas que eu gostaria, ao terminar o meu mandato em 2010, Paulinho, é ter cumprido com o processo de reparação que este País tem que fazer. Muitas vezes as pessoas ficam incomodadas, eu sei que ficam incomodadas: “Ah, esse governo fica se preocupando com quilombolas, fica se preocupando com índios, com portadores, e tem outras coisas para se preocupar”. Porque muitas vezes, o povo não é contabilizado na escala das decisões políticas deste País. E para nós, cada ser humano vivo, independentemente da sua origem social, independentemente da sua formação profissional, independentemente do seu conhecimento intelectual, da sua religião, da sua cor, do seu tamanho, todos nós temos que tratá-lo com dignidade, porque o PAC aqui chama-se, na verdade... Esse PAC orna bem, que é um Programa de Aceleração da Cidadania neste País.

Eu quero dizer para vocês que essa reparação se faz necessária, porque senão o Brasil nunca será um país justo. E eu sei que a gente não vai



conseguir fazer tudo, eu sei que eu não comecei e eu sei que eu não vou terminar, Paulinho, mas eu quero ter a consciência tranqüila de que no nosso mandato nós fizemos o que era possível, e até quase o impossível, para que a gente pudesse aperfeiçoar as conquistas da sociedade brasileira. E isso só é possível porque nesses quatro anos e meio nós já fizemos 47 conferências nacionais de todos os segmentos da sociedade.

Eu tenho consciência de que com o pacto que nós fizemos para os direitos da mulher, a mulher brasileira vai conquistar muita coisa a partir da execução desse PAC. Nós estamos oferecendo um programa, na verdade, para 3 anos e 6 meses. Nós queremos chegar até 2010 com essas coisas consolidadas, e eu tenho certeza de que o Congresso cumprirá a sua parte, as câmaras de vereadores, o município precisa cumprir com a sua parte, as prefeituras precisam cumprir com a sua parte, os sindicatos podem cumprir com a sua parte, os empresários podem cumprir com a parte deles, mas quem tem a responsabilidade de dar o exemplo maior é o Estado brasileiro.

Por isso, Paulinho, vamos à luta e vamos fazer o governo cumprir com a sua obrigação.

Um abraço, boa sorte e que Deus nos abençoe.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do canal de notícias Record News

São Paulo-SP, 27 de setembro de 2007

Eu quero cumprimentar o Governador, o Prefeito,
Cumprimentar a direção da Record,
Os jornalistas,
Os convidados,

E dizer a todos vocês: a estréia do Canal Record News representa um grande momento para a história da televisão brasileira e contribui para que os cidadãos exerçam aquele que é um de seus mais sagrados direitos democráticos: o acesso à informação.

Digo isso porque, pela primeira vez no Brasil, uma empresa de comunicação está encarando os muitos desafios de levar a toda a população, de forma gratuita, algo que só existia na TV por assinatura: um canal com vinte e quatro horas diárias de jornalismo.

O maior dos desafios do jornalismo continua sendo o mesmo desde o tempo dos primeiros jornais, impressos nas antigas tipografias, até a era da revolução digital em que vivemos. Estou falando da missão de informar com independência, precisão, imparcialidade e equidade, de respeitar a pluralidade de opiniões, de permitir o direito ao contraditório. De reconhecer os temas que realmente mais interessam a toda a sociedade e saber noticiá-los com a devida importância.

Graças a um enorme esforço e sacrifício de tantos que lutaram pela democracia no Brasil, hoje a imprensa conta com plena liberdade para exercer sua missão. E a Constituição e as leis garantem a livre atuação dos meios de comunicação. A essas garantias institucionais se soma o firme compromisso do governo de não permitir qualquer tipo de cerceamento ao exercício da liberdade de imprensa no nosso País.

Minhas amigas e meus amigos,

Os cidadãos estão cada vez mais exigentes e críticos. O público não mais

absorve passivamente as informações e opiniões divulgadas pelos meios, exerce seu direito de questionar o que chega às telas de seus televisores e exige ver suas demandas e seus anseios representados nos meios de comunicação.

Estou certo de que todos os envolvidos na criação e na operação do Record News têm a competência e a dedicação necessárias para continuar trabalhando em prol do avanço e da maior democratização da comunicação no Brasil. Trabalhando para levar aos brasileiros e brasileiras, de forma independente e equilibrada, as informações e os debates mais relevantes para o presente e o futuro da sociedade. E para refletir, em sua programação jornalística, toda a pluralidade de pontos de vista e de ideais presentes em nossa imensa Nação.

Toda vez que eu participo da inauguração de uma televisão, ou de um jornal, ou de uma rádio, seria importante que todos nós pudéssemos dizer uma frase que, para mim, cala muito fundo. Poderíamos dizer: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita do Presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev
Palácio do Planalto, 27 de setembro de 2007**

Excelentíssimo senhor presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev,

Senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,

Senhoras e senhores ministros do Cazaquistão,

Senhores ministros do Brasil,

Parlamentares aqui presentes,

Senhoras e senhores integrantes da delegação do Cazaquistão,

É uma especial satisfação acolher o presidente Nazarbayev aqui em Brasília.

A primeira visita de um chefe de Estado do Cazaquistão ao Brasil representa um marco histórico nas relações entre dois povos que estão começando a se conhecer melhor.

Num mundo cada vez mais globalizado, estamos encurtando distâncias, descobrindo afinidades e explorando possibilidades de cooperação. Somos dois países que estão forjando seu futuro, dois povos determinados a traçar soberanamente seus destinos.

Foi com essa visão que o presidente Juscelino Kubitschek superou os obstáculos à construção de Brasília. Com isso, reorganizou o espaço nacional e mudou a história do Brasil.

O presidente Nazarbayev teve igual coragem de fundar uma nova capital para o seu país. Compreendeu a importância de levar a sede das decisões políticas para o interior, incorporando imensos espaços territoriais ao convívio nacional.



A integração que nossos países estão forjando valoriza e multiplica a rica diversidade de nosso patrimônio como nação. Abrigamos numerosas etnias, idiomas e religiões. A harmonia entre os mais diferentes credos e culturas somente é possível em países onde prevaleçam a tolerância e a solidariedade.

Caro presidente Nazarbayev,

A visita de Vossa Excelência nos brinda oportunidade extraordinária para consolidar uma relação que já dá fortes sinais de seu potencial. Estamos colhendo os frutos de parceria lançada com a visita da primeira missão comercial brasileira ao Cazaquistão, em 2005. Nossas trocas vem crescendo de forma sustentada e equilibrada, assegurando geração de renda e de empregos nos dois países.

Foi com esse objetivo que assinamos o Acordo Bilateral de Cooperação Econômica. Ele abre oportunidades inovadoras para juntarmos capacidade técnica e objetivos estratégicos no desenvolvimento de projetos conjuntos.

Há amplas oportunidades de colaboração em agricultura e pecuária. Mas é no campo da energia que as perspectivas são especialmente promissoras para as duas economias em franco processo de desenvolvimento.

Basta recordar que o Cazaquistão possui vultosas reservas de combustíveis fósseis – a sétima maior reserva de petróleo e a sexta maior reserva de gás. A Petrobras, por sua vez, detém reconhecida experiência no campo da prospecção, produção e distribuição.

Senhoras e senhores,

O presidente Nazarbayev e eu acabamos de participar da Assembléia Geral da ONU. Os temas da mudança climática e da segurança energética estão na ordem do dia.

Reiterei hoje, ao presidente Nazarbayev, o que tive a oportunidade de expor em Nova Iorque, sobre a experiência do programa brasileiro de biocombustíveis. Expliquei como o etanol e o biodiesel podem ajudar a combater o aquecimento global, reduzindo as emissões de gás carbônico.



O Cazaquistão apresenta todas as condições para tornar-se um parceiro privilegiado do Brasil na revolução dos combustíveis verdes. Contamos com seu país para, juntos, oferecermos resposta a dois dos principais desafios do século XXI: desenvolvimento sustentável dos países mais pobres e contenção da mudança do clima.

É com o mesmo espírito de solidariedade que estamos trabalhando esforços em outros temas prioritários da agenda global. Acreditamos no multilateralismo e na importância de instituições internacionais fortalecidas e representativas.

Coincidimos sobre a urgência de uma reforma das Nações Unidas, em particular a necessidade de ampliação do número de membros permanentes do Conselho de Segurança. O valioso apoio do Cazaquistão ao ingresso do Brasil nos orgulha e nos estimula a perseverar, com renovada confiança, nessa aspiração.

Senhoras e senhores,

A visita do presidente Nazarbayev ao Brasil é também a primeira de um Chefe de Estado da Ásia Central a um país da América Latina.

As rotas comerciais da Ásia Central aproximaram os quatro cantos do mundo antigo, pelos caminhos percorridos pelos mercadores e exploradores. Herdeiro dessa tradição, o Cazaquistão representa, hoje, ponto de encontro entre povos e de diálogo entre culturas.

A localização privilegiada do Cazaquistão, no epicentro da Eurásia, explica a decisão de abrir, em Astana, em 2006, a primeira embaixada brasileira residente na Ásia Central.

Num mundo marcado por turbulências políticas e a ameaça do armamentismo, ganha especial transcendência o fato de o Cazaquistão ter sido o primeiro país a desarmar unilateralmente seu arsenal nuclear. Esse desprendimento fez da Ásia Central, assim como a América Latina, região livre de armas nucleares.

Foi, portanto, com especial deferência e atenção que a comunidade



internacional escutou o presidente Nazarbayev, em seu discurso na ONU, exortar os países nuclearmente armados a seguir o exemplo cazaque na eliminação ou redução dos arsenais nucleares e no apoio à não-proliferação.

O apego ao diálogo e à cooperação solidária também une nossos dois países na defesa de um sistema mundial de comércio mais justo. A rápida conclusão de seu processo de acesso à OMC permitirá ao Cazaquistão juntar-se na luta por uma rápida e bem-sucedida conclusão das negociações multilaterais na Rodada Doha.

Meu caro presidente Nazarbayev,

Em 1991, o Brasil foi o quarto país no mundo a reconhecer a independência cazaque. Já então tínhamos consciência da importância de acolher, como irmã e amiga, a nação que nascia para a independência e o desenvolvimento no coração do continente asiático.

Os acordos que assinamos, hoje, nos campos político, consular, econômico e de cooperação técnica bem simbolizam o quanto nossa parceria já avançou e o amplo potencial a nossa frente. Outros projetos em andamento, nas áreas cultural, ambiental e educativa, também apontam para nossas complementaridades.

É um prazer poder receber um líder cuja trajetória pessoal tem tantas afinidades com minha própria história política. No passado, trabalhamos na indústria metalúrgica. Agora, à frente de nossos governos, enfrentamos os desafios do desenvolvimento econômico, da inclusão social e da democracia política.

Sabemos que o trabalho e a cooperação são chave para avançar e alcançar resultados individuais e coletivos, para fazer o justo e o melhor para nossos povos.

É com esse espírito de otimismo que peço a todos os presentes que ergam suas taças pela saúde e felicidade pessoal de Vossa Excelência e pela amizade e prosperidade dos povos cazaque e brasileiro.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade comemorativa dos 110 anos da fundação da Academia Brasileira de Letras

Rio de Janeiro-RJ, 28 de setembro de 2007

Excelentíssimo senhor Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,
Deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Professor Marcos Vinícios Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras,

Senhor Juca Ferreira, ministro interino da Cultura,
Senhor Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro e amigo ex-presidente da República, senador e decano desta Academia, nosso querido José Sarney,

Meu caro ministro Marco Aurélio de Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal,

Engenheiro Eduardo Arantes Romano de Oliveira, presidente da Academia das Ciências de Lisboa,

Doutor Cícero Sandroni, secretário-geral da Academia Brasileira de Letras,

Senhoras e senhores acadêmicos,

Senhores agraciados com a Medalha João Ribeiro,

Senhoras e senhores – eu não vou dizer senhoras meninas porque pode ter algum acadêmico ciumento, e isso tem um preço muito grande na política brasileira.

Minhas primeiras palavras são de felicitações à Academia Brasileira de Letras pelos seus 110 anos de fecunda existência. É com muita alegria que visito a casa de Machado de Assis e participo, ao lado de tantos dos nossos maiores escritores, das comemorações desta data marcante para a Instituição e para o nosso País.

Em seu discurso de posse, o conterrâneo e presidente Marcos Vilaça

definiu com elegância e clareza a elevada missão da Academia Brasileira de Letras. Dizia ele: “Preservar e valorizar a memória nacional; a língua como instrumento de conhecimento e da convivência; as letras como reveladoras e formadoras da identidade nacional; a cultura preservada e habilmente inserida em processo civilizatório caracteristicamente brasileiro”.

Devemos, por dever de justiça, acrescentar que a Academia, coerente com tais desígnios, constitui um exemplo de convívio plural, democrático e tolerante, e mais do que isso, criador, entre espíritos singulares, doutrinas diferenciadas e pensamentos não raro contrastantes. Constitui um exemplo precioso – nesse mundo contemporâneo de sectarismos e fundamentalismos – de um permanente exercício da unidade na diversidade, em prol da liberdade intelectual e artística.

Foi assim que, ao longo de sua história, a Academia Brasileira de Letras prestou inestimáveis serviços à língua portuguesa e à literatura brasileira, bem como ao diálogo aberto e instigante do Brasil com o mundo, sempre fiel ao legado de seu primeiro presidente, profundamente brasileiro e universal a um só tempo. É impossível mencionar, em breve discurso, senão genericamente, tudo o que a Academia Brasileira de Letras já fez pela língua, literatura e cultura brasileiras, com suas pesquisas, publicações, resgate e preservação de acervos, cursos, seminários, conferências, prêmios, acordos internacionais e tantas outras iniciativas.

Sei que temos – a Academia Brasileira de Letras e o governo –, entre outras preocupações convergentes, um importante objetivo comum: difundir cada vez mais o livro e a literatura no País. Por isso, quero compartilhar com as senhoras e os senhores os esforços que estamos fazendo nessa perspectiva.

Nosso propósito é implantar uma política de Estado para o livro e a leitura, construída em diálogo com a sociedade, que transcenda este ou aquele governo e garanta programas permanentes e ações continuadas de fomento ao setor. Trata-se de superar a fase das medidas localizadas e fragmentárias, somar esforços do setor público e privado, e dos diferentes níveis de governo, para permitir um verdadeiro salto qualitativo no enfrentamento desse desafio.

As nossas ações e políticas foram baseadas em cinco critérios estabelecidos pela Unesco: o livro deve ocupar destaque no imaginário nacional, sendo dotado de forte poder simbólico e valorizado por amplas faixas

da população. Devem existir famílias leitoras, cujos integrantes se interessem vivamente pelos livros e compartilhem práticas de leitura, de modo que as gerações já maduras e as novas gerações se influenciem mutuamente e construam representações afetivas em torno da leitura. Deve haver escolas que saibam formar leitores, valendo-se de mediadores bem-formados (professores, bibliotecários) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade. Deve ser garantido o acesso ao livro, com a disponibilidade de um número suficiente de bibliotecas e livrarias.

Em 2003, tive a honra de sancionar a Lei do Livro, projeto de autoria do senador José Sarney, do nosso querido José Sarney e ilustre integrante desta Casa. Desde 2004, isentamos completamente de tributos federais a publicação de livros. Essas medidas resultaram de debates com escritores, editores, distribuidores, livreiros e outros segmentos dessa cadeia produtiva, além da participação de variados setores da sociedade civil.

Outro passo importante foi a criação, em 2006, do Plano Nacional do Livro e Leitura, que articula e sistematiza dezenas de ações, projetos e programas de incentivo à leitura em todas as regiões do País. No dia 4 de outubro, vamos anunciar outras medidas referentes ao Programa Nacional do Livro e Leitura. Destaco apenas uma, que me é particularmente cara: zerar o número de municípios brasileiros sem bibliotecas – e não estamos longe de obter essa conquista. Em 2003, havia 1.173 municípios sem bibliotecas. Hoje, este número caiu para 613 e queremos chegar em 2008 com pelo menos uma biblioteca instalada em cada cidade brasileira.

Por outro lado, já adotamos importantes medidas em relação ao livro didático. Em 2004, os alunos do ensino médio também foram incluídos no Programa Nacional do Livro Didático. Só neste ano, foram comprados mais de 18 milhões de exemplares de livros de biologia, química, português, matemática e história. No próximo ano, vamos adquirir também os de física e geografia, completando a grade curricular. Para os alunos do ensino fundamental, compramos 110 milhões de exemplares para a distribuição no ano que vem. Esses números colocam o Brasil como o maior comprador mundial de livros didáticos.

Pela primeira vez, distribuimos livros para os alunos deficientes. Compramos obras em libras para surdos-mudos e em braile. Distribuimos livros

paradidáticos. Também, pela primeira na nossa história, 5 milhões de crianças até seis anos de idade, matriculadas em 85 mil escolas públicas de ensino infantil, terão acesso gratuito a livros de literatura.

Além disso, para atender as exigências do Plano de Desenvolvimento da Educação, o Ministério da Educação ampliou o atendimento ao Programa Nacional de bibliotecas escolares. Com isso, 30 milhões de alunos brasileiros serão beneficiados com a aquisição de novas obras literárias e de interesse geral.

Essas e outras iniciativas que temos adotado expressam o sonho de tantos homens e mulheres que vieram antes de nós e que dedicaram suas vidas à causa da democratização do acesso ao livro e à leitura. Tão importante quanto a justa distribuição dos bens materiais é a partilha eqüitativa da riqueza cultural dos povos. Que todos possam beneficiar-se das oportunidades de conhecimento e prazer que as obras artísticas propiciam.

Quero aqui renovar meus agradecimentos ao presidente Marcos Vilaça e a todos os acadêmicos pelo privilégio de estarmos juntos nesta ocasião tão especial e faço votos de que esta Casa prossiga a sua trajetória vitoriosa, alimentando com talento e humanismo a nossa vida espiritual e civil.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu queria terminar, meu caro presidente Marcos Vilaça, contando uma pequena história. Em 2004, eu tive contato pela primeira vez com o Instituto de Matemática do Brasil e tive contato então com os alunos que tinham participado da Olimpíada da Matemática. Em 2004, nós tínhamos apenas 278 mil alunos, aproximadamente, quase todos de escolas particulares, que participaram da Olimpíada da Matemática. Eu então sugeri ao ministro Tarso Genro, que naquele momento exercia o Ministério da Educação, que era importante que nós estendêssemos a Olimpíada da Matemática para a escola pública. Vocês sabem que aqui no Brasil toda vez que a gente fala de coisa pública há muita gente que desdenha e diz que não vale a pena. Não foram poucos os que me disseram, dona Marli, que a gente não deveria fazer, porque criança pobre não ia se interessar em participar da Olimpíada da Matemática. Abrimos as inscrições, em 2004. Em 2005, inscreveram-se 11 milhões de crianças. Dessas 11 milhões de crianças que se inscreveram, 10 milhões e meio participaram. E a criança que ganhou é um adolescente de 16 anos de

idade, com deficiência visual, deficiência auditiva e vive em uma cadeira de rodas. Ganhou o primeiro lugar entre 10 milhões e meio de alunos.

2006 era um ano de eleições. A Justiça Eleitoral, meu caro ministro Marco Aurélio, não permitiu que nós fizéssemos propaganda da Olimpíada da Matemática, sequer colocássemos um cartaz na escola convocando os alunos. Então, imaginávamos que ia ser um fracasso total. Abrimos as inscrições. Em vez dos 11 milhões que se inscreveram em 2006, inscreveram-se 14 milhões e meio de crianças em 2006, sem nenhuma propaganda no rádio, na televisão ou, quem sabe, nas escolas. A propaganda era na geladeira, as mães colocando lá para os filhos se inscreverem. Pois bem. Abrimos, outra vez, em 2007. Este ano se inscreveram 17 milhões e 300 mil crianças para participar das Olimpíadas.

O que eu quero dizer aqui, presidente Marcos Vilaça, é que para o próximo ano, se Deus quiser, nós vamos fazer a primeira Olimpíada de Português neste País, para despertar. Eu tenho certeza de que a Olimpíada de Português vai despertar na criança mais paixão do que despertou a Olimpíada da Matemática e, quem sabe, nós poderemos colher, num futuro bem próximo, aquilo que é um sonho de todos que freqüentam a Academia, ou de todos que freqüentam a Universidade, ou de todos que aprenderam a ler: fazer com que o povo brasileiro possa ler um pouco mais, possa adquirir os livros. Quando nós desoneramos os livros, nos imaginávamos que ia cair o preço do livro, e não caiu. Não caiu porque certamente aumentou o lucro das editoras. Mas é uma questão, Sarney, que a sua lei, nós ainda precisamos aprimorá-la, para que a gente possa atingir os objetivos da própria lei, que era reduzir o preço do livro.

Uma coisa extremamente importante que está acontecendo no País, e hoje nós estamos vendo as pessoas ficarem convencidas disso, é que já não se fala mais em gasto quando nós falamos em dinheiro para educação. Um dos grandes problemas do País sempre foi esse. Todas as vezes que se quer fazer investimento em alguma coisa que não seja o tradicional, as pessoas começam a dizer que o governo está gastando demais, e o governo, inibido, não faz aquilo que precisa fazer.

Nós vamos terminar, presidente Sarney, em 2010. O Brasil terá 10 universidades federais novas, o Brasil terá 48 extensões universitárias por todo o território nacional, e o Brasil, que em 93 anos construiu 140 escolas técnicas

profissionais, em oito anos vai concluir 214 escolas técnicas profissionais. Além do PDE e além do Fundeb, vocês sabem que nós aumentamos os anos de escolaridade das crianças no ensino básico, de 8 para 9 anos, numa perspectiva de que a gente, não só coloque mais crianças na escola, mais gente no ensino técnico e mais gente na universidade, para mais gente poder comprar livros e para mais gente poder ter acesso à literatura neste País.

E nós adotamos uma outra política, coordenada pelo ministro Dulci. Nós lançamos um programa para os adolescentes brasileiros, de 15 a 29 anos, que já estavam na beira da navalha, jovens que já estavam, praticamente, entre uma vida social adequada e a criminalidade, a desesperança. São 4 milhões e 200 mil jovens. Nós juntamos todos os programas ligados à juventude, e vamos trazer esses jovens de volta para a escola, em vários programas. O governo vai dar um incentivo em dinheiro para esses jovens, vamos ensinar a eles uma profissão para que eles possam ter uma oportunidade, não entre o crime organizado, o narcotráfico e a sua morte ou a sua vida, mas para ele fazer uma opção entre ser um cidadão, ter acesso a uma profissão, ter acesso a um salário e poder conquistar aquela cidadania que todos nós, aqui, já conquistamos, sobretudo, presidente Vilaça, pensando no nosso querido Nordeste.

Eu não consigo compreender como esta Academia que tem cinco nordestinos, dos quais cinco de Pernambuco, e o presidente Sarney, com forte dependência genética de Pernambuco, como é que pode o nosso Nordeste ter ficado tão esquecido em cinco séculos de existência do nosso País? Recuperar o Nordeste e o Norte brasileiros para deixá-los mais equânimes do ponto de vista das possibilidades com o Sul e o Sudeste... quem faz política neste País sabe o que nós estamos enfrentando. Sabe que já é dado de barato que o Nordeste nasceu para ser pobre, já é dado de barato que a Amazônia nasceu para ser pobre, e nós precisamos revolucionar, primeiro, a nossa cabeça, depois os nossos atos e depois as nossas tomadas de decisão, em forma de políticas públicas, para tornar o Brasil mais justo, mais solidário e mais brasileiro.

Muito obrigado e que Deus abençoe todos vocês.

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Aeroporto Internacional de Cabo Frio**

Cabo Frio-RJ, 28 de setembro de 2007

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o nosso vice-governador, o nosso companheiro Pezão,

Cumprimentar o Jorge Picciani, presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro,

Cumprimentar o senador Paulo Duque, os deputados Edson Santos, Bernardo Ariston, Chico D'Angelo e o dr. Paulo César,

Cumprimentar o nosso companheiro Marquinhos Mendes, prefeito de Cabo Frio,

Cumprimentar o Sérgio Gaudenzi, presidente da Infraero,

Cumprimentar os empresários Murilo Junqueira, presidente da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,

Cumprimentar o Francisco Pinto, presidente do Conselho de Administração da Costa do Sol Operadora Aeroportuária,

Cumprimentar os secretários de estado, a secretária do governador Sérgio Cabral,

Os secretários da prefeitura,

Os vereadores,

E dizer para vocês, meus queridos companheiros de Cabo Frio, quando eu ainda estava disputando a campanha e fiz a primeira reunião com o governador Sérgio Cabral, eu disse uma coisa, no primeiro comício que fizemos juntos, que Sérgio Cabral e eu poderíamos, se quiséssemos, fazer a maior parceria já feita entre um governo de estado e um presidente da República, para que o Rio de Janeiro recuperasse o prestígio e deixasse de sair nas páginas dos jornais apenas pela violência, pelo crime organizado e pelo narcotráfico, que era importante mudar a cara do Rio de Janeiro. Pois bem, isso só é possível quando você tem um governador desprendido, quando

você tem um governador que não quer disputar cada milímetro de espaço e que não está preocupado com que cargo ele vai disputar daqui a quatro anos. Quando você tem no estado um governador eleito que sabe que tem a obrigação de governar bem nos primeiros quatro anos, porque foi para isso que ele foi eleito, e em função dessa boa governança, tem o direito de pleitear aquilo que ele quiser ser.

Pois bem. É muito importante que o governador tenha no presidente da República um companheiro e é muito importante que o presidente da República tenha no governo do estado um companheiro. E, mais importante, é quando esse governador é capaz de articular com os prefeitos sem querer saber se o prefeito é do PT, do PSDB, do PFL, mas querer saber que esse prefeito precisa fazer o melhor possível, porque quando ele acerta, o povo ganha. Quando ele erra, o povo perde. E nós não fomos eleitos para fazer com que o povo perca.

Este aeroporto aqui é mais uma demonstração disso. Aqui tem 12 milhões e 900 mil reais do governo do estado, aqui tem 11 milhões e 600 mil reais do governo federal, da nossa Aeronáutica, aqui tem 5 ou 6 milhões de reais do prefeito, aqui tem 5 ou 6 milhões de reais da iniciativa privada. Essa somatória de interesses é que permitiu que o Boeing presidencial pudesse pousar aqui hoje, no primeiro vôo de Boeing neste aeroporto. Bem, a partir do Boeing presidencial ou do Airbus presidencial, qualquer outro avião pode pousar aqui, Sérgio. Pode vir avião do Japão, da China, da Alemanha, de Portugal, da Espanha, de onde você quiser, da Argentina, do Uruguai, do Paraguai, do Equador, da Colômbia, da Venezuela, do México. Sabe por quê? Porque agora o aeroporto está provado e comprovado. Ou seja, porque o pessoal que cuida do meu avião só pousa em aeroporto seguro, por isso é que eu estou pousando aqui.

A segunda coisa, companheiros e companheiras de Cabo Frio, que eu queria dizer para vocês, é que eu sou um ser humano determinado. Eu acho que não existe espaço no mundo para pessoas que se sentem derrotadas diante de qualquer obstáculo. Esses, não vão a lugar nenhum. Os que vencem são aqueles que persistem, são aqueles que perseveram, são aqueles que acreditam.

Eu estou convencido, Sérgio, de que o País vive um dos momentos mais extraordinários desde a descoberta do Brasil. As coisas estão todas

combinando entre si. Eu acabo de fazer uma viagem, Sérgio, fui à Finlândia, fui à Noruega, fui à Dinamarca, fui à Suécia, fui à Espanha, e agora eu fui a Washington e tive um encontro com 12 presidentes de países estrangeiros. Sérgio, o dia em que nós, brasileiros, e, sobretudo, os nossos empresários tiverem 50% da confiança no Brasil que estão tendo os investidores estrangeiros, este País vai dar um salto de qualidade em dez anos, que ele não deu em 50 anos. Vai dar um salto de qualidade extraordinário.

Vejam vocês: há pouco tempo teve a crise da Rússia e quando teve a crise da Rússia, o Brasil quebrou. Depois, nós tivemos a crise da Malásia e o Brasil, outra vez, quase quebrou. Agora, nós estamos tendo uma crise nos Estados Unidos, que é a famosa crise imobiliária. Nos Estados Unidos, não sei se vocês sabem, eles financiam uma casa. A casa custa 300 mil dólares, aí um cidadão compra a casa. Se, um ano depois, a casa estiver valendo 400, o cidadão que tinha feito uma dívida de 300 para comprar a casa pode ir ao banco e pegar mais 100 mil dólares, porque é o valor da casa. E aí ele vai consumindo, e é por isso que a sociedade americana cresceu tanto. Só que as casas não subiram, o valor da casa caiu. E o que aconteceu? Um milhão e meio de pessoas já perderam a casa. Os bancos de investimento que compravam títulos, muitos já estão quebrando. Só o Banco Central europeu já colocou 400 bilhões de dólares. Os Estados Unidos já colocaram mais 200 bilhões de dólares e eu já estou falando de 600 bilhões de dólares. Na crise russa, sabem qual foi o dinheiro colocado? 90 bilhões de dólares e o Brasil quebrou.

Agora, eles já colocaram 600 bilhões de dólares e a Bolsa brasileira bate recorde todos os dias e toda hora. Por quê? Porque, Sérgio, eu aprendi, na minha vida de 27 anos dentro de uma fábrica, que quando a gente recebe o salário contado no final do mês e a gente é sério, a gente não gasta o dinheiro jogando *snooker* antes de chegar em casa. A gente vai para casa com o dinheiro, senta com a mulher da gente e discute, primeiro, o que tem que pagar; segundo, o que tem que comprar; depois, a gente separa o dinheiro do transporte do mês inteiro; se der para comprar uma coisa nova, compra. Se não der, espera pelo mês seguinte. Quando chega o final do ano, Sérgio, a gente recebe, na fábrica, décimo-terceiro, às vezes, a gente recebe férias e, às vezes, a gente recebe 50% do décimo-terceiro do ano seguinte. Então, a gente

recebe uma bolada razoável. Quando o trabalhador é sério, ele se senta com a mulher antes do Natal, ou a mulher que trabalha se senta com o marido e com a família antes do Natal, e não gasta tudo, não.

Tem gente, como os que governaram antes de nós, que gasta tudo antes do Natal. Chega no mês de janeiro, quando a gente recebe o pagamento, aí o pagamento de janeiro vem salgado de descontos. Além de a gente ter que pagar tudo que é imposto, eles descontam imposto de renda, descontam um monte de coisas, e a gente recebe nada. Então, o que a gente faz? A gente guarda dinheiro para que a gente não atravesse o mês de janeiro quebrado. Quem vive de salário sabe disso.

Pois bem, o que nós fizemos, Sérgio? Em 2003, você sabe que eu fui xingado, você sabe que, muitas vezes, companheiros meus diziam “Lula, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que gastar”, e eu aprendia aquela fábula da cigarra e da formiguinha. Enquanto a cigarra cantava, a formiguinha trabalhava, a cigarra cantarolava e a formiguinha trabalhava. Quando veio o inverno, a cigarra pifou e a formiguinha estava tranqüila, com comida, para cuidar da sua família o tempo inteiro. Essa fábula não é muito honesta com a cigarra, porque a cigarra também não é um bicho tão ruim assim. Mas, o que nós fizemos? Nós sabíamos que era preciso criar uma espécie de muro de defesa do Brasil, que não precisava ficar dependendo dos outros. Vocês vejam que essa crise toda, até agora o Guido não foi a Washington, até agora nenhum ministro foi a Nova Iorque, porque nós temos 162 bilhões de dólares de reservas. Portanto, os americanos que cuidem da sua crise e deixem o Brasil progredir, porque nós merecemos e construímos isso.

E eu digo isso para dizer, Sérgio, que os 504 bilhões de reais que nós estamos colocando no PAC são o maior investimento do governo federal em obras de infra-estrutura, nas últimas décadas neste País. E esse dinheiro, uma boa parte dele vai vir para o Rio de Janeiro, porque nós vamos cuidar, junto com o governador e com os prefeitos, das principais favelas do Rio de Janeiro. Nós vamos cuidar, porque nós achamos que o Rio de Janeiro é uma obra divina. Deus, quando fez o mundo, fez o Rio de Janeiro e deve ter jogado o esboço fora, porque ninguém consegue ter um lugar mais bonito do que este estado do Rio de Janeiro. Não existe.

Então, se Deus fez esta obra-prima, por que a gente haverá de

estragar? Lamentavelmente, Sérgio, você e eu estamos construindo o que alguns estragaram. Mas eu quero te dizer uma coisa, Sérgio, quero te dizer o seguinte. Se depender de você e de mim, o povo do Rio de Janeiro pode ter a seguinte confiança: não haverá nada que possa fazer com que eu e o Sérgio Cabral venhamos, por coisas menores, criar qualquer problema entre nós que o resultado venha a prejudicar o povo do Rio de Janeiro. Não temos essa irresponsabilidade. Os projetos que nós temos para o Rio de Janeiro são para transformar o Rio de Janeiro, economicamente, num estado muito forte neste País. E este aeroporto aqui, vocês estão vendo aquela pista ali... Por trás de uma pista destas, vai vir uma empresa; por trás desta pista, vai vir um avião do estrangeiro, vai vir um turista, vai ser construído um hotel, vai ter que contratar uma camareira, vai ter que contratar uma atendente, vai ter que contratar um companheiro para fazer uma boa caipirinha para a gente atender os nossos cidadãos do mundo que virão aqui, e tudo o mais ficará feliz.

Eu, Sérgio, tinha uma lembrança de Cabo Frio um tanto quanto ruim, porque eu estava de férias em Cabo Frio no dia 22 de dezembro de 1988, quando eu recebi a notícia da morte do Chico Mendes, no Acre. Eu tive que pegar um avião, cortar as minhas férias, ir lá para o Acre, à cidade de Xapuri, para o enterro do Chico Mendes. Quando eu cheguei aqui, tive a notícia do marido da Benedita, do Bola, que tinha morrido no Rio de Janeiro. Eu tinha acabado de chegar da morte do Chico Mendes e daqui mesmo fui para o cemitério São João Batista, para o enterro do Bola, do nosso companheiro Bola. Então, eu tinha uma imagem meio triste de Cabo Frio. Agora, eu estou aqui, olhando na cara de vocês, olhando na cara do Prefeito, olhando na cara do Governador, e estou dizendo o seguinte: realmente, chegou a vez de Cabo Frio deixar de ser uma cidade secundária e passar a ser uma cidade conhecida.

Eu, Marquinhos, quando chegar agora na Espanha, quando chegar na Itália, quando chegar na França, eu vou encontrar gente falando assim para mim: "Presidente Lula, eu fui a Cabo Frio, eu fui à praia de Cabo Frio." Aí Cabo Frio vai ficar mais famosa, vão vir mais empresas, vão vir mais empregos, vai ter mais salários, vai ter mais renda e mais comércio. No ano que vem, você vai inaugurar aqui um Cefet, que é uma escola profissional para essa meninada.

E eu só posso terminar, Marquinhos, desejando a você, desejando ao povo de Cabo Frio, toda a sorte do mundo. Olhe, eu recebi hoje os documentos da fábrica Álcalis, apenas hoje eu recebi os documentos que os companheiros do sindicato me entregaram. Eu vou dar uma estudada direitinho. Na segunda-feira, eu vou estar no Rio de Janeiro outra vez com o Sérgio Cabral, nós vamos fazer aqui também algumas coisas importantes no Rio de Janeiro. E eu quero dizer para vocês que eu vou estudar com muito carinho o que a gente pode fazer para recuperar essa empresa do nosso País.

Companheiros, muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia por ocasião da visita às obras do Campus da Universidade Federal do ABC

Santo André-SP, 28 de setembro de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Cumprimentar o nosso companheiro Luiz Marinho, ministro da Previdência,

Cumprimentar o nosso querido ministro Franklin Martins, que está aqui conosco,

Cumprimentar o nosso magnífico reitor da Universidade Federal do ABC, professor Luiz Bevilacqua. É chique falar magnífico.

Quero cumprimentar o nosso querido deputado federal Frank Aguiar, que está aqui no nosso meio,

Quero cumprimentar o prefeito João Avamileno,

Depois o Frank vai cantar um forró.

Quero cumprimentar o companheiro Filippi, prefeito de Diadema,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito de Osasco que está aqui,

Quero cumprimentar os nossos companheiros deputados estaduais, deputados federais,

Quero cumprimentar o Montorinho, presidente da Câmara Municipal,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Luizinho, nosso ex-deputado federal, responsável direto por esta Universidade estar aqui no ABC.

Quero cumprimentar os professores, os funcionários e os alunos desta Universidade,

Quero cumprimentar meus companheiros aqui,

Eu queria que vocês atentassem para uma coisa importante. Vocês estão vendo aquela senhora que está sentada ali no canto? Aquela senhora, quem é metalúrgico sabe que é: a famosa “tia”, do bar do Sindicato do Metalúrgicos.

Aqui, só para você, Fernando Haddad, ter uma idéia – eu pensei que você ia citar e você não citou –, de 2003 a 2007 houve um avanço, um aumento de vagas nas universidades estaduais de apenas 16%, e nas universidades federais 72% aumentaram as vagas aqui em São Paulo. Se os números não estiverem certos, meu caro, depois você se vire e explique.

Mas eu queria conversar outro assunto com vocês, que para mim é extremamente importante. Quando nós viemos aqui, no ano passado, e isso aqui era apenas um barracão e tinha bastante gente aqui, eu saí com a impressão de que algumas pessoas saíram pensando que eu tinha vindo anunciar a Universidade apenas porque estava próximo das eleições. Veja, é importante que vocês saibam o que está acontecendo neste País, neste momento, que muitas vezes vocês não conseguem ver na televisão, muitas vezes vocês não conseguem ler na imprensa e, muitas vezes, vocês não conseguem ouvir no rádio. O que está acontecendo neste País é que nós estamos fazendo uma revolução que, se tivesse começado a ser feita há 50 anos, o Brasil hoje seria uma das três ou quatro maiores economias do mundo. Porque nós temos todas as condições. Acontece que, neste País, toda vez que se pensava em educação, a primeira palavra que vinha à boca dos governantes era a de que não se poderia fazer determinadas coisas porque gastava muito dinheiro, significava um custo muito alto. Qual é a contradição? A contradição é que cada centavo que a gente investir na educação hoje, a gente vai arrecadar 100 vezes mais quatro anos depois, quando o aluno estiver formado. A gente vai arrecadar muito mais.

Então, você não pode emprestar dinheiro para uma empresa construir um fábrica e dizer que é investimento, e fazer a universidade e dizer que é gasto. A universidade é um investimento tão importante ou mais importante que qualquer outro investimento que se faça em qualquer parte do mundo. Por quê? Porque a universidade faz uma reforma estrutural na cabeça da sociedade, ela deixa a sociedade mais competitiva com qualquer outra nação do mundo. É por isso que nós fizemos o Fundeb: foram 10 bilhões de reais a mais para o ensino fundamental. É por isso que nós aumentamos de oito para nove anos o tempo de permanência das crianças na escola. É por isso que nós aprovamos agora o Programa de Desenvolvimento da Educação. É por isso que nós estamos anunciando ao Brasil que, até 2010, nós vamos ter 10

universidades federais novas, vamos ter 48 extensões universitárias pelo Brasil inteiro e vamos ter mais 214 escolas técnicas profissionais neste País.

Prestem atenção: em 1909, Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica neste País, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Desde 1909 até 2003, são 93 anos. Em 93 anos, todos os governos que passaram pelo Brasil construíram apenas 140 escolas técnicas. Nós vamos construir, em 8 anos, 214 escolas técnicas neste País.

Estamos fazendo isso porque temos consciência de que ou o Brasil entra definitivamente na era do conhecimento e coloca dinheiro – porque precisa dinheiro, laboratório custa dinheiro, universitário custa dinheiro, professor custa dinheiro, afinal de contas, o conhecimento custa dinheiro – ou nós colocamos esse dinheiro ou, amanhã, o dinheiro que a gente não quis gastar na educação, a gente vai estar gastando em cadeia, a gente vai estar gastando em celas. É muito mais barato e muito mais produtivo para a sociedade a gente construir uma sala de aula, com uma janela aberta, arejada, do que construir uma cela com uma grade de ferro, totalmente cercada. Isso, nós estamos fazendo também porque nós queremos mostrar...

Eu sei o tanto que eu fui vítima de preconceito neste País, eu sei o tanto que foi difícil chegar à Presidência da República porque se criou o dogma, Bevilacqua, de que só poderia ser presidente da República quem tivesse diploma universitário. Esse era o dogma, como se pudesse haver qualquer confusão entre a capacidade de gerenciar, a capacidade de tomar decisão política e a quantidade de anos de escola. Os anos de escola servem para 1 milhão de coisas, mas para decisão política é preciso, antes de tudo, saber de que lado se está e saber se tem consciência ou não de que lado a pessoa está governando ou está tomando posição.

Hoje, sem nenhum preconceito, eu acho que as pessoas que chegaram lá não fizeram o que nós estamos fazendo, Fernando Haddad, porque elas já tinham conquistado o seu diploma universitário. Se elas já tinham conquistado o seu diploma, para que mais aluno? Para fazer greve? Para criticar? Para levantar faixa? Para fazer passeata? Não, é mais aluno para competir com quem já é professor, é mais aluno para competir com quem já é deputado, com quem já é presidente. O que nós queremos, na verdade, é uma sociedade muito mais sábia, muito mais inteligente, muito mais preparada

intelectualmente, cientificamente, tecnologicamente. É isso que vai colocar o Brasil no patamar dos países altamente desenvolvidos.

Agora que a economia brasileira começou a crescer, a gente está sentindo falta de mão-de-obra qualificada, a gente está sentindo falta de mão-de-obra de engenheiros no Brasil, hoje. Ora, isso porque não se investiu há 10 anos e vocês sabem que para se formar um engenheiro, a gente não o forma num dia. Leva, no mínimo, 4 anos, e para ele ser um profissional qualificado leva 10 anos, 12 anos, porque depois de formado ele vai ter que estudar. Houve alguém, Fernando Haddad, que disse o seguinte: “Não, 5 anos para engenharia é muita coisa, 6 anos para medicina é muita coisa, 5 anos para advogado é muita coisa”. Havia quem propusesse que a gente diminuísse os anos de permanência dos alunos na universidade, para colocar mais gente. Na verdade, a gente não queria que as pessoas tivessem conhecimento, a gente queria que as pessoas tivessem um diploma, e o diploma só tem sentido se junto com o diploma tiver o conhecimento. O canudo pelo canudo não vale nada porque nós já temos experiência de algumas faculdades no Brasil que formam pessimamente as pessoas.

Uma outra coisa extremamente importante, companheiras e meus companheiros: a economia brasileira vive um momento auspicioso. A economia brasileira, hoje, vocês estão lembrados que antes de nós chegarmos à Presidência da República o Brasil devia ao FMI, devia ao Clube de Paris, não tinha crédito para as suas importações. O que acontece hoje? Hoje, nós temos 162 bilhões de dólares em reservas. Tem uma crise nos Estados Unidos e nós não estamos nem um pouco preocupados com a crise dos Estados Unidos. A economia brasileira está crescendo, a construção civil, que ficou 20 anos sem crescer neste País, está crescendo a 20%. Nós, hoje, temos uma matriz energética invejável, por isso estamos andando o mundo e discutindo a questão do biocombustível, seja o biodiesel, seja o etanol.

Quando alguém levanta o argumento de que se for plantar biocombustível vai faltar alimento no mundo, eu fico pensando: olhe o mapa do continente africano, lá não se planta um pé de cana, por que tem fome lá? Lá tem fome porque a questão da fome no mundo, hoje, não é falta de alimento, é falta de dinheiro para comprar alimento, porque o avanço na biotecnologia é tanto, que hoje a gente colhe cada vez mais numa área menor plantada. O

exemplo é a cana. Hoje nós colhemos, por hectare, 4,5 vezes o que a gente colhia em 1975. Então, o Brasil hoje se apresenta para o mundo como o país detentor de uma nova matriz energética na área de combustíveis. Aqui deve ter muita gente com carro *flex fuel*, é uma novidade brasileira de causar inveja ao mundo. Logo, logo vamos ter ônibus aqui a biodiesel, para a gente poder pegar o nosso petróleo, vender e ficar utilizando o nosso combustível verde.

Eu digo sempre o seguinte: uma plataforma de petróleo custa 2 bilhões de dólares, para fazer prospecção de 200 barris/dia. Uma plataforma, quando está sendo construída, gera mais ou menos 7 mil empregos. Quando ela está pronta, vai gerar 700 empregos definitivos. Agora, para fazê-la, precisa ter autoconhecimento tecnológico. Então, poucos países têm, 9 ou 10 países têm petróleo no mundo e poucos países têm condições de fazer plataforma. O Brasil tem. Agora, vejam uma coisa engraçada. O Brasil tem porque nós compramos uma briga. Em 2002, a grande briga que nós fizemos era dizer que a engenharia brasileira tinha capacidade de fazer plataforma aqui. Os nossos adversários diziam que o Brasil não tinha capacidade e hoje nós estamos fazendo grande parte das plataformas aqui, nos estaleiros brasileiros.

Mas não é apenas isso. Vejam, é que o biocombustível, qualquer ser humano do planeta Terra sabe cavar um burquinho com a mão, plantar um pé de girassol, plantar um pé de mamona, plantar um pé de pinhão manso, plantar um pé de dendê, plantar um pé de algodão, pode plantar um pé de cana. Qualquer analfabeto do mundo vai poder produzir o petróleo do País.

Então, quando eu penso no biocombustível, eu penso é no Brasil e nos países ricos fazerem parcerias com os países mais pobres da América Latina, com os países mais pobres da África, e em vez de ficar só comprando dos príncipes das arábias, a gente poder comprar dos pobres presidentes da África, gerando emprego e distribuição de renda naquele país.

Para terminar, meu caro Bevilacqua, eu fui ali ver a maquete, e tem umas coisas que terminam em 2008 e outras que terminam em 2009. Mas nós já temos o dinheiro em caixa, já foi licitado. Então, eu pedi para o Bevilacqua, a gente não tem que esperar 2009, Bevilacqua, a gente tem que inaugurar esta Universidade em 2008. Olhe que data bonita, 27 de setembro de 2008, para a gente inaugurar a Universidade. Nós temos o dinheiro, temos o trabalhador, temos os estudantes, temos as necessidades. Portanto, eu acho que está na

hora da gente fazer.

A Universidade de São Bernardo do Campo, nós tínhamos um pequeno problema, o terreno que a prefeitura nos ofereceu era um terreno perto daquela rodovia Cacique Tibiriçá, da Índio Tibiriçá. Eu, como sou pescador da represa Billings, ou seja, do tempo em que ela tinha muito peixe, eu fiquei preocupado porque aquela região, tem uma época do ano em que ela faz uma cerração que a gente não enxerga um palmo na frente do nariz. E eu fiquei pensando: milhares de jovens de carro tendo que ir para a universidade à noite, pegando um tempo que não permitia que eles dirigissem. Então, eu preferi ordenar ao companheiro Ministro da Educação que pedisse para a Caixa Econômica Federal vir a São Bernardo fazer a apreciação de um terreno que tinha aqui na prefeitura. Nós decidimos comprar um terreno por 50 milhões de reais e vamos fazer a universidade no centro de São Bernardo do Campo, porque facilita para o povo de Santo André, para o povo de São Paulo, para o povo de Diadema, para o povo de Mauá, para o povo de Santos e, obviamente, para o povo de São Bernardo do Campo. Logo, logo, nós vamos fazer o mesmo que estamos fazendo aqui em Osasco. E depois também em Mauá porque Mauá, não sei se você sabe, Fernando Haddad, também faz parte do ABC, então precisa colocar Mauá aqui na história.

O dado concreto, Bevilácqua, é que eu queria te dar os parabéns, não só pelo carinho com que você tem tratado este projeto. Dar os parabéns ao ministro Fernando Haddad, que não tem medido esforços para que a gente cumpra todas as nossas metas. Veja que absurdo, Fernando, parece ironia do destino: um metalúrgico que não tem um diploma universitário vai passar para a história como o presidente que mais fez universidades e escolas técnicas no mandato. Parece ironia do destino, mas tem uma coisa que eu quero que vocês saibam: quando a gente coloca um filho no mundo, a gente quer que o filho sempre seja melhor do que a gente. Vocês podem ter certeza de que o pai de vocês quer que vocês sejam melhores do eles, a mãe de vocês quer que vocês sejam muito melhores. E eu, na verdade, quando chego à Presidência da República, o que a gente quer? A gente quer que a nossa juventude tenha as oportunidades na vida que eu não tive quando eu tinha a idade de vocês. Nós temos que garantir para vocês o que não garantiram para mim.

Por último, companheiros, quero aproveitar que tem muito jovem aqui,

nós lançamos na semana passada um programa para a juventude brasileira. Nós estamos tentando resgatar 4 milhões e 200 mil jovens de 15 a 29 anos de idade, pessoas que já desistiram da escola, alguns não terminaram o ensino fundamental. A gente está tentando trazer, até 2010, esses 4 milhões e 200 mil jovens para a escola outra vez. E, por conta disso, a gente vai pagar uma ajuda de custos para esse jovem voltar a estudar, aprender uma profissão e voltar a trabalhar.

Com relação à Fundação, companheiros, veja, primeiro vocês são inteligentes e sabem que o governo federal não tem como fazer, se não houver um pedido da Fundação para uma conversa com o ministro da Educação, para poder ver se encontra uma solução. É uma universidade municipal que, portanto, não está subordinada às possibilidades federais. Agora, como independentemente disso vocês são estudantes brasileiros e, portanto, merecem ser tratados com a mesma dignidade das universidades federais que nós estamos fazendo aqui, eu queria pedir, Fernando Haddad, que depois você tivesse uma conversa com o João Avamileno, com o reitor da Universidade, aqui, Bevilácqua, para ver se a gente consegue encontrar uma solução. Não me peçam, que eu não posso destituir reitor. Eu não posso eleger e não posso destituir, essa é uma questão do corpo docente, dos alunos da escola, dos funcionários. Eu só quero dizer o seguinte: naquilo que a gente puder ajudar, a gente vai ajudar. Se a gente não puder ajudar, a gente não se mete, porque é muito melhor ficar onde a gente está.

Um grande abraço a vocês e até 27 de setembro do próximo ano.